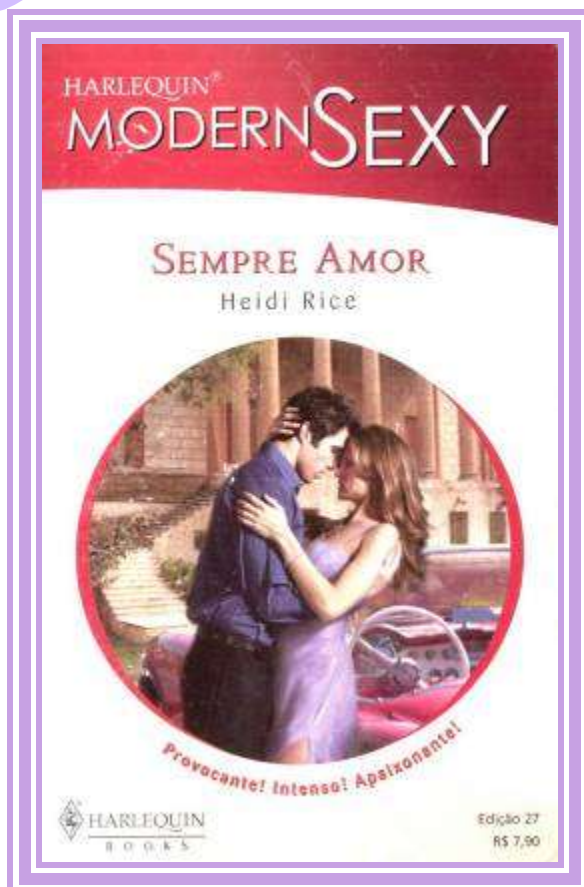


Sempre Amor

(Pleasure, Pregnancy And a Proposition)

Heidi Rice



O sexy milionário Luke Devereaux apareceu no escritório de Louisa, a arrastou para o médico e exigiu que ela fizesse um teste de gravidez. E, para seu total horror e consternação, o resultado foi positivo! Três meses antes, Luke dera a Louisa uma noite de prazer como ela jamais poderia ter imaginado... e nunca deveria se repetir. Mas suas conseqüências o levavam a exigir o casamento, e sua proposta incluía também uma promessa: mais noites de inacreditável prazer...

Digitalização, Revisão e Formatação: Simone R.



Querida leitora,

Após uma decepção amorosa, Louisa DiMarco mergulhou em seu trabalho, e estava se acostumando a manter os homens a distância... até reencontrar Luke Devere-aux, o belo, rico e poderoso lorde de Berwick. Ele parece determinado a assumir o controle de sua vida, mesmo sabendo que ela jamais se renderia sem lutar. No entanto, Louisa está prestes a descobrir do que Luke é capaz, e um discreto, mas eficiente, seqüestro será apenas o começo...

Equipe Editorial Harlequin Books

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: PLEASURE, PREGNANCY AND A PROPOSITION

Copyright © 2008 by Heidi Rice

Originalmente publicado em 2008 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: núcleo i designers associados

Editoração Eletrônica: ABREITS SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 21) 2195-3186

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para: Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera



virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

— RÁPIDO, LOU! Veja só o bonitão que entrou no escritório!

Louisa DiMarco repousou os dedos sobre o teclado do computador ao ouvir a exclamação da sua assistente editorial, Tracy.

— Não me atrapalhe, Tracy! Estou com o prazo quase esgotado para terminar este artigo. E levo o meu trabalho muito a sério para desperdiçar o meu tempo com futilidades.

Louisa era uma profissional responsável e uma das mais respeitadas cronistas contratadas pela *Blush Magazine* para a redação de artigos especializados. E o artigo que elaborava no momento, sobre os prós e contras das cirurgias plásticas para aumento de mama, estava lhe dando uma grande dor de cabeça. Não conseguia decidir-se sobre onde estavam os prós. Por conta disso, não queria que Tracy a distraísse por causa de algum homem bonito que acabara de avistar no escritório.

— Esse garanto que vale a pena, Lou. Não vai querer perder essa oportunidade, vai?

Louisa mantinha a cabeça baixa e prosseguiu digitando por mais uns dois segundos.

— Santo Deus! — ela exclamou e clicou na tela para salvar o trecho. — Está bem. Apenas uma rápida espiada. E, sinceramente, espero que valha a pena! — exclamou Louisa, convencida de que mesmo uma dedicada redatora de artigos como ela, merecia alguma diversão em uma das mais entediadas tardes de sexta-feira.

Louisa afastou a cabeça do monitor para conseguir um ângulo mais favorável. Contudo, não esperava nada de muito espetacular, tendo em vista que o gosto de Tracy para homens não era nada encorajador. Com certeza o que a outra considerava um bonitão, não conseguiria fazer com que Louisa se sentisse mais atraída do que as fotos que ficara analisando a tarde toda.

— Onde é que está o "Adônis", Tracy?

— Logo ali — Tracy apontou com um dedo para o canto mais distante do salão. — Aquele que está conversando com o Piers. Ele não é magnífico?

Louisa lançou um sorriso para a assistente. Era bom saber que Tracy não era a única "alucinada" do escritório. No momento em que seu olhar cruzou a extensão lotada de mesas de trabalho, onde os jornalistas digitavam como loucos as últimas notícias da sexta-feira que precedia à edição da revista, avistou duas funcionárias que se contorciam para poderem espiar na direção da mesa da recepcionista. Louisa piscou. Tracy não apenas a surpreendera, como a deixara atônita.



Louisa tinha que dar o braço a torcer. O homem realmente era muito bonito. Principalmente olhando pelo ângulo em que ela estava. Alto, moreno e de ombros largos. Trajava um terno azul marinho de excelente qualidade. Adônis fazia com que o gerente editorial delas, Piers Parker, cuja altura atendia aos padrões da maioria dos homens, parecesse um anão se comparado a ele.

— E então? O que achou? — Tracy perguntou com impaciência.

— Bem, olhando-o de costas eu diria que ele é realmente magnífico. Mas preciso ver o rosto dele para ter uma conclusão final. Como sabe, ninguém entra para o *hall* da fama na DiMarco antes de passar pelo teste de um rosto bonito.

De pé, com as pernas levemente apartadas, Adônis pareceu escolher aquele exato momento para colocar uma das mãos num bolso traseiro da calça. O movimento súbito parecia denunciar uma irritação que pretendia controlar. O gesto brusco fez com que a barra do paletó subisse e proporcionasse uma visão mais ampla do corpo perfeito.

Se ele apenas girasse o corpo um pouco mais e chegasse mais perto...

Foi o que Louisa pensou, enquanto pressionava a parte inferior da caneta esferográfica que segurava contra os lábios. Tentou ignorar um pressentimento vago de que conhecia o homem em questão.

De repente o ruído dos teclados com a rápida digitação começou a diminuir à medida que as mulheres jornalistas começaram a notar a presença do homem bonito e elegantemente trajado. Louisa quase podia sentir a explosão coletiva de estrogênio no ar e alguns suspiros de admiração.

— Talvez ele seja o novo assistente do editor — Tracy arriscou um palpite, lotada de esperança.

— Duvido. O terno que ele está usando é da nova coleção de estação de Armani. E Piers está praticamente se curvando diante do homem. E isso significa que o nosso Adônis ou é um dos diretores do *Magazine* ou algum figurão da alta sociedade — opinou Louisa, embora não ficasse surpresa se fosse algum astro do futebol, a julgar pelo porte atlético. Contudo, jamais vira um esportista que aparentasse tanta sofisticação e tivesse maneiras requintadas.

Louisa ajeitou os cabelos instintivamente.

Deus!, ela exclamou em pensamento, percebendo que estava quase sem fôlego. Havia tanto tempo que não flertava com alguém, que já nem mesmo reconhecia os efeitos que essa emoção ocasionava. E ainda mais tempo que não se sentia empolgada com a presença de um homem bonito.

Os seus pensamentos começaram a divagar e uma imagem surgiu na mente. Louisa a afastou instantaneamente. Recusava-se a se lembrar do que acontecera há mais de três meses. Para ser exata, 12 semanas, quatro dias e 16 horas...

Contudo, o lampejo inconsciente a recordou do charmoso Luke Devereaux,



Lorde de Berwick, rolando com ela na grama em uma atitude ingênua e brincalhona. Ainda bem que aquela lembrança não tinha mais o poder de aborrecê-la.

Naquele instante, Louisa franziu o cenho, ao notar que Piers apontava na direção dela.

Que estranho!, pensou Louisa no momento em que o editor começou a aproximar-se dela e Adônis o seguia de perto.

Quando Louisa finalmente conseguiu enxergar o rosto do misterioso Adônis, sentiu-se fulminada com os olhos acinzentados familiares. O coração disparou feito o rufar de um tambor e o sangue nas veias pareceu concentrar-se inteiramente no rosto. Os cabelos da nuca se arrepiaram tanto, que pareciam arrancados pela raiz. E, à medida que ele avançava, o calor que lhe abrasava o rosto agora parecia espalhar-se pelo corpo, no mesmo momento em que a lembrança que reprimia há tanto tempo, de repente aflorasse com toda a ferocidade — os dedos grossos a acariciando, os lábios sensuais provocando o ponto sensível da curvatura do pescoço e ondas sucessivas de prazer percorrendo a sua espinha sem parar. O emaranhado de sensações boas e ruins provocaram um verdadeiro nó no estômago. O que ele estaria fazendo ali? E não se tratava de nenhum Adônis. O homem que se encaminhava na direção dela era o verdadeiro *demônio* em forma humana, concluiu Louisa, com um amargo ressentimento.

— Uau! Ele está vindo na nossa direção! — Tracy anunciou com entusiasmo. — Oh, meu Deus! Aquele não é o Lorde... Como é mesmo o nome dele? Você sabe, Louisa. Ele constava na lista do artigo que elaborou sobre os britânicos solteirões mais cobiçados. Talvez esteja aqui para agradecê-la.

Difícilmente, Louisa pensou. Ela já sabia exatamente qual fora a reação dele por causa daquele artigo, três meses atrás.

Ela se remexeu no assento e, após endireitar os ombros, cruzou as pernas, tentando ajustar as botas no vão e evitar que os saltos extremamente altos batessen contra a madeira da mesa.

Se ele se encontrava ali para tentar seduzi-la outra vez, estava muito enganado.

Ele se aproveitara da natureza dócil e como ela ficara fascinada pelo porte magnífico e o charme encantador daquele homem. Mas isso acontecera três meses atrás. Agora Louisa estava perfeitamente prevenida.

LUKE DEVEREAUX dava longas passadas sobre o carpete enquanto fixava os olhos em sua presa. Quase nem notava o gerente editorial que o acompanhava, ou a multidão de olhares femininos que o admirava. Toda a sua concentração, como também sua indignação, se dirigiam exclusivamente para uma mulher em especial. E ela lhe parecia tão linda quanto ele se lembrava — cabelos loiros e brilhantes que emolduravam um

rosto quase angelical. Roupas de grife e um decote que evidenciava a beleza da junção dos seios empinados e perfeitos. Pernas longas e bem torneadas. Botas de couro até o limite dos joelhos e saltos finos e altos. Uma razão extra para que ele se mantivesse na defensiva. Aparências muitas vezes enganam e aquela mulher não era nenhum anjo. O que ela planejara fazer com ele poderia ser considerado como a pior coisa que uma mulher poderia fazer com um homem. Estava certo que as coisas haviam saído de controle três meses atrás. E ele tinha que admitir que grande parte da culpa fora dele próprio. Seu plano inicial havia sido apenas lhe proporcionar uma lição sobre respeitar a privacidade alheia, e não tirar vantagens dela, como fizera.

Porém, ela também tinha sua parcela de culpa. Ele concluiu.

Luke jamais conhecera uma mulher tão incauta e impulsiva. E, afinal, ele não era nenhum santo. Quando ela o olhou e se derreteu literalmente diante dele, o que supunha que faria? Ele não conhecia ninguém que fosse capaz de raciocinar com clareza se estivesse nas mesmas circunstâncias. Como essa mulher esperava que ele adivinhasse que ela não era tão experiente quanto demonstrava?

Apesar de tudo, uma coisa era certa: Luke se sentia culpado por ter agido como agiu. E, após ter tido uma conversa com um amigo em comum, Jack Devlin, na noite anterior, toda a culpa e remorso que sentia deram lugar a um sentimento muito diferente, quando o outro lhe contou sobre uma vida inocente que resultará de tudo aquilo. E Luke estava disposto a fazer o que tivesse que ser feito para protegê-la. Por mais que ela se ressentisse das injustiças que ele pudesse ter-lhe ocasionado no passado, Luke não teria dúvidas em fazê-la curvar-se diante da vontade dele agora. E quanto mais cedo ela soubesse disso, melhor seria. Louisa DiMarco sabia que Luke Devereaux jamais abandonaria seu dever. Ele guardava muito bem as palavras do falecido Lorde Berwick, ditas no primeiro e último encontro muito tempo atrás: *"O que não mata só o torna mais forte."* E Luke aprendera aquela lição da pior maneira, quando tinha apenas sete anos de idade. Assustado e sozinho, em um mundo que não conhecia, precisou aprender a nadar rápido ou afundaria.

E agora era hora da srta. DiMarco aprender a mesma lição.

Luke aproximou-se da mesa de trabalho de Louisa e notou o brilho de fúria nos incríveis olhos castanhos, a pele sedosa e bronzeada incendiada pela ira e o nariz empinado em atitude de desafio. Por um instante ele se imaginou deslizando os dedos por aqueles cabelos loiros e macios e subjugando-a com um beijo arrebatador.

Para resistir àquela tentação, preferiu enfiar as mãos nos bolsos das calças e manter a expressão o mais serena possível.

Luke notou que Louisa não se intimidou com a presença dele.

O novo desafio fez com que a adrenalina jorrasse abundante em seu sangue. Ensinar aquela mulher a encarar suas responsabilidades poderia ser prazeroso. Ele até

antecipava a primeira lição: fazer Louisa confessar o que já deveria ter dito semanas antes.

— Senhorita DiMarco, se não se importa, gostaria de ocupar um minuto do seu tempo.

CAPÍTULO DOIS

— DESCULPE-ME, MAS quem é o senhor? — Louisa indagou, fingindo que não o conhecia e ignorando o espanto de Tracy.

— Este é Luke Devereaux, o novo Lorde Berwick — anunciou Piers, como se estivesse apresentando o "rei do universo". — Não se lembra dele? Você o incluiu na sua lista dos solteirões mais cobiçado no artigo que publicou há alguns meses. Ele é o novo proprietário da...

Devereaux ergueu uma mão no ar, interrompendo Piers. Estava convicto de que ela o reconheceria perfeitamente.

— Ah!, estou certa de que vai me dizer algo fascinante. Porém, estou muito ocupada no momento e devo preveni-lo de que elegemos os solteirões mais cobiçados apenas uma vez ao ano. Quem sabe o senhor possa retornar no próximo ano e nós o entrevistaremos? — Louisa congratulou a si mesma, em pensamento, pela ousadia do insulto disfarçado. Sabia o quanto Luke desprezara o fato de tê-lo incluído no rol dos solteirões mais cobiçados, três meses antes.

Contudo, ela não conseguiu ter a satisfação de ver o resultado que esperava. Em vez de mostrar-se aborrecido, Luke apenas prosseguia olhando-a fixamente, sem ao menos piscar um olho. E para completar, curvou os cantos da boca num meio-sorriso e plantou as palmas das mãos sobre a escrivaninha dela. Depois inclinou a cabeça até próximo de um ouvido dela e sussurrou:

— Se quer ter essa discussão em público, para mim tanto faz. Não sou eu quem trabalha aqui.

O perfume familiar da colônia que ele usava, fez com que Louisa movesse as pernas e sem querer um canto da bota se chocou contra a madeira da mesa. Ela não tinha idéia do que ele ia lhe dizer, mas a julgar pelo sorriso irônico, suspeitava que se tratasse de algo muito pessoal. E da mesma maneira como não desejava dar-lhe o mínimo espaço, também não seria conveniente ser humilhada na frente dos colegas de trabalho.

— Está bem, sr. Deveraux — ela respondeu em voz alta e desligou o computador.
— Talvez possamos proceder a entrevista agora e, quem sabe, meu superior concorde

em editá-la no próximo mês. Obviamente o senhor está ansioso para que as debutantes saibam o que "estão perdendo" — Louisa salientou com uma ponta de sarcasmo.

Ele se ergueu e deu um passo atrás. Ela percebeu um músculo mover-se no queixo quadrado. Dessa vez ela havia atingido o alvo em cheio, pensou satisfeita, enquanto apanhava a jaqueta.

— A senhorita está sendo muito gentil — Luke devolveu, recuperando o autocontrole. — Prometo que não estará desperdiçando o seu tempo.

Dirigindo a atenção para a assistente, Louisa avisou:

— Terminarei o artigo mais tarde.

— Você não retornará esta tarde — Devereaux murmurou, por trás dela.

Louisa girou o corpo para protestar, quando Piers interveio:

— O sr. Devereaux pediu para que você tirasse o dia de folga e eu já aprovei.

— O problema é que eu tenho um artigo para terminar ainda hoje — Louisa explicou, atônita. Piers normalmente se comportava como um nazista em questão de prazos.

— A Pam poderá substituir com outra matéria e o seu artigo poderá ficar para o próximo mês. Se o sr. Devereaux precisa que você o acompanhe, deveremos respeitar a vontade dele.

"O que significava aquilo?", pensou Louisa, espantada. Desde quando o editor da *Blush Magazine* se importava em agradar aristocratas arrogantes como Luke Devereaux?

Enquanto isso, Devereaux, que ouvia Piers com aparente indiferença, apanhou a bolsa que estava em cima da escrivaninha e perguntou:

— É sua?

Louisa assentiu.

— Então vamos — ele ordenou impaciente e, colocando a mão num cotovelo dela, conduziu-a gentilmente para fora do escritório.

Ela desejou gritar para que ele libertasse o seu braço, porém, com todos olhando na direção deles, Louisa preferiu suportar essa impertinência do que ocasionar uma cena na frente dos colegas. Dessa maneira, ela se deixou ser conduzida através da escadaria como uma colegial obediente diante do mestre. Mas quando alcançaram a calçada da Camden High Street, a indignação de Louisa chegou ao ponto máximo. Após livrar o braço da mão de Luke, ela esbravejou:

— Como ousou fazer isso? Quem você pensa que é?

Ele nada respondeu. Apenas abriu a porta do carro conversível estacionado bem na frente do edifício, onde não era permitida a parada de veículos, e, após jogar a bolsa dela no assento traseiro, ordenou:

— Entre no carro.

— Não. Não vou entrar — ela se recusava a ser tratada como uma qualquer. Piers até podia se curvar diante da nobreza da posição dele, mas ela não era obrigada a suportar toda aquela arrogância. E para reforçar sua decisão, cruzou os braços frente ao peito, determinada a enfrentá-lo.

Luke ergueu uma sobrancelha.

— Entre no carro, Louisa — insistiu com a voz calma. — A menos que queira que eu a erga nos braços e a coloque no banco.

— Você não ousaria...

Ela nem terminara a frase quando sentiu que seus pés não estavam mais no chão. Indignada, começou a socar o peito que mais parecia uma parede sólida, antes de ser jogada feito um saco de batatas no assento do passageiro. Ouviu a porta ser batida e travada. Louisa ainda forçou com os joelhos para tentar abrir a porta novamente, porém seus movimentos eram restritos graças ao *design* justo do seu vestido.

No instante seguinte o carro se afastava em alta velocidade, fazendo com que o corpo dela tombasse pesadamente contra o encosto da poltrona.

— Acho melhor colocar o cinto de segurança, antes que se machuque — ele gritou para superar o barulho do motor.

— Deixe-me sair! Isto é um seqüestro! — as palavras saíram num grito furioso.

Manobrando o volante com apenas uma das mãos, Luke aproveitou a que estava livre para apanhar os óculos de sol do porta-luvas.

— Pare de ser melodramática — ele criticou e ajustou os óculos.

— Melodramática?! — Como ele ousava tratá-la desse modo? Nem mesmo o pai dela fizera isso e mesmo assim ela o enfrentara quando ainda era apenas uma adolescente. Com certeza não seria agora que iria suportar tamanha afronta:

— Como pode ser tão atrevido?

Ele diminuiu a velocidade do veículo para poder frear no próximo semáforo e aproveitou para falar:

— Acho que já demonstrei até onde a minha ousadia pode chegar. Você pode escolher entre me enfrentar e suportar outra confusão, em que não conseguirá me vencer ou fazer o que eu digo e preservar sua preciosa dignidade.

Antes que ela pudesse pensar em uma resposta conveniente, Luke engatou a marcha e acelerou assim que o sinal permitiu. Louisa quase saltou no banco.

— Já lhe avisei para colocar o cinto! — repetiu ele, enquanto contornava uma esquina para seguir outra rua. Estava tão furioso que por pouco não atropelou dois pedestres que tentavam atravessar fora da faixa apropriada.

Luisa apressou-se em colocar o cinto de segurança. Afinal, não desejava se matar para salvar o amor-próprio. Em algum momento ele iria parar o carro, então ela aproveitaria para falar o que sentia. Até lá, o melhor a fazer seria ficar calada.

Porém, o plano funcionou por apenas uns cinco minutos. A medida que ele diminuiu a velocidade do carro ao cruzar a Euston Road na direção da Bloomsbury, a curiosidade feminina a venceu:

— Aonde exatamente estamos indo, se é que me permite perguntar?

— Nossa! Quanta educação! — ele exclamou com um sorriso divertido.

— Não precisa ser tão sarcástico! Tenho o direito de saber aonde está me levando!

Luke contornou mais uma esquina, freou e engatou a marcha à ré, retornando até estacionar em frente a um prédio de seis andares, com um terraço no estilo georgiano.

Ele desligou o motor do carro e apoiou um braço sobre o volante.

Direcionou o corpo na direção dela e falou:

— Agendei um horário para você — ele consultou o relógio. — Temos dez minutos — anunciou, como se aquilo explicasse tudo.

Os ombros de Luke pareciam mais largos do que Louisa se lembrava, trajando o terno de excelente qualidade e a camisa branca. Intimidador, ela diria.

Louisa espiou por cima de um ombro dele e leu a placa da rua.

— O que estamos fazendo na Harley Street?

O pequeno edifício onde pararam ostentava na entrada uma placa de bronze na qual constava o nome de dois médicos. Aquilo fazia sentido. Harley Street era o setor da cidade que concentrava a maioria das clínicas particulares. Mas por que razão Luke a teria levado ali?

Ele tirou os óculos escuros dos olhos e os atirou no banco traseiro do carro.

— Responda-me uma coisa — pediu ele com a voz aborrecida. — Quando é que você pretendia me contar sobre isso?

— Contar-lhe sobre o quê? — perguntou Louisa, intrigada pela forma como ele a olhava. Parecia que ela havia roubado as jóias da coroa e tinha sido pega em flagrante!

Luke direcionou o olhar para o abdômen feminino. Ela cruzou os braços numa atitude defensiva.

— Sobre o bebê, é claro!

CAPÍTULO TRÊS

— QUE BEBÊ? Ficou maluco?

Louisa estendeu a mão direita para agarrar a maçaneta da porta. Precisava sair do carro, antes que Luke pirasse de vez.



Num gesto rápido ele a segurou pelo pulso:

— Não se faça de inocente! Já estou sabendo sobre a gravidez. Sua mudança de humor, as queixas sobre os enjôos e principalmente o fato de estar com seu período atrasado. — Naquele ponto, Luke direcionou o olhar para o busto feminino. — E outras coisas mais que posso comprovar por mim mesmo.

— Por acaso anda espionando meu banheiro?

— Não. Jack me contou.

— Jack Devlin lhe disse que eu estou grávida? — ela berrou, pouco se importando se todos na Harley Street a ouvissem.

A menção do nome do marido de Mel, a melhor amiga de Louisa, era o que menos esperava. Havia se esquecido de que Jack e Devereaux eram amigos. E agora, Luke dizia que o outro lhe contara que ela estava grávida. Na primeira oportunidade em que Louisa visse Jack, seria capaz de estrangulá-lo!

— Bem, ele não disse com todas as palavras... Estávamos conversando a respeito da última gravidez de Mel e Jack comentou que a esposa estava desconfiada que você estivesse grávida e que estava fazendo segredo por alguma razão desconhecida.

"Que ótimo!", exclamou Louisa em pensamento. Agora teria que *estrangular* Mel, também.

— Não me diga que contou a Jack sobre o que houve entre nós...

Louisa se sentia tão humilhada com o que acontecera, que não contou nem para Mel, apesar de nunca ter escondido nada da amiga. Como poderia revelar que dormira com um homem em seu primeiro encontro e que descobrira o quanto o sexo poderia ser fantástico? E, logo em seguida, ter descoberto que o seu "príncipe encantado" na verdade tinha fingido o tempo todo. Não passava de um homem frio e manipulador que a seduzira, apenas para se vingar de um artigo que ela havia escrito, do qual ele não gostara.

— Eu não contei nada para Jack. Estava mais interessado no que ele tinha para me dizer sobre você.

Luke a olhava como se tivesse o direito de estar zangado. Subitamente, Louisa sentiu-se cansada dele e de toda aquela confusão. A única coisa que importava naquele momento seria livrar-se daquele homem o mais rápido possível.

— Eu não estou grávida. E, para dizer a verdade, já me cansei dessa conversa inútil. Vou voltar ao meu trabalho — afirmou decidida e ameaçou abrir a porta. Ele a impediu novamente.

— Quando foi seu último ciclo?

— Não vou responder isso. E, por favor, deixe-me ir embora.

Luke aumentou a pressão nos dedos que enlaçavam o pulso feminino e ameaçou:

— Não irá a lugar algum até que diga o que preciso saber.



— Isso é ridículo! Não há nada que eu tenha para lhe dizer!

Louisa deitou a cabeça no suporte do banco e cerrou as pálpebras com força. Não estava grávida. E tudo o que tinha a fazer seria convencê-lo disso. Só assim ele a deixaria em paz. E, quem sabe, não precisasse vê-lo nunca mais.

Louisa abriu os olhos e notou que ele permanecia implacável e determinado como sempre. Ela tentou lembrar-se de quando fora o seu último período. Um calor subiu ao rosto ao recordar que já fazia um bom tempo que o ciclo estava mesmo atrasado. Mas ela sempre tivera períodos irregulares. Isso não significava que estivesse grávida. E estava certa de ter tido pelo menos um ciclo depois que eles fizeram amor. E, também, tivera o cuidado de realizar um teste caseiro de gravidez.

—A propósito, se quer saber, eu fiz um teste de gravidez e o resultado foi negativo.

Luke estreitou os olhos.

— Quando é que fez esse teste?

— Não sei exatamente, mas foi logo após o nosso encontro.

— E seguiu as instruções corretamente?

— O suficiente para saber que não estava grávida. —Contudo, um rubor inconsciente a corou, diante da mentira. Na verdade, ela nem mesmo se importara em ler as instruções. Mas, e daí? A maioria das pessoas não se importa com isso.

— Tenho minhas dúvidas — afirmou Luke.

Louisa ficou tão indignada que sentiu a musculatura se contrair.

— Não fale comigo como se eu fosse alguma idiota! Eu fiz o teste e o resultado foi negativo. E, além disso, eu já tive um ciclo depois do nosso encontro. — Apesar de ter sido um ciclo muito leve, foi o suficiente para que ela se tranquilizasse.

Louisa tentou libertar o pulso da pressão dos dedos dele mais uma vez.

Ele a manteve cativa e franziu o cenho:

— Nosso encontro foi há mais de três meses. Está me dizendo que teve apenas um ciclo em todo esse tempo?

— Eu tenho períodos irregulares — ela confessou, sentindo no rosto o calor aumentar. Por que razão estava discutindo com aquele homem sobre seus problemas de ciclos irregulares? — Ouça. Não existe gravidez alguma. E nem sequer essa possibilidade.

Luke consultou novamente o Rolex de prata no pulso.

— Eu agendei uma consulta para você com uma das melhores ginecologistas de Londres. Ela poderia começar com um teste laboratorial de gravidez.

— E fez isso sem nem me consultar antes? Quem você pensa que é?

— Possivelmente o pai do seu filho — ele insistiu, sem ao menos lhe dar a chance de responder. — Você sabe muito bem que o preservativo se rompeu, Louisa — ele lhe

liberou o pulso e começou a apontar as possibilidades nos dedos de uma mão. — Você está com o ciclo atrasado há meses; há algumas semanas sofre enjôos repetidos; e seus seios aumentaram de volume. O mais sensato seria fazer um novo teste de gravidez. E, de preferência, um que seja plenamente seguro. O comentário dele sobre o aumento dos seios a deixou embaraçada.

— Pois eu afirmo que não estou grávida. E, mesmo que estivesse, o que o faz ter tanta certeza de que seria o pai? Eu poderia ter dormido com outros homens nesse tempo todo.

— Poderia, mas não dormiu.

Luke falava com tanta certeza que Louisa sentiu vontade de esbofeteá-lo.

— Será que o seu ego não tem limites? Por acaso se acha tão memorável a ponto de eu não ter dormido com mais ninguém? — ela estava tão indignada, que preferiria mentir a admitir a verdade diante da arrogância de Luke. — Pois saiba que está muito enganado.

Ele bufou e desviou o olhar para a janela do carro.

— Pare de fingir ser o que não é! Eu sabia com quem estava lidando no minuto em que a penetrei.

Louisa não saberia dizer se o que via nos olhos dele era pena ou remorso.

Ela sentiu o sangue queimando seu rosto, porém, para irritá-lo, baixou o olhar para a braguilha dele e provocou:

— Vai me dizer que tem um radar aí embaixo?

— Quem dera se eu tivesse — ele se lamentou. — Jamais teria feito amor com você se soubesse que era tão ingênua.

— Não precisa se sentir culpado por isso. Afinal, eu não era virgem.

— Sei disso. Mas o fato de não ser virgem não afeta sua maneira de ser. Sinto muito pelo que aconteceu naquela noite. Eu imaginava que você fosse diferente. Não tive a intenção de magoá-la.

"Sim. Você teve essa intenção." Ela sentiu vontade de dizer, mas não falou. Era uma análise pessoal. Se Luke havia notado o quanto ela era sensível, sabia que a estaria humilhando.

— Tenho certeza de que essa conversa franca é muito comovente, mas não muda o fato de que não temos nada para discutir.

— Decidiremos isso assim que sair o resultado do teste de gravidez.

Luke tornou a usar um tom autoritário na voz. Ela poderia rebatê-lo se quisesse e provavelmente deveria. Porém, sentia-se exausta. Só queria livrar-se logo daquela situação e dele também. Afinal, submeter-se a um teste de gravidez não seria tão difícil. Com o acréscimo de se divertir com a cara que ele faria quando o resultado desse negativo.

CAPÍTULO QUATRO

— PARABÉNS, SRTA. DiMarco. Está grávida.

Louisa sentiu o coração bater tão descompassado, que por um momento pensou que sofreria um infarto.

Ela olhou incrédula para a dra. Lester, enquanto os dedos apertavam os braços da poltrona. Não acreditava que tinha mesmo entendido direito.

— Desculpe-me, doutora. Mas o que foi mesmo que disse? — Louisa sentia a própria voz soar baixa e distante, como se viesse de outra dimensão.

— Está esperando um bebê, querida — a médica baixou os olhos para o resultado dos testes, que não levaram mais do que dez minutos para ficarem prontos. — Não há nenhuma dúvida. E a julgar pelos níveis hormonais, a gravidez deve ter uns três meses. Ou isso, ou está esperando gêmeos.

Louisa sentiu as mãos começarem a tremer. Ela agarrou com firmeza os braços da poltrona, com medo de poder cair no chão.

— Será que poderia nos dar a data exata? — perguntou Devereaux, que estava ao lado de Louisa.

Louisa olhou-o atônita. Tinha até se esquecido da presença dele. Não havia feito objeções quanto ao fato de Luke entrar com ela no consultório, principalmente porque estava ansiosa para lançar-lhe um "não lhe disse?" assim que o resultado negativo fosse anunciado pela médica. Se ela tivesse a mínima desconfiança do que testemunharia, certamente não teria permitido que ele entrasse.

Luke não parecia aborrecido e nem alegre por sua vitória. Aparentava um perfeito autocontrole. E se estava decepcionado, disfarçava muito bem.

— O que acham de providenciarmos uma ultrassonografia rápida? — sugeriu a doutora. — Nosso equipamento está na sala ao lado. Poderíamos checar a saúde do bebê e ter uma idéia mais precisa do tempo de gestação.

Louisa clareou a garganta e tentou conter o pânico antes de falar:

— Deve haver algum engano. Eu não estou grávida. Fiz um teste caseiro e, além disso, tive um ciclo... — interrompeu-se ao notar o quanto revelaria de sua inexperiência se prosseguisse. Encorajada pelo sorriso da profissional, Louisa resolveu prosseguir. Pouco lhe importava que Luke soubesse que ela não fizera sexo com outra pessoa depois do dia em que se encontraram. — Tive um ciclo — ela repetiu — após a minha última relação sexual. O que aconteceu há três meses.

A médica tamborilou os dedos sobre a mesa de trabalho e indagou:



— Qual o laboratório que fabricou o teste de gravidez que usou e qual a data em que o utilizou?

Louisa hesitou em responder. Não lembrava o nome do laboratório, só sabia que ficara muito aliviada quando a tira de papelão se revelara limpa e clara.

— Não lembro o nome do laboratório. Quanto ao teste, eu o realizei uma semana após o nosso... — ela engoliu a saliva para conter o embaraço — nosso encontro. — Conseguiu finalizar, odiando ter de fazer isso.

— Tudo bem, Louisa — respondeu a profissional com delicadeza. Alguns kits de testes caseiros são eficientes. Outros nem tanto. E na maioria das vezes, um resultado negativo pode ser falso se for feito cedo demais. Agora me responda — quis saber a doutora apoiando os cotovelos sobre a mesa e lançando um olhar inquisitivo para Louisa. — Como foi o ciclo e quando ocorreu?

— Uma ou duas semanas depois e foi fraco.

— O que você teve não foi um ciclo e sim um leve sangramento. O que não é muito raro no início da gravidez.

Naquele ponto da explicação, Luke resolveu se pronunciar:

— E esse pequeno sangramento pode significar algum dano ao bebê?

Louisa manteve o olhar fixo na médica, determinada a nem mesmo olhar para Luke. Toda aquela situação lhe parecia irreal. Era como se ela estivesse experimentando uma experiência "fora do corpo". Como ela poderia estar grávida daquele homem? E justamente ela, que não pretendia ter filhos, pelo menos nos próximos dez anos. Tinha apenas 26 anos de idade e trabalhara duro para conseguir a posição profissional em que se encontrava.

Quase se matara no colégio para tirar notas altas e se escravizara em trabalhos humildes para conseguir pagar as mensalidades da faculdade, além de turnos noturnos e horas extras no magazine *London Nights*, tendo que enfrentar o mundo masculino que liderava as reportagens locais. E, finalmente, conseguira se estabelecer como redatora de artigos do *Magazine Blush*. Ela estava orgulhosa do que havia conseguido. Escrevia para uma revista de grande repercussão e que fatalmente a levaria ao sucesso que tanto ansiava. E justamente agora estava colocando a carreira em risco por causa de uma grande tolice. Tinha se deixado seduzir por um homem que não dava a mínima para ela, porém, deixara uma semente como lembrança. Parabéns, ela pensou com ironia. Dessa vez ela havia conseguido se superar nas besteiras.

— Não se preocupe com isso, Lotde Berwick — aconselhou a profissional. — Tenho certeza de que seu bebê está bem. Como eu já disse, o resultado dos testes mostram que a gravidez está plenamente confirmada. Contudo, uma ultrassonografia nos deixaria ainda mais tranquilos. — E, dirigindo a atenção para Louisa, sugeriu:

— Se quiser, pode se dirigir agora mesmo para a sala ao lado, srta. DiMarco.



Louisa hesitou entre recusar ou aceitar o próximo procedimento médico. Contudo, ao verificar o olhar determinado de Luke, ela resolveu se conformar.

— Está bem — ela concordou e ergueu-se. Em seguida caminhou na direção da sala indicada pela médica. Ainda mantinha uma pequena esperança de que tudo não passasse de um engano. Quem sabe a ultrassonografia revelasse que não havia bebê algum?

— VEJAM! JÁ dá para perceber a cabeça e a espinha dorsal do bebê — a doutora revelou com entusiasmo.

— Incrível! — exclamou Devereaux. — Está perfeitamente nítido!

— Temos o mais moderno equipamento do Estado. E estamos muito orgulhosos de...

Louisa nem mesmo prestava atenção na conversa que Luke mantinha com a médica. Sua atenção estava concentrada na imagem exibida na pequena tela. A sensação de frio que lhe causava o gel, a pressão do bastão do aparelho sobre o seu abdômen e o som das batidas rápidas do coração do bebê pareciam distantes à medida que ela observava os minúsculos braços e pernas que se moviam inquietos.

Estou vendo o meu bebê!

Aquelas palavras brotavam em sua consciência, seguidas por um atordoado senso de autopiedade.

A médica ajustou alguns botões e um *close* revelou a face do bebê como mágica. Os olhos estavam fechados e um pequeno punho cobria-lhe o nariz e a boca.

— O que ele está fazendo? — perguntou Louisa, sentindo como se a voz viesse de muito longe.

A doutora riu.

— Acho que está tentando chupar o polegar.

"*Oh, Deus!*", exclamou Louisa em pensamento e tentou impedir as lágrimas que ameaçavam irromper. Até aquele momento ela havia pensado apenas em si mesma e em como aquela situação poderia afetar sua vida. O bebê não lhe parecia real até aquele instante. Agora, porém, o remorso a invadia. Qualquer que fosse seu problema com Devereaux e apesar de que essa gravidez pudesse acabar com os seus sonhos, estava consciente do milagre da vida que sabia estar gerando em seu ventre. E se estava destinada a trazer essa nova vida ao mundo, pelo menos lutaria para que seu filho tivesse o que ela gostaria de ter tido. Um lar estável e cheio de amor.

Por um instante ela se lembrou da própria infância e algumas lágrimas rolaram. Se ela pudesse falar com a mãe apenas mais uma vez... Louisa estendeu um braço para alcançar um lenço de papel, quando os dedos fortes de Luke agarraram-lhe o pulso. Ela ergueu os olhos e notou que Devereaux a observava com a expressão séria. Ele apanhou

do bolso um lenço de linho branco e enxugou as lágrimas do rosto dela. Em seguida, colocou o lenço entre os dedos trêmulos de Louisa.

— Você está bem? — ele quis saber.

"*Não muito*", ela pensou. E soluçando, enterrou o nariz no lenço para ganhar tempo. O que menos esperava agora era que ele se tornasse tão gentil a ponto de deixá-la sem voz.

— Sim, é claro — Louisa respondeu, assim que conseguiu falar. Esforçou-se para que o tom de voz soasse natural, embora interiormente estivesse extremamente sentimental.

Naquele instante a voz da médica os interrompeu:

— Ótimo. Já chequei os órgãos vitais e parece que está tudo bem. Devo acrescentar que o feto está um pouco além do comprimento para o tempo de gestação. Poderia me dizer qual é sua altura Lorde Berwick?

— Por favor, me chame de Luke. Eu tenho 1,85m de altura.

— Ah, então está explicado — concluiu a doutora, enquanto retornava o bastão ao receptor do aparelho e secava o gel do abdômen de Louisa. — A srta. tem idéia de quando o bebê foi concebido?

— O bebê — interveio Demereaux — foi concebido no dia 25 de maio.

Louisa tornou a fechar o roupão assim que a médica terminou de retirar o gel. A arrogância daquele homem era realmente insuportável! Mas, infelizmente, tinha que admitir que a pequena criatura que aparecia na tela do aparelho era, sem dúvida alguma, filho de Luke. E não havia nada que pudesse fazer para mudar aquela realidade.

Louisa ouviu pacientemente enquanto a médica começava a prescrever-lhe vitaminas e cuidados que deveria ter dali em diante.

Devereaux não perdia uma só palavra do que a doutora dizia. A face bonita dele parecia iluminada de alegria pelo que acabava de ver na tela do ultrassom.

A imagem do seu filho!

Louisa suspirou. Ela esperava um filho de Devereaux e não importaria o que fizesse, teria que enfrentar pelo resto da vida uma ligação com aquele homem.

O homem rude e dominador que a ferira tão profundamente.

Um homem que a havia enganado e fingido ser o "príncipe de seus sonhos" e então a abandonado.

Que tipo de pai ele seria?

As lágrimas ameaçaram brotar novamente. Ela não precisava pensar nisso agora. Era uma questão muito difícil e ainda era cedo demais para se aborrecer com isso.

Contudo, ela não poderia ignorar a ironia do acontecimento. O que deveria significar o momento mais incrível de sua vida, também era o mais devastador.



CAPÍTULO CINCO

LUKE ENGATOU a segunda marcha do carro e seguiu na direção da Regens Park. Ao mesmo tempo espiou Louisa com o canto dos olhos, que se mantinha silenciosa no banco do passageiro.

Ela passara os últimos dez minutos olhando através da janela do carro. E não trocara mais do que algumas palavras, desde que saíram do consultório.

Luke começava a ficar aborrecido. Pelo pouco que conhecia sobre Louisa DiMarco, sabia que ela não era do tipo calado.

No primeiro e único encontro que tiveram, ele ficara fascinado com a maneira como ela falava animada e quase sem parar. É claro que ele precisou agüentar o lado afiado da língua dela quando revelou sua verdadeira identidade. Entretanto, ainda seria preferível ouvir-lhe as críticas do que aquele insuportável silêncio.

Sem querer, ele acelerou mais.

O limite de velocidade do parque fora com certeza ultrapassado, porém, às três da tarde de uma sexta-feira e com a previsão do tempo anunciando um sol glorioso por todo o final de semana, o centro da cidade se encontrava praticamente deserto.

ENQUANTO A majestosa avenida, cercada de árvores centenárias, passava rapidamente pela visão das janelas do carro, Luke contemplava a reação de Louisa. Talvez o silêncio dela fosse até útil. Ele precisava se concentrar na situação e firmar sua posição.

Até aquele momento ele estava chocado com o comportamento irresponsável dela. Não lhe ocorrera a possibilidade de que realmente ela não soubesse que estava grávida. Não era sabido que as mulheres possuíam um sexto sentido com relação à maternidade? Era o que Luke pensava. Mas, pelo visto, Louisa não tinha a menor suspeita de que estava esperando um bebê.

No instante em que ele a viu deitada no divã para se submeter à ultrassonografia, parecendo ainda mais miúda no robe largo, o olhar assustado que ela exibia não demonstrava ser fingimento.

— Aonde estamos indo? — Louisa perguntou, interrompendo sem querer os devaneios dele.

— Para o seu apartamento.

Ela o olhou, surpresa.

— Ainda se lembra onde ele fica?



Ele apenas assentiu com a cabeça. Recusava-se a olhar para o rosto dela e demonstrar o quanto sofrerá naquelas 12 semanas. A angustiante lembrança daqueles olhos castanhos, os lábios cheios, as maçãs salientes do rosto bonito e a pele sedosa tão macia quanto aparentava.

Luke se recordava tanto do endereço, como também de cada detalhe da noite em que fizeram amor. A brisa fresca da primavera enquanto rolavam no gramado do Regenfs Park, após terem se despedido de Mel e Jack. O calor do corpo feminino contra o seu. O aroma das pétalas de rosa que inundava o ar. O sorriso cativante que exibia a brancura dos dentes perfeitos e os braços estendidos no momento em que tentava alcançá-lo, enquanto ele fingia fugir dela. O sabor do *cappuccino* que compartilharam na Camden High Street e a maneira graciosa como ela lambeu os resíduos da espuma do leite grudada nos lábios.

Porém, as lembranças mais devastadoras eram relacionadas ao que acontecera depois.

Os braços frágeis dela enlaçados em seu pescoço, enquanto ele a carregava no colo para dentro do modesto apartamento. O sabor dos lábios dela, no mesmo instante em que ele lhe desnudava os seios, ainda nos limites do pequeno *hall*. Os suspiros de prazer quando Luke a conduziu ao clímax. E então, a musculatura apertada da intimidade feminina que o levou à loucura... Sim. Ele se lembrava muito mais do que simplesmente só o endereço do apartamento dela.

Louisa tornou a olhar para a janela e murmurou:

— Eu preciso voltar para o escritório. Agradeceria se você me deixasse lá.

— Estou pensando em levá-la para Havensmere. Passaremos no seu apartamento apenas para que pegue algumas coisas — Luke anunciou, sem nem mesmo se importar com o que ela acabara de dizer.

Louisa sentiu a cabeça girar como se estivesse prestes a sofrer um ataque. Cruzou os braços frente ao peito e respondeu com indignação:

— Sabe de uma coisa, Devereaux? Não sou obrigada a fazer o que você quer. Portanto, é melhor parar com esses planos agora mesmo!

Ele olhou rapidamente para o ventre feminino e falou com muita calma:

— Diante das circunstâncias, não seria mais apropriado se me chamasse pelo primeiro nome?

— Eu o chamarei pelo nome que me convier — Louisa sabia que estava sendo rude, mas não queria chamá-lo de Luke. Esse era o nome pelo qual ela o chamara naquela noite.

Ele não se importou com a provocação. Nem mesmo se deu ao trabalho de responder. Apenas a deixou fumegando de raiva até que estacionou o carro em frente ao prédio onde Louisa morava.

— Sei que está cansada e com o emocional abalado — Luke declarou no mesmo tom pausado que a deixava ainda mais irritada. — Posso entender que a descoberta da gravidez a deixou abalada.

Louisa permaneceu calada, mas fervilhava por dentro. Se ele pensava que a estava acalmando com aquela voz macia, estava muito enganado.

— Não pretendo acusá-la de nada — prosseguiu Luke —, mas temos muito a discutir a esse respeito. E acho que Havensmere é o local ideal. Por isso é para lá que iremos depois que apanhar suas coisas.

Ela descruzou os braços e, apoiando-os nas laterais do banco, endireitou o corpo como se estivesse pronta para a batalha:

— Será que não entendeu? Não quero ir a lugar algum com você!

Ele soprou alguns fios de cabelo que lhe caíam na testa e, com um profundo suspiro, tirou a chave da ignição.

— Sei disso.

Pela primeira vez, ela prestou atenção nas linhas de fadiga que ele exibia ao redor dos olhos. E, quando ele olhou na direção dela, Louisa notou o quanto ele estava abatido. Será que Luke estava tão aborrecido quanto ela com a inesperada gravidez?

Como se ele adivinhasse o que ela acabara de pensar, Luke discursou em tom ríspido:

— Quer gostemos ou não, produzimos um filho e teremos que arcar com as conseqüências. E a sua hostilidade não ajudará em nada.

"Perfeito!", ela pensou. Justamente quando começava a sentir alguma simpatia pelas atitudes dele, Luke retornava com a costumeira arrogância. Parecia que ele tinha o dom de mantê-la afastada. Contudo, algo que ele acabara de lhe dizer produziu um frio na sua espinha. O que Luke queria dizer por "arcar com as conseqüências"? Era um homem rico e influente. E já havia tomado a iniciativa de levá-la a um médico. E ela percebera que ele agendara um novo horário com a ginecologista. Será que estaria planejando pressioná-la a concordar em fazer um aborto?

O pensamento de que ele poderia não querer o bebê ela até poderia entender, mas a idéia de um aborto era insuportável.

Em um ponto ela teria de admitir que ele estava certo: ela estava cansada e abalada emocionalmente. E por isso mesmo, não estava a fim de discutir qualquer coisa no momento. Principalmente com um homem acostumado a conseguir tudo que queria, a qualquer custo.

A primeira coisa que Louisa precisava seria uma boa noite de sono para recuperar as forças. Talvez o fato de ir com Luke para Havensmere pudesse fazer com que ganhasse tempo para pensar, em vez de ficar discutindo. Entretanto, havia algo que ela gostaria de deixar claro, antes de acompanhá-lo:



— Para ser franca, acho seu comportamento muito possessivo. Talvez, se parasse de me tratar como se eu fosse sua propriedade, eu não teria razão para ser hostil.

LUKE ERGUEU as sobrancelhas e Louisa notou que ele não gostara nem um pouco da observação dela em relação ao seu caráter. O queixo masculino se enrijeceu como se estivesse censurando o que desejava dizer.

De repente, Louisa teve um lampejo de memória do que acontecera naquela noite. Luke fizera a mesma expressão quando se esforçara para segurar o orgasmo enquanto permitia que ela explodisse de prazer. A reação física que se seguiu à lembrança a deixou surpresa. Sentiu a musculatura das coxas relaxarem e os mamilos enrijecerem. E isso só poderia significar uma coisa: excitação.

O que havia de errado com ela? Como poderia ainda estar atraída pelo homem que a usara apenas para vingar-se e agora pensava em forçá-la a um aborto?

— Há algo errado? — a voz de Luke soou preocupada.

— Está doente?

— Não. Estou bem — murmurou e esforçou-se para não demonstrar o estado de pânico em que se encontrava.

Luke tocou uma das bochechas dela com a ponta de um dedo:

— Parece tão pálida! Ainda está sofrendo daqueles enjôos?

— Não — ela negou e apressou-se em disfarçar o choque eletrizante que o toque dele lhe provocara. Contudo, o aroma da colônia dele a torturava. Devia ser isso! De repente ela deduziu. A súbita excitação que sentira deveria ter acontecido por causa dos hormônios da gravidez. Havia lido em algum lugar que as mulheres grávidas reagem instintivamente quando sentem a essência usada pelo pai de seu filho. Algo a ver com feromônios. Ela se sentiu aliviada. Não estava atraída por Luke. O que acabara de sentir era apenas resultado de uma reação química.

— Mantenho uma equipe de empregados em Havensmere — informou Luke. — A mansão tem cerca de 60 aposentos e uma área de lazer gigantesca. Será o lugar ideal para você descansar e nos proporcionará espaço e privacidade para discutirmos as providências necessárias.

— Não estou com disposição para conversar esta noite

— Louisa respondeu tentando uma evasiva. Estava apavorada com a idéia do que ele estaria querendo dizer com "providências necessárias".

— Entendo. Eu também não estou disposto. Porém, como pretendo ir para lá agora, gostaria que fosse comigo. Por favor.

Louisa imaginava que passar o final de semana com ele não seria a decisão correta, entretanto, o olhar suplicante quando ele pediu "por favor" a deixou hesitante. E tinha que admitir que não era somente por isso. A maneira como ele pedira a fizera

sentir-se como se tivesse conquistado uma grande vitória. Além disso, estava começando a sentir-se exausta e não teria a mínima disposição de iniciar outra discussão com ele.

— Está bem. Eu o acompanharei. Mas só se for por apenas uma noite.

Luke concordou gesticulando com a cabeça e saiu do carro.

Após contornar o veículo, ele abriu a porta do passageiro e ajudou-a a descer apoiando um cotovelo de Louisa.

Ela procurou ignorar essa gentileza. Seria uma tola, caso se deixasse enganar outra vez pelas boas maneiras de Luke.

— Eu preferiria que você me esperasse no carro — pediu Louisa. A última coisa que desejava naquele momento seria que ficassem a sós no apartamento dela. As memórias daquela noite ainda estavam muito presentes. — Posso pedir ao porteiro que consiga um cartão de estacionamento, caso você não tenha nenhum.

— Não se preocupe. Eu me arrango com isso. Só não demore demais.

— Vou demorar o quanto precisar, Devereaux.

LOUISA TENTOU conter a irritação enquanto galgava com passos firmes os dois lances de escada que conduziam ao seu apartamento.

Após acomodar algumas roupas e artigos de toalete na mochila de couro, ela suspirou profundamente. Estava contrariada por ainda sentir os efeitos da excitação inesperada.

Trancou a porta de entrada do apartamento e desceu a escadaria na direção da rua.

Assim que pisou na calçada avistou Devereaux apoiado na lataria do extravagante veículo esportivo, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos e falando ao celular. Naquela distância ela não podia distinguir o que ele dizia, mas parecia relaxado e confiante, o que fez Louisa ficar ainda mais furiosa. Ali estava ela, enfrentando o maior e mais assustador desafio de sua vida, enquanto o homem que provocara tudo isso, conduzia seus negócios de maneira habitual. O mundo dela havia se transformado no espaço de uma tarde e ele demonstrava não ter nada com que se preocupar. E o fato de ele parecer tão tranqüilo a deixava à beira de um colapso.

Esforçando-se para controlar o ressentimento, Louisa começou a caminhar na direção do carro.

— CHEGAREMOS POR volta das oito da noite — Luke avisou para a governanta. — Prepare a suíte conjugada. Nos veremos logo mais, sra. Roberts. — Após aquelas palavras, ele encerrou a ligação, alertado pelo barulho dos saltos altos das botas de Louisa.

Ele se afastou do carro e preparou-se para encontrá-la:

— Tudo resolvido?

Ela entregou a mochila e abriu a porta do lado do passageiro. Antes de entrar, respondeu:

— Vamos acabar logo com isso.

Luke socou a mochila no porta-malas e entrou no carro pelo lado do motorista.

— Pensei que tivéssemos combinado encerrar as hostilidades — ele resmungou, enquanto dava a partida no veículo.

— Combinamos? Devo ter me esquecido. Sinto muito. Luke sorriu. Não conseguia ficar zangado com ela por muito tempo. A maneira como Louisa ficava bonita corada e os lampejos de ira nos olhos castanhos faziam sentir-se ainda mais excitado.

— Acha o que está acontecendo engraçado? — ela rebateu com fúria.

Luke reprimiu o riso. Ela estava certa. O comportamento dele estava mais do que inadequado.

— Desculpe-me. É que você fica tão linda quando está zangada que eu não consegui resistir. Notei isso naquela primeira noite e continuo achando o mesmo.

— Se isso significa um elogio, eu tenho pena da mulher que tiver a infelicidade de se envolver com você!

— Assim como você? — retrucou ele, ironizando e ao mesmo tempo ignorando o insulto.

— Um rápido contato sexual não quer dizer exatamente um envolvimento — ela devolveu.

— Pelo que me lembro não foi tão rápido.

Louisa não disse uma palavra enquanto ele freava o carro no semáforo que exibia o sinal vermelho para quem desejasse dirigir-se para a Westway. Luke aproveitou para pressionar o botão que erguia a cobertura do conversível.

— Não quero falar sobre aquela noite. — Por fim, ela se manifestou. — Tenho tentado esquecê-la nos últimos três meses.

— Parece que teve tanto êxito quanto eu — revelou ele, percebendo a confusão nos olhos dela quando o encarou. — E acho que agora não será permitido a nenhum de nós dois esquecer o que aconteceu naquela noite, não é?

Louisa suspirou.

— Tem razão. Mas isso não significa que tenhamos que repetir o mesmo erro de novo.

Até que ela dissesse aquelas palavras e lançado o desafio, não havia ocorrido a Luke o quanto ele desejava repetir aquilo que ela chamava de erro.

Embora Luke a achasse irresistivelmente atraente e não tivesse conseguido

esquecer o que acontecera entre eles naquele primeiro encontro, havia decidido não procurá-la.

Mas agora, vendo-a sentada no banco do carro e olhando-o com desafio e o lábio inferior tremendo de emoção, apenas esperando o momento de livrar-se dele, Luke percebeu que estivera se enganando o tempo inteiro. Não era apenas pelo bebê que ele havia desmarcado sua agenda de compromissos para ir ao encontro dela no trabalho e nem pelas imagens emocionantes que vira na tela do ultrassom na sala da clínica. Ele ainda a desejava.

E nunca deixara de desejar. Estava na hora de admitir a verdade. Quando Luke viu o bebê na tela do ultrassom, ficou chocado. Mas, ao mesmo tempo, sentiu uma satisfação tão grande que não conseguia explicar nem para si mesmo. Sabia que o bebê representaria uma complicação em sua vida. Ele não se julgava um homem romântico e nem tinha qualquer intenção de formar uma família. Por isso mesmo, estranhava a maneira como estava contente com a gravidez que acontecera de maneira tão imprevisível.

Contudo, a resposta era óbvia. Agora ele percebia claramente que sua reação ao bebê fora puramente instintiva e machista. Se Louisa carregava seu filho, ela estaria atada a ele de uma maneira como nunca estaria se fosse de outra forma. Ele sentia agora que tinha um poder sobre ela, da forma mais primitiva possível.

— O que aconteceu naquela noite não foi um erro, Louisa. Não para mim e nem para você. Ou vai me dizer que deseja fingir seus orgasmos pelo resto da vida?

LOUISA OLHOU-O chocada, pelo comentário rude. Ela havia contado a Luke o segredo mais íntimo de sua vida. Como Luke tinha coragem de usar aquela confiança para rebater suas defesas?

A vontade de socá-lo era tão grande que Louisa começou a tremer. Como ela gostaria de apagar tudo o que acontecera. Porém, à medida que engolia o nó de humilhação na garganta, as lembranças retornavam em sua mente.

CAPÍTULO SEIS

Três meses antes.

— AINDA ESTAMOS longe do seu apartamento? Está esfriando demais! — declarou Luke, apertando os ombros de Louisa.

Ela se aninhava nos braços fortes e sentia-se protegida.



— Pare de reclamar! A noite está linda!

Uma brisa mais forte soprou e ela estremeceu de frio.

— Não lhe disse? — ele falou em tom vitorioso e, retirando a própria jaqueta, agasalhou-a. — Está gelada! — E com uma vigorosa massagem nos braços dela, aqueceu-a rapidamente.

— Vamos chamar um táxi — ele sugeriu, tornando a enlaçar um braço sobre os ombros dela. Louisa podia sentir o delicioso perfume da colônia e o calor do corpo másculo através do couro da jaqueta. Ela ergueu os olhos e admirou o perfil perfeito do rosto dele enquanto Luke espiava na extensão da Camden High Street, procurando avistar um táxi. Ela estava se sentindo tão feliz que gostaria que a noite nunca terminasse.

No instante em que entraram no táxi, ela inclinou o corpo à frente para dar instruções ao motorista. Quando terminou, sentiu as mãos fortes de Luke a agarrarem pela cintura:

— Venha aqui.

— Oh! — ela exclamou no momento em que ele a colocou no seu colo.

Luke enlaçou os braços dela de maneira a ancorá-la no lugar.

— Como se sente ao ser seduzida no banco traseiro de um táxi? — ele sussurrou, mordiscando-lhe o lóbulo de uma orelha.

As pulseiras que ela mantinha em um pulso tilintaram no momento em que Louisa enlaçou os braços ao redor da nuca masculina.

— Estou adorando — ela sentiu a musculatura das coxas dele se enrijecerem com o comentário. — Mas, infelizmente, estamos a menos de dois minutos do meu apartamento.

— Que pena...

Ela pôde notar o sorriso dele no momento em que os lábios másculos tocaram os seus. Seus próprios lábios se entreabriram instintivamente. Ondas inebriantes de prazer percorreram-lhe o corpo e sentiu os dedos estremececerem sobre o pescoço largo, no instante em que Luke aprofundou o beijo. Ele foi o primeiro a abandonar-lhe os lábios.

— É melhor pararmos. Dois minutos não são suficientes nem para começar.

Mesmo na penumbra do interior do carro, ela podia ver os olhos dele envenenados pela excitação. As pupilas estavam tão dilatadas que o acinzentado da íris quase desaparecera em meio ao brilho fulguroso.

Um impulso incontrollável provocado pela rigidez que ela sentia pressioná-la contra a base da coluna, fez com que Louisa perdesse completamente qualquer tipo de bom-senso:

— Por que não sobe comigo para um café? — ela ofereceu, quase não acreditando

nas próprias palavras.

Louisa adorava flertar, sentir os toques sensuais e vibrar com as sensações. Porém, com o passar do tempo se tornara muito hesitante quanto a ir mais adiante. Pela simples razão de que o sexo sempre acabava para ela como uma grande frustração. Aos 26 anos, jamais conhecera nada que sequer se parecesse com um orgasmo. Por isso resolvera parar de tentar qualquer tipo de envolvimento sexual. Apesar disso, em algum canto do coração, ainda guardava esperanças de um dia encontrar o homem perfeito, capaz de lhe proporcionar o verdadeiro prazer de fazer amor.

E, naquela noite, quando fora apresentada a Luke na sala do apartamento de Mel e deparara com aqueles olhos acinzentados e penetrantes, sentiu o coração disparar. Poderia ser ele o homem que procurava? Ambos se entreolharam de maneira tão intensa que praticamente todos os outros convidados foram esquecidos instantaneamente.

Quando Luke ofereceu-se para acompanhá-la até o seu apartamento, Louisa aceitou sem pestanejar.

Quando rolaram no gramado do Regent Park — o luar prateado, o doce aroma das rosas e o confortante calor dos braços dele a aquecendo —, tudo parecia tão romântico que ela não teve dúvidas em rotulá-lo como o príncipe de seus sonhos.

— Tem certeza do que está me pedindo?

— Não é o que você também quer? — ela perguntou com o coração aos pulos. Afinal, não era esse o final pelo qual ansiaram por todo o caminho?

— Claro que quero. Mas antes devo avisá-la que... — ele traçou com o polegar um círculo imaginário abaixo da base do pescoço feminino, fazendo com que a pele sedosa se arrepiasse. — Se eu entrar no seu apartamento — ele prosseguiu — não estarei nem um pouco interessado no café.

— Que alívio! — ela gracejou. — Por que não tenho certeza de ter comprado o pó de café.

— Estou feliz de termos chegado a um acordo — ele falou baixinho, beliscando com os dentes novamente o pequeno lóbulo.

O motorista estacionou o carro em frente ao prédio que Louisa indicara.

Luke acertou a corrida e ambos desceram do veículo. Dali seguiram de mãos dadas até a entrada do edifício.

Louisa atrapalhou-se para encontrar as chaves na bolsa. A excitação a deixara completamente transtornada.

Assim que ela encontrou as chaves, Luke pediu que ela o deixasse abrir a porta. E foi o que ele fez. Depois de abri-la, deu dois passos atrás para permitir que ela entrasse na sua frente.

A incrível cortesia que ele demonstrara desde o momento que o conhecera não

era esquecida em momento algum.

Inclusive quando ele pagara a despesa do táxi. Ela insistira em que no próximo encontro que tivessem seria ela quem pagaria a corrida. Afinal, era uma mulher moderna e liberal. Contudo, tinha que admitir que algumas atitudes machistas que ele tivera naquela noite a fizeram sentir-se especial. E muito mais excitada.

Ele segurou a mão dela tão logo eles cruzaram a porta da frente e tomou o comando:

— Qual é o andar?

— O segundo — ela revelou e, livrando a mão que ele segurava, tomou a frente dele e começou a subir os degraus o mais rápido que conseguia.

— Ei! Espere por mim! — ele exclamou divertido e a alcançou com facilidade, galgando dois degraus de cada vez.

Apesar de freqüentar a academia de ginástica duas vezes por semana, Louisa quase perdeu o fôlego quando alcançou a porta do apartamento — o que provavelmente tinha mais a ver com a sensação provocada pela mão dele sobre as suas costas do que exatamente o cansaço físico.

Ela procurou novamente pelas chaves e as encontrou facilmente, o difícil agora era encontrar a fechadura na escuridão do corredor e principalmente com os dedos masculinos acariciando-lhe a base da nuca. E, para piorar, Luke afastou-lhe os cabelos para um lado e roçou os lábios onde antes afagava com os dedos.

As chaves caíram no chão.

Ele riu e as apanhou.

— E melhor eu abrir logo essa porta antes que eu perca a cabeça aqui mesmo!

Ela ofegou no momento em que ele a ergueu nos braços e avançou para dentro do *hall* do apartamento. As feições bonitas do rosto de Luke demonstravam determinação e a respiração acelerada era tão descompassada quanto a de Louisa.

Com o corpo estremecido pela emoção, ela enlaçou o pescoço dele para manter o equilíbrio. Se a excitação aumentasse um pouco mais, Louisa sentia que corria o risco de desmaiar e estragar tudo.

Luke a liberou bem devagar, permitindo que o corpo delgado deslizesse suavemente sobre o seu próprio.

Com o movimento, a saia dela se ergueu aos poucos e a pele nua das pernas roçou o jeans dele, provocando ainda mais tensão erótica.

Finalmente, Louisa acabou aprisionada entre a parede do *hall* e o corpo poderoso de Luke.

— Estou louco por você desde que nos conhecemos — confessou ele, a voz enrouquecida e os lábios roçando o ponto sensível atrás do lóbulo de uma orelha. — Diga que sente o mesmo por mim.

— Eu sinto — Louisa sussurrou, enlaçando os braços ao redor do pescoço masculino, enquanto ele invadia sua intimidade, afastando o tecido rendado da calcinha preta e introduzindo dedos ligeiros e exigentes.

Ela liberou um gemido ao sentir um calor espalhar-se por todo o corpo. Quando a tensão aumentou, Louisa agarrou-lhe o pulso.

— Por favor, pare — ela implorou, sabendo que estava prestes a desabar no precipício das emoções e extravasar o prazer que não conseguia mais conter.

— Shh... — ele apenas sussurrou. — Deixe fluir, Louisa. Será bom...

— Não posso... — Louisa revelou com embaraço. A musculatura ficou tensa e ela simplesmente não conseguia se deixar levar pelas sensações. Ele deveria estar pensando que ela era louca ou qualquer coisa assim. Mas ela não se arriscaria a perder o controle sobre si mesma.

— Apenas relaxe, Louisa. Prometo que não irá se arrepender.

Ela o afastou com as palmas das mãos pressionando o tórax imenso. Odiava admitir, mas nunca se sentira mais exposta em toda sua vida.

— Talvez seja melhor deixarmos o café para outro dia.

— Qual é o problema? — ele quis saber.

— Acho que não estou mais no clima — respondeu, fitando o peito masculino.

Luke ergueu-lhe o queixo com a ponta de dois dedos e a forçou a encará-lo:

— Estava tudo indo tão bem e de repente você ficou tensa. O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça e prendeu o lábio inferior com os dentes para impedi-lo de tremer.

— O que importa? — ela murmurou, decepcionada consigo mesma.

Luke tomou o rosto miúdo entre as palmas de suas mãos e com um polegar acariciou-lhe um lado do rosto.

Louisa sentiu o coração apertado. A ternura e compreensão que ela via no rosto dele lhe davam vontade de chorar.

— Claro que importa! Olhe, tudo o que precisa é relaxar — ele direcionou as mãos para os ombros dela e massageou-os com delicadeza. — Está completamente *travada*! Não é à toa que não conseguiu prosseguir.

Vagarosamente ele trabalhou com os dedos em movimentos circulares nos ombros e pescoço. Aos poucos a rigidez começou a se atenuar. Ele lhe beijou o queixo e depois os lábios.

Com um longo suspiro, ela começou a relaxar.

No momento em que os polegares masculinos acariciaram a curvatura dos seios firmes, os mamilos reagiram com espontâneo enrijecimento.

— Está vendo? Você consegue — Luke falou com satisfação e depois a beijou novamente. E dessa vez explorou um pouco mais o interior da boca feminina, até

perceber que ela estava completamente relaxada. Então deu um passo atrás e pediu:

— Agora quero apreciar o seu corpo, Louisa.

Ela permaneceu imóvel enquanto ele a livrava do vestido. Agradeceu a penumbra que de certa maneira escondia sua timidez. Sentiu o coração dar pulos quando as mãos fortes libertaram o fecho do sutiã e atiraram a peça íntima no chão. Os olhos acinzentados fixaram-se no busto exposto e em seguida, com os polegares, ele acariciou os delicados botões intumescidos.

Ela poderia estar embaraçada, afinal estava praticamente nua e ele ainda vestido. Contudo, o olhar firme e confiante dele a deixava perfeitamente calma. A não ser as pontadas de excitação que começavam na base da espinha e percorriam o corpo inteiro, provocando uma ansiedade quase dolorosa.

Luke inclinou a cabeça e provou um dos mamilos, torturando-o com suaves mordiscadas até finalmente engolfá-los em uma forte sucção.

Ela gemeu e reclinou a cabeça, provocando, fazendo com que o colo ficasse ainda mais exposto às carícias.

Luke aproveitou para dirigir a atenção para o outro mamilo e repetir a mesma e deliciosa tortura.

— Tudo bem. Agora vamos ao ponto central do problema — revelou ele e, introduzindo os dedos na cintura elástica da calcinha de renda preta, fez com que a peça deslizasse e chegasse até o chão. Louisa ergueu um pé de cada vez, para que Luke terminasse de retirá-las. Ela sentia as pernas tremerem.

Ele estendeu a palma da mão para tocar a parte úmida e sensível. Louisa agarrou-se ao pescoço largo e poderoso e ele a beijou.

O desejo crescia entre eles e a urgência parecia impossível de ser contida.

Ela moveu os quadris, induzida pelo toque exigente dos dedos dele. As sensações eram delirantes. O corpo feminino deu um solavanco no momento em que Luke atingiu o ponto mais vulnerável.

— Não entre em pânico, Louisa. Dessa vez iremos devagar.

Ele imprimiu um ritmo cadenciado até senti-la praticamente decolando num voo livre e delirante que terminou em uma explosão gloriosa que a fez gritar de prazer.

— Viu só? Não foi tão difícil, foi? — ele perguntou, enquanto ela enterrava a cabeça no peito musculoso e o corpo ainda estremecia com os últimos espasmos provocados pelo orgasmo que acabara de atingir.

O perfume másculo que ela inspirava era tão bom que Louisa abriu os lábios num sorriso satisfeito. Ela havia conseguido! Era como se tivesse acabado de conquistar o universo.

Ele tomou seu rosto entre as mãos e olhando nos olhos dela, sugeriu:

— Que tal sentir essa sensação de novo. Juntos, dessa vez?

— Parece que tem um plano, não é? Ele sorriu.

— Eu realmente tinha o plano de levá-la para a cama... mas acho que não dará tempo.

Recuando um passo, Luke apanhou do bolso traseiro da calça uma pequena embalagem contendo um preservativo.

As mãos dele estavam tão trêmulas que Louisa direcionou as mãos para ajudá-lo.

Luke agarrou-lhe os pulsos e pediu:

— Não. Não faça isso. Não quero desapontá-la.

Ela abriu a boca para protestar e dizer-lhe que não ficaria desapontada com o que quer que acontecesse. Porém, as palavras morreram-lhe na garganta no momento em que ele abriu o zíper e começou a colocar o preservativo. Uma antecipação do prazer a deixou entorpecida. Será que já havia visto algo tão magnífico?

Ele a ergueu com facilidade. Os braços fortes amparavam-na pelos quadris e mantinham as costas femininas pressionadas contra a parede.

— Enlace suas pernas na minha cintura — Luke pediu e ela obedeceu.

Louisa ofegou no momento em que ele começou a introduzir-se dentro dela. O desconforto inicial foi sendo substituído aos poucos por um prazer lento e contínuo.

Após ter certeza de ter conseguido chegar ao máximo da profundidade, Luke começou a mover-se. Ela arquejou aflita ao sentir que estava perdendo o controle novamente, à medida que os movimentos dele tornavam-se mais rápidos.

Louisa sentiu a musculatura inteira se tencionar.

— O que houve? Por que ficou tão rígida de repente? — ele quis saber.

— Sinto muito. Não consigo me controlar.

— Não faz mal. Não se preocupe com isso. É que você é tão apertada que não quero machucá-la — ele ajustou o corpo dela de modo mais confortável. — Vamos tentar dessa maneira.

Ele reiniciou as investidas e dessa vez ela conseguiu relaxar. Pouco depois, ela ouvia a própria voz gritando extasiada ao alcançar um clímax de puro deleite que jamais alcançara antes. E agora Luke também gritava enquanto a seguia no prazer máximo.

"Droga!" — ele praguejou no instante em que desmoronou sobre ela. Depois permitiu que o corpo dela deslizasse devagar até atingir o piso.

Louisa sentiu os joelhos bambearem e ele a agarrou pela cintura para equilibrá-la.

— Uau! — ela exclamou com um suspiro. Parecia que as inibições tinham acabado junto com o coquetel perfeito de paixão e excitação. — Então é sobre isso que eu ouvia tantos comentários!

Luke ficou surpreso. Ele supunha que Louisa estivesse sentindo-se dolorida ou

mesmo embaraçada. Mas, a julgar pela euforia que ela demonstrava, dava a impressão que ele lhe proporcionara algo que ela nunca experimentara na vida.

— Você não sabia como era?

Enquanto apanhava as roupas do chão e começava a vestir-se, Louisa respondeu:

— Apenas para que saiba, é o primeiro homem que consegue me fazer chegar a um orgasmo. Acho que merece uma medalha. Conseguiu passar no teste de Meg Ryan.

— Fico feliz de receber uma medalha. Mas o que é o teste de Meg Ryan?

Ela riu diante do olhar espantado dele.

— Trata-se de uma brincadeira que fazemos entre as colegas do escritório, por causa da comédia clássica estreada por Meg Ryan. Ela finge um orgasmo quando transa com Harry. Por isso, o teste de Meg Ryan significa que uma mulher não teve um orgasmo verdadeiro — ela deu uma pausa quando sentiu um rubor esquentando seu rosto. — Sabe... O orgulho masculino costuma ser muito frágil e por isso antes dessa noite, eu sempre fingi... — Louisa hesitou. Afinal, por que deveria ter iniciado essa conversa?

— Eu entendo — Luke sorriu. As linhas finas ao redor dos olhos se pronunciaram e Louisa sentiu o coração subir na garganta.

— Receio que a minha falta de experiência me deixou carente.

Luke segurou-lhe o rosto entre as palmas úmidas e acariciou-a com o canto dos polegares.

— Estou orgulhoso por você não precisar simular seus orgasmos comigo. — O beijo que ele depositou nos lábios dela revelavam uma docilidade repleta de ternura e afeição.

— Acho melhor tomar cuidado — ela murmurou, com um sorriso que considerou mais para patético do que charmoso. — Está correndo o risco de eu me apaixonar perdidamente por você.

No minuto em que Louisa acabou de falar, percebeu que havia cometido um erro. Luke ficou tenso e o bom-humor desapareceu de suas feições.

— Se importaria se eu usasse o banheiro por um minuto? Ela piscou duas vezes para encobrir o susto com a súbita mudança de comportamento de Luke, que parecia demonstrar uma espécie de culpa.

— Claro que não! Fica no final do corredor. Enquanto isso, vou preparar o café que lhe prometi.

Ele assentiu com um gesto de cabeça.

— Ótimo!

Assim que Luke se afastou, Louisa seguiu-o com o olhar. A figura imponente e os ombros largos faziam com que o corredor parecesse mais estreito que o normal.

Decidiu seguir para a cozinha, enquanto uma voz interior a censurava: *Nunca*

diga a um homem que está se apaixonando por ele logo no primeiro encontro. Ele vai considerá-la uma pessoa extremamente ansiosa.

Após refrescar o rosto na própria pia da cozinha, colocou um bule de água para ferver. Depois de vasculhar o armário, comprovou que realmente havia se esquecido de comprar o pó de café. No final, resolveu preparar um chá com ginseng. Era a única coisa que tinha para oferecer.

Luke surgiu na cozinha dez minutos depois. Estava tão bonito que ela não conseguiu impedir um suspiro. Ofereceu-lhe a xícara com o chá de ginseng e ele o provou sem reclamar. Depois, fixando os olhos nos dela, falou em tom de preocupação:

— Acho que temos um problema — revelou enquanto depositava a sua xícara no balcão da pia.

Louisa sentiu um nó na garganta diante do tom aborrecido que notou na voz dele.

— Que problema? — ela perguntou e de repente lhe ocorreu que estava se envolvendo com um homem sobre o qual não sabia nada a respeito. Será que ele iria lhe contar que tinha esposa e cinco filhos?

— O preservativo estava rompido.

— Oh! — exclamou ela, em parte sentindo-se aliviada.

— Você está tomando pílulas anticoncepcionais?

— Bem... Para dizer a verdade, não estou tomando pílulas. Mas, não se preocupe. Acho que não haverá conseqüências.

— Como tem certeza disso?

Ela não queria falar sobre seus períodos irregulares ou o fato de que recentemente ficara dois meses sem o ciclo. Além disso, poderia quebrar o clima romântico. Por isso, mentiu:

— Meu ciclo deverá vir daqui a uns dois dias. Por isso tenho certeza de que não poderá ocorrer nenhuma gravidez.

— É uma boa notícia — ele se acomodou em uma banqueta junto ao balcão e cruzou as pernas na altura dos tornozelos e tornou a pegar a xícara de chá. — Contudo, gostaria que entrasse em contato comigo se houver algum problema.

— Eu farei isso — Louisa respondeu, incapaz de ignorar o pressentimento infeliz. Por que precisaria entrar em contato com ele se nem estavam namorando?

Luke provou mais um gole do chá e depois declarou:

— Sabe, Louisa, adorei nossa noite juntos. Você é uma mulher bonita, inteligente e muito carinhosa.

Carinhosa?

Será que estava imaginando coisas ou ele estaria apenas sendo gentil com ela?

— Você não é nada do que eu imaginava — Luke prosseguiu. — O que me obriga

a fazer-lhe uma confissão muito difícil.

— Confissão? O que quer dizer com isso?

— Você não tem idéia de quem eu sou, não é?

— Claro que tenho — ela respondeu com um sorriso por cima da borda da xícara que acabara de levar aos lábios. — Você é Luke, amigo de Jack e são parceiros no tênis. — *"E o meu príncipe encantado"*, ela gostaria de acrescentar. Mas deveria esperar até que se conhecessem um pouco melhor. Não queria cometer duas idiotices na mesma noite.

Louisa apertou a xícara que mantinha nas mãos e tentou ignorar a frieza que via nos olhos dele. Algo estava errado. Mas o que seria?

No instante em que ele lançou o olhar acinzentado sobre ela, Louisa tinha certeza de que o que ele iria lhe dizer era muito sério.

— Eu sou Luke Devereaux, o novo Lorde Berwick. Você me enquadrrou em sua lista dos mais cobiçados solteirões em seu artigo no magazine deste mês.

— Você é... — ela tentou colocar a xícara sobre o balcão, porém o tremor de seus dedos fizeram com que o recipiente virasse e derramasse o líquido sobre o balcão. Ela guardara na gaveta uma foto dele tirada por um *paparazzo* e não havia prestado muita atenção nela. Porém, agora, podia lembrar-se da semelhança. Ainda assim, não conseguia entender a razão pela qual ele parecia sentir-se culpado de alguma coisa. — Que coincidência!

— Não foi uma simples coincidência.

— Não? — O que exatamente Luke queria dizer com tudo aquilo?

— Eu aceitei o convite para jantar na casa de Jack porque queria conhecê-la. Estava aborrecido com aquele artigo que publicou. Ele me causou muitos problemas nas últimas semanas e... — ele deu uma pausa para respirar e depois prosseguiu:

— Tinha a intenção de dizer-lhe o quanto havia me prejudicado com aquele artigo.

Ela se segurou num canto do balcão para disfarçar os dedos trêmulos:

— Não estou entendendo — o olhar de remorso no brilho dos olhos dele agora estava mais evidente. — Por que não me diz logo o que está pensando?

Ele gesticulou com as mãos no ar.

— Quando fomos apresentados eu imaginei que você soubesse quem eu era na realidade. Depois, quando começamos a flertar... Bem, acho que ficou mais complicado para lhe dizer o que eu tinha em mente.

— Está querendo me contar que tudo o que partilhamos fazia parte de sua "armação"? Queria apenas me fazer de idiota?

Se aquela era a intenção de Luke, ele havia tido pleno sucesso, ela considerou. Louisa se derretera nos braços dele, confessara que estava se apaixonando e até lhe

contara sobre o teste de Meg Ryan. Abrira seu coração para um homem que a desprezava. Uma sensação de angústia ameaçou bloquear-lhe a garganta, mas Louisa engoliu a saliva para conter a emoção. Toda a alegria que sentira durante a tarde inteira se desvanecera em segundos.

— Não é bem assim — Luke tentou justificar-se. Depois se ergueu e aproximou-se dela.

Louisa recuou um passo para impedir que ele chegasse mais perto.

— Então como é? — perguntou ela. E sem esperar pela resposta prosseguiu:

— Corrija-me se eu estiver enganada. Pelo que entendi, você despreza o que eu faço e mesmo assim resolveu me seduzir...

— Você está exagerando! — Luke reagiu interrompendo-a. — Eu até havia esquecido sobre o artigo no momento em que chegamos aqui.

— Ah! Muito conveniente para você! Acha que por confessar isso, eu me sentiria melhor?

— Não precisa ser tão sarcástica — ele afirmou, estreitando os olhos. — Acontece que eu tinha o direito de estar zangado. Poderia pelo menos ter tido a gentileza de me contatar e perguntar se eu gostaria de fazer parte de sua lista.

Louisa ficou boquiaberta. Luke não poderia estar falando sério. Será que ainda se julgava no direito de culpá-la pelo que tinha acontecido entre eles?

— Já que pensava dessa maneira, deveria ter revelado quem você era desde o minuto em que fomos apresentados. Mas preferiu me seduzir para poder me humilhar, não foi?

— Não. Eu não tive essa intenção. E também não fui o único a desfrutar da situação. Não ouvi você reclamar quando eu lhe proporcionei o seu primeiro orgasmo.

— Seu convencido arrogante! — ela exclamou, cega de raiva. E sem perceber apanhou a xícara que estava sobre o balcão da pia e jogou na direção dele.

Num gesto de puro reflexo, Luke desviou a cabeça para um lado e a xícara espatifou-se contra a parede azulejada da cozinha.

— Calma — ele pediu, enquanto passava a mão pelos cabelos.

— Saia do meu apartamento! — gritou ela com a voz trêmula. Como ela poderia ter sido tão idiota? — perguntava-se mentalmente.

— Está bem. Não precisa gritar. Se é assim que deseja, sairei imediatamente.

Luke girou nos calcanhares e caminhou na direção da porta de saída do apartamento. Ao passar pelo *hall* apanhou a jaqueta que ainda estava no chão e depois de sair, bateu a porta com força.

Louisa o havia seguido e feito mais alguns protestos, porém Luke nem mesmo olhara para trás.

Assim que o viu sair e bater a porta, Louisa recostou-se na parede do *hall*. A

mesma parede em que, minutos atrás, Luke Devereaux a aprisionara e a levava ao paraíso por duas vezes seguidas.

Não demorou muito para que as lágrimas de frustração jorrassem abundantes pelo rosto dela. As pernas estavam tão trêmulas que Louisa deslizou o corpo devagar, apoiando-se na parede, até chegar ao piso. Abraçou as pernas e afundou a cabeça entre os joelhos, na tentativa inútil de esconder a própria estupidez.

Como poderia achar que estava apaixonada por alguém com quem passara um único dia? E agora que sabia a fraude que era Luke Devereaux, por que sentia o peito tão vazio como se lhe tivessem arrancado o coração?

CAPÍTULO SETE

O tempo atual.

— VOCÊ É insuportável! — exclamou Louisa, procurando ignorar a atração que sentia por ele e que pensava ter banido meses atrás. Ela já havia derramado lágrimas demais por Luke Devereaux e não permitiria que ele invadis-se novamente seus segredos mais íntimos. — Acredita mesmo que ter proporcionado um orgasmo naquela noite lhe dá o direito de me tratar como sua propriedade?

Luke lhe lançou um olhar atravessado antes de estender a mão para fora da janela e pedir passagem ao motorista do caminhão que transitava na pista ao lado. Depois, retornou a atenção para o que conversavam e comentou:

— Tudo o que eu quis dizer é que o sexo que tivemos foi tão bom para você quanto foi para mim. Por isso pare de fingir. E, pelo que me lembro, não foi apenas um orgasmo. Sabe que cuidei bem de você — ele finalizou com tamanha presunção, que a deixou irritada.

— Não considero o sexo como algo mecânico, Devereaux. Para mim o que importa é o sentimento. E se eu soubesse que sua intenção seria apenas a de me punir, não o deixaria sequer chegar perto de mim. Por isso pode parar de se gabar.

Ele deu uma sonora gargalhada.

— Não acredito que o que aconteceu entre nós se pareça com uma punição — Luke devolveu.

— As coisas saíram de controle. Só isso — a voz saiu mais aguda do que ela desejava. O embaraço fez com que entrelaçasse os dedos e os mantivesse pressionados sobre o colo.

— Sei disso. Mas você adorou. Não sei por que insiste em negar.

— O que eu gostaria mesmo era que aquela noite nunca tivesse acontecido.

— Não teria se você não tivesse invadido a minha privacidade.

— O fato de eu tê-lo incluído na minha lista dos mais cobiçados solteirões naquele artigo, não significa que invadi a sua privacidade — Louisa protestou. O fato de bisbilhotar a vida alheia já lhe havia acontecido e era algo do qual não se orgulhava. Aprendera da maneira mais difícil que não deveria cruzar essa linha novamente. Abandonara a coluna de fofocas do *London Nights* exatamente por causa disso. Não pretendia ser repreendida pelo Conselho de Ética do Sindicato dos Jornalistas. — Não havia nada de invasivo na publicação daquele artigo. Normalmente, os homens escolhidos para integrar a lista ficam felizes de serem considerados como símbolos de atração das mulheres. Não há nada de mal nisso. Se você é paranóico, não é problema meu.

— Você me inseriu na lista sem o meu consentimento — ele retrucou com tanta indignação que os dedos apertaram o volante com uma força desmedida. — O seu artigo provocou uma chuva de cartas de debutantes. Fora os *paparazzi* e repórteres de tablóides que apareceram na minha porta. E eu sempre tentei me manter afastado de qualquer tipo de exposição pública. Por isso, se acredita que não invadiu a minha privacidade, está muito enganada.

Luke diminuiu a velocidade do carro bruscamente e abandonou a rodovia principal para entrar na direção que levava às ruas do subúrbio no lado Oeste de Londres. O veículo até balançou com a súbita manobra.

Louisa notou que ele estava muito nervoso, porém não era culpa dela se Luke havia herdado um dos maiores títulos de nobreza do país. E, também, não tinha culpa se ele era rico, bonito e... solteiro. E isso o colocava como um dos mais cobiçados partidos. Além disso, o *Magazine Blush* era exigente quanto à ética profissional. Tanto que não havia uma palavra sequer sobre a vida particular do Lorde de Berwick.

— Não sou responsável pelo comportamento dos repórteres dos tablóides ou dos *paparazzi*. Nem mesmo pelas cartas de suas fãs — ela deu uma pausa intencional para que ele raciocinasse a respeito. Depois continuou:

— Só sei que o fato de não gostar de ser mencionado no artigo que o elegeu como um dos dez mais cobiçados solteirões da sociedade londrina, não lhe dava o direito de mentir para mim e de me seduzir com o propósito de me punir.

Luke praguejou algo que ela não entendeu e, para sua surpresa, parou o carro no meio da rua, puxou o freio de mão e acendeu o pisca-alerta. Quando ele girou a cabeça na direção dela com o olhar congelado e mal contendo a ira que o dominava, Louisa sentiu um frio percorrer-lhe a espinha. Ela não tinha a intenção de deixá-lo tão nervoso.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — Luke falou em tom baixo e intimidante

— o que aconteceu entre nós foi algo inevitável. Uma força natural e instintiva. Afinal, estávamos nos cortejando a tarde inteira... — Acentuando o tom de voz e com um brilho fulgurante nos olhos acinzentados, ele prosseguiu:

— Quando eu tirei suas roupas e acariciei você até que chegasse ao clímax, não tinha nada a ver com punição ou sedução. Tratava-se da liberação dos instintos provocados por uma atração que sentimos um pelo outro. Acha realmente que eu poderia estar pensando num artigo de revista enquanto a sentia quente e ardorosa em meus braços? Ou quando a possuí de maneira tão arrojada, que até o preservativo se rompeu e por isso é que agora está grávida?

— Eu... Eu... — ela calou a boca tentando parar de gaguejar. — Não precisava ser tão rude! — ela finalmente conseguiu dizer. Porém, percebeu que estava sendo injusta. Criticá-lo ferozmente era o que ela mais fizera até aquele momento.

Contudo, o que mais poderia dizer? Louisa pretendia se convencer de que ele a seduzira de maneira fria e calculada como forma de se vingar pelo atrevimento dela em publicar o seu nome sem permissão. Acreditar que o artigo nada tivera a ver com o que acontecera naquela noite era perigoso demais. Ela não queria admitir que estava atraída por ele e nem desejava reconhecer a incontrolável química entre os dois. Já estivera sob os encantos daquele homem uma vez e o seu bom-senso a avisava de que não deveria arriscar-se novamente. Muito embora seu corpo demonstrasse o oposto. Mas o que seu corpo sabia sobre desilusão? Ela o atendera uma vez e por isso estava agora nessa situação.

— A razão pela qual você fez amor comigo, agora já não importa — ela falou, esforçando-se para recuperar o auto-controle. Cruzou os braços frente ao peito para disfarçar a rigidez espontânea dos mamilos. — O caso é que foi um terrível engano e não deveria se repetir.

Luke sacudiu a cabeça com incredulidade. Depois baixou o freio de mão e desligou o pisca-alerta.

— Se acredita nisso está se auto-enganando — ele murmurou e acelerou o motor.

Louisa o ignorou. Estava cansada demais para prosseguir naquela discussão. E, de qualquer maneira, falar com ele era o mesmo que discutir com uma porta. Preferiu olhar pela janela e apreciar as casas de tijolos aparentes e muito comuns no bairro de Chiswick, enquanto o carro avançava rapidamente. Estava exausta e confusa. Não estava presa àquele homem rude e dominador apenas pela criança que carregava no ventre, como também por uma paixão inexplicável que ainda tinha o poder de deixá-la fora de controle.

E agora ela sabia que Luke não se importava com o que ela pensava a respeito de sentimentos. E por que se importaria? Não tinha nada a perder. Se é que Luke tinha um coração, ele jamais o colocaria em risco.

CAPÍTULO OITO

— ESTAREI DE volta em cinco minutos.

Louisa respondeu com um aceno de mão e suspirou no momento em que Luke bateu a porta do carro depois de sair. Acompanhou com o olhar os passos apressados dele, enquanto cruzava a extensão da garagem e seguia na direção do elevador. Sentiu um tremor involuntário percorrer-lhe o corpo. Desligou o ar-condicionado do carro e praguejou em silêncio. Precisava parar de ser obsessiva com relação a Luke e ao mesmo tempo impedir que a personalidade dominadora dele a amedrontasse, caso contrário, estaria perdida.

Durante os primeiros quilômetros percorridos na rodovia, eles não trocaram mais do que algumas poucas palavras. Louisa achou ótimo a princípio, mas à medida que o potente veículo se distanciava rapidamente de Londres, o silêncio começava a incomodá-la. Uma sensação de calor a invadia no momento em que se conscientizava da presença daquele homem atrás do volante. Cada vez que Luke trocava a marcha, ela observava os dedos grossos e se lembrava de quando eles a acariciaram até que atingisse o prazer máximo. Para aliviar a tensão, Louisa decidiu ligar o rádio do carro. Para piorar, uma cantora famosa interpretava uma música romântica e sensual.

Luke curvou os lábios num sorriso provocante:

— Teve uma idéia excelente.

O tom rouco de voz fez com que a pulsação dela disparasse.

Louisa procurou se controlar. Tinha problemas maiores para se concentrar no momento do que se deixar seduzir pelo charme de Luke Devereaux.

Além disso, o desconforto físico não ajudava nem um pouco. Até aquele momento Luke precisara interromper a viagem por três vezes para que ela usasse o toalete.

Ele se comportara de maneira tolerante e gentil em cada uma das paradas forçadas. E ela agradecera mentalmente o fato de Luke não mencionar que a necessidade freqüente de esvaziar a bexiga era um sinal evidente de gravidez, do qual ela não prestara a mínima atenção. O fato era que Louisa se sentia cada vez mais preocupada à medida que se afastavam de Londres. O que fazer em relação ao seu trabalho? E como contaria para a família sobre a gravidez? Seu pai, sendo um homem essencialmente tradicional, com certeza se escandalizaria com o fato de seu primeiro neto ser concebido fora do casamento. Após ter passado a maior parte da adolescência tentando convencer Alfredo DiMarco de que ela seria perfeitamente capaz de cuidar da

própria vida, era deprimente ter que enfrentar uma batalha semelhante, nessa altura da vida. E também haveria problemas quanto ao espaço. Seu pequeno apartamento ficaria ainda mais apertado quando o bebê chegasse. E ela nem mesmo podia concentrar-se na solução de seus problemas enquanto estivesse preocupada com o que Luke Devereaux estaria planejando. Se ele não tivesse mencionado o que acontecera naquela noite, Louisa não teria reagido de maneira tão irreverente. E ela tinha a impressão que ele sabia disso. Mas por que ele fizera questão de levá-la para a mansão que possuía no campo? E por que razão ela concordara tão facilmente? Agora ela podia perceber claramente que a estada que ele sugerira poderia representar um completo desastre.

Contudo, Louisa não conseguia ter a coragem para dizer-lhe que havia mudado de idéia e que gostaria que ele a deixasse na mais próxima estação de trem e ela poderia voltar sozinha para Londres. Com certeza, isso resultaria em uma nova discussão. Louisa não era do tipo que temia defender seus pontos de vista. O problema era que estava sem a mínima energia para sustentar outro desafio. E quanto mais se afastavam de Londres, mais era difícil dizer o que pensava. Sua própria fraqueza a irritava. Ele bem que merecia ouvir umas poucas e boas. Ainda que fosse verdade que ele não tivesse tido a intenção de humilhá-la naquela noite e ela tivesse exagerado na reação, mesmo assim, não seria desculpa para o comportamento intimidador dele. Luke era o homem mais arrogante que ela já conhecera e Louisa não aceitava ser tratada como uma tola incapaz de cuidar de si mesma. Ela já agüentara o suficiente de seu pai, quando era adolescente, e sabia que homens assim devem ser enfrentados cara a cara. Se demonstrar suas fraquezas, eles a dominam.

Então por que ela não o enfrentava de uma vez?

Embora o sol começasse a mergulhar no horizonte, o calor no interior do carro se tornava insuportável. Quando Luke parou para abastecer o veículo, Louisa apanhou a bolsa e aproveitou para sair do carro por alguns minutos, enquanto ele permanecia na longa fila de veículos que aguardavam para serem atendidos.

Ela caminhou na direção de um gramado próximo, onde estavam espalhadas algumas mesas de madeira tosca, adequadas para piqueniques. Imaginava que Luke demoraria mais do que uns 15 minutos para conseguir cuidar do carro. O tempo seria suficiente para Louisa descansar e preparar-se para enfrentá-lo em uma discussão.

Infelizmente, mesmo depois de escovar os cabelos e renovar a maquiagem, ainda se sentia como se tivesse acabado de sair de uma selva — suada, dolorida e extremamente cansada.

Abriu a bolsa e guardou o kit de maquiagem. Ao avistar o celular, lembrou-se de que havia algumas coisas que pretendia fazer enquanto aguardava pela batalha. Precisava começar a colocar sua vida nos trilhos novamente. Embora estivesse chocada

com a recente notícia da gravidez, não a usaria como desculpa para entrar em pânico — ou pior, para recusar-se a aceitar a verdade. Isso era justamente o que tinha feito nos últimos três meses.

Havia uma única pessoa em quem confiava para receber conselhos. E essa pessoa era sua melhor amiga Mel Devlin. Louisa já deveria ter-lhe contado sobre a noite que passara com Luke Devereaux. E o fato de Mel ter percebido as conseqüências antes dela, comprovava o fato do quanto intuitiva era sua amiga.

Decidida, Louisa pressionou os números do telefone de Mel. Ficou desanimada ao ouvir a gravação da secretária eletrônica.

— Oi, Mel. Sou eu, Louisa. Preciso falar com você. Eu estou... — ela hesitou. Não deveria falar sobre Devereaux ou o bebê numa mensagem gravada. — Eu estou ansiosa para lhe contar algumas novidades. Tornarei a ligar mais tarde.

Após encerrar aquela ligação, Louisa resolveu fazer outra. Dessa vez para o seu clínico geral em Camden. Essa era outra questão que pretendia resolver naquele mesmo momento. Não desejava prosseguir o pré-natal com a dra. Lester. Louisa não tinha condições financeiras para custear uma médica da Hartey Street e não iria permitir que Devereaux pagasse pelas consultas, que sem dúvida custariam uma fortuna. E principalmente por que não tinha certeza de quais eram as intenções dele com relação ao seu bebê.

Enquanto aguardava que a ligação se completasse, ela ergueu-se e espiou na direção das bombas de gasolina. De onde estava, não conseguia ver toda a extensão da área de serviço dos frentistas, contudo, não havia sinal de Devereaux. Tornou a sentar-se apoiando as costas na mesa e contemplando os carros que passavam em alta velocidade na moderna rodovia.

A secretária eletrônica da clínica foi acionada após o décimo toque.

— Aqui é Louisa DiMarco quem fala. Gostaria de agendar uma consulta com o dr. Khan na primeira oportunidade.

Estarei disponível em qualquer data. Por favor, retornem esta ligação quando...

— Que *diabos* está fazendo?

Louisa gritou e deixou o celular cair. Girou a cabeça e viu Devereaux bem ao lado dela.

— Está louco? Quase me matou de susto!

— Por que estava agendando uma consulta? — ele quis saber enquanto segurava um pulso dela, induzindo-a a levantar-se.

— Estava ouvindo minha conversa? — Louisa esbravejou e socou o peito dele com a mão que estava livre. Era o mesmo que bater em uma muralha de pedra. A coragem a abandonou quando viu a ira flamejar nos olhos acinzentados. Tentou recuar, porém a mesa a impediu. Ele a sacudiu pelos ombros e Louisa ficou aterrorizada com

tamanha fúria. O que havia de errado com ele?

— Você não vai abortar a criança — ele falou por entre os dentes cerrados. — Não vou permitir!

Louisa pensou em exigir que ele a deixasse em paz e que a decisão de ter ou não o bebê era problema dela. Mas estava tão apavorada com a intensidade da raiva que ele demonstrava que apenas murmurou:

— Eu jamais faria um aborto.

Luke estreitou os olhos. Ainda borbilhava de ira.

— Está mentindo! Eu a ouvi marcando uma consulta com um médico.

— Não é o que está pensando — ela argumentou e tentou inutilmente livrar o pulso que ele segurava. — Estava marcando uma consulta com o meu clínico para acompanhar o pré-natal.

— Por quê? — Luke indagou e finalmente liberou o pulso feminino. — Já não está tudo arranjado?

— Não por mim — Louisa friccionou o pulso que exibia a marca dos dedos dele na pele delicada. A ira subiu-lhe à cabeça. O que ele pensava para tratá-la daquela maneira?

— Eu quero ser acompanhada pelo médico da minha confiança. E isso não é da sua conta.

— Não seja ridícula! A dra. Lester é considerada uma das melhores obstetras do país.

Naquela altura, a fúria havia desaparecido para dar lugar a um tom de comando que ela tanto detestava. O espírito de luta e rebeldia apoderou-se de Louisa:

— Eu não me importo nem um pouco se a dra. Lester está no topo da lista dos obstetra mais famosos. A decisão sobre quem deve cuidar do pré-natal é minha. Como também sou eu quem decide se devo ou não ter essa criança — ela gritou o mais alto que podia. Como ele se atrevia a ditar-lhe o que podia ou não fazer com o próprio corpo? — E, caso não tenha notado, sou eu quem vai ter o filho e não você!

Ele franziu o cenho. Contudo não parecia aborrecido.

— Considerando o excelente trabalho que vem fazendo até agora, deveria estar agradecida pelo meu envolvimento

— Luke ponderou. — Afinal de contas, se não fosse por mim, você nem mesmo estaria sabendo que esperava um bebê.

— Mas agora eu sei. Portanto, pode deixar comigo a partir de agora — ela se inclinou e apanhou o celular do chão.

— Quero que me deixe na próxima estação de trem. Decidi voltar para Londres — revelou com o queixo erguido e colocou o celular novamente dentro da bolsa. — E, de agora em diante, pode manter seu nariz grande e intrometido fora dos meus assuntos.

Louisa estava se sentindo vitoriosa — até tentar passar por ele. Luke postou-se na frente dela e, segurando-a pelos quadris, pressionou o corpo dela contra o dele.

— Não vai escapar tão fácil — murmurou ele, em tom ameaçador.

Ela lutou para tentar libertar-se e ele simplesmente segurou as mãos dela pelos pulsos e aprisionou-as contra as costas femininas.

— O que está fazendo?

— Não irá a lugar algum até que cheguemos a um acordo.

— Não há nenhum acordo para chegarmos.

Luke estava tão próximo que Louisa até podia notar alguns traços de azul nas íris dos olhos acinzentados, enquanto sentia o próprio ventre pressionado contra o volume rígido que ficava cada vez mais invasivo.

Ela sentiu o corpo estremecer numa traiçoeira resposta pelo contato com aquela masculinidade pujante. Odio a si mesma por isso.

— Sou o pai deste bebê — ele afirmou com suavidade, mas havia um tom de ameaça na voz. — O que significa que tenho o direito de dar minha opinião sobre cada detalhe que diga respeito à vida desta criança. Por isso, acho melhor se acostumar com esta idéia. Nunca me esquivei de minhas responsabilidades e não será agora que farei isso.

O fato de Louisa ter negligenciado a hipótese de estar grávida durante tanto tempo era uma arma que ele usava nas entrelinhas, para derrubar as defesas dela. E nisso ela tinha que admitir que ele havia ganho alguns pontos. E sabia que Luke se orgulhava disso, quando viu seus lábios esboçarem um sorriso confiante:

— Por isso é muito bom que não esteja pensando em um aborto. Caso contrário, iria enfrentar a maior luta de sua vida. Ninguém pode ferir o que me pertence.

De certa maneira, Louisa deveria estar agradecida por Luke estar tão determinado a defender o filho, entretanto, não conseguia suportar a sua atitude machista. Fazia com que ela se lembrasse da adolescência e de como o pai insistia em que ela deveria fazer o que ele achava certo, não se importando se ela gostasse ou não. E, se Luke Devereaux achava que poderia decidir sozinho o que achava ser melhor para ela e o bebê, apenas por ser o pai da criança, estava muito enganado.

— Não sou obrigada a aceitar suas ordens, Devereaux. Nem agora e nem nunca. E acontece que estamos falando sobre uma criança e não sobre alguma de suas propriedades.

Ela apoiou as palmas das mãos sobre o peito dele e tentou afastá-lo. Não conseguiu movê-lo nem um milímetro. Tentou outra vez. Nada. Desistiu, sabendo que esse esforço era inútil. O difícil era encarar o sorriso de satisfação que ele exibia.

Luke a mantinha tão colada ao seu corpo que Louisa sentia um volume cada vez maior roçar-lhe o ventre. Deveria ficar indignada, porém os hormônios não

concordavam com a razão e o seu corpo vibrava de emoção.

Ela o olhou com censura:

— Pare de agir como um tirano. Sei que é mais forte que eu, mas nos dias de hoje isso não lhe dá o direito de querer me dominar. Portanto, acho melhor me soltar — ela afirmou tentando parecer aborrecida, apesar do tremor na voz.

— Eu a libertarei quando prometer ouvir o que tenho a dizer.

— Tudo bem, sr. Troglodita. Pode falar — Louisa respondeu furiosa com o fato de ele estar usando os dotes físicos para provocá-la, sabendo como ela reagiria. — Mas isso não significa que irei fazer o que me disser. — Ele aliviou a pressão nos dedos que lhe seguravam o pulso, mas não o suficiente para permitir que ela escapasse. Ela sentia o aroma masculino e a provocante excitação que prosseguia atormentando-a. — Você prometeu que me libertaria se eu o ouvisse — ela tentou um apelo desesperado para que pudesse se distanciar dele antes que fosse tarde. Não pretendia permitir que Luke a seduzisse num posto de gasolina, ainda que os hormônios gritassem o contrário.

— Fique quieta e pare de bancar a inocente.

Louisa percebeu a tensão na voz dele e espantou-se com as gotas de suor que se formavam na testa masculina. Foi então que ouviu um burburinho de vozes do seu lado direito. Girou a cabeça na direção do barulho e entendeu a razão de Luke estar tão ansioso em mantê-la tão junto dele.

Ela tornou a encará-lo e dessa vez com um sorriso perverso nos lábios.

Os pratos da balança do poder finalmente tinham pesado em favor dela. Tratava-se de uma noite de sexta-feira anterior a um feriado e por isso o posto de gasolina estava abarrotado de pessoas que pretendiam abastecer os veículos para aproveitar a folga e fazer uma pequena viagem. Muitos desciam do carro e se dirigiam ao bar de conveniência ou aos toaletes, enquanto aguardavam pela vez. E qualquer um deles poderia notar o "estado" em que Luke se encontrava, se por acaso ela se distanciasse dele.

Apesar de Louisa também sentir a libido desperta, adorou o fato da natureza pesar contra o lado masculino naquelas circunstâncias e tornar a situação embaraçosa para ele. Ela não podia desperdiçar o momento e aproveitar para exercer uma pequena vingança: moveu os quadris contra o volume proeminente para provocá-lo ainda mais e o ouviu praguejar. Então, com a mão que estava livre, agarrou o colarinho da camisa que ele usava e o forçou a inclinar a cabeça.

— Que *diabos* está fazendo? — Luke protestou.

Ela acariciou o pescoço másculo com o polegar e saboreou o doce gosto da vitória.

— Estou mostrando quem é que manda agora, garotão! — ela espicaçou.

Contudo, ao notar o brilho de desafio nos olhos dele, percebeu que cometera um

grande erro. Tentou libertar-se, mas ele a puxou mais próximo ainda e se introduziu entre as coxas femininas. Inclinou a cabeça e beliscou com os dentes a curvatura do pescoço delicado até ouvi-la gemer.

— Não faça isso, Luke. Há pessoas nos olhando — as mãos estavam trêmulas enquanto ela tentava afastá-lo. O calor que sentia abaixo do ventre era tão intenso que Louisa teve receio de desmaiar. Não estava mais a fim de brincadeiras. Devia ter adivinhado que ele não jogava limpo. Tentou se libertar mais uma vez e ele a segurou mais firme. Depois sussurrou num ouvido dela:

— Você começou isso e quando chegarmos a Havensmere pretendo finalizar. E até lá espero que faça o que eu digo ou vamos ficar abraçados neste mesmo lugar pelo resto da noite.

— Não quero ir para Havensmere. Já lhe disse isso. E não acredito que teremos que ficar a noite inteira aqui por causa da sua excitação. É fisicamente impossível que perdue por tantas horas.

Ele se afastou um pouco para que ela desse uma espiada e revelou:

— Fiquei assim por quase uma semana depois que fizemos amor naquela noite. Por isso, posso lhe garantir que é *fisicamente possível*.

Ignorando a reação erótica que aquelas palavras provocaram, Louisa ficou orgulhosa de saber que o excitava daquela maneira.

— Vou libertar o seu pulso para que possa me enlaçar com os dois braços — ele a abraçou também e, antes de caminhar, assegurou-se de que a situação estava plenamente disfarçada. — E não tente nenhuma gracinha ou prometo que se arrependerá depois.

A maneira como caminhavam era tão ridícula que Louisa não conseguiu conter o riso.

— Pode rir o quanto quiser — Luke falou com severidade. Depois os lábios se curvaram em um sorriso divertido. — Garanto que não achará tanta graça quando estivermos na cama esta noite em Havensmere.

— Já avisei que não vou com você para Havensmere. Mudei de idéia e quero voltar para Londres.

Ele ergueu as sobrancelhas. Porém parecia mais curioso do que aborrecido.

— Louisa, querida. Nós já discutimos a esse respeito, lembra-se? Se vamos perder tempo decidindo as mesmas coisas que já foram decididas, deixaremos de resolver o que é mais importante — depois ele lançou um sorriso tão sensual, que Louisa sentiu o coração quase parar. — O bebê nascerá em menos de seis meses. Não há muito tempo a perder.

Ela ficou em silêncio. Ainda estava encantada com aquele sorriso sensual e ao mesmo tempo pueril. O charme que Luke possuía era uma das qualidades que a

fizeram cair de amores por ele. E num súbito *insight* ela descobriu o que mais a cativou naquela noite. Não tinha sido os belos olhos acinzentados ou as maneiras refinadas. Nem mesmo sua habilidade como amante perfeito. O que mais a atraía fora o magnetismo que ele possuía e a facilidade com que a fazia rir. A lembrança de como ela se apaixonara tão rapidamente por ele a forçou a conter a emoção que sentia naquele instante. Dirigiu o olhar para o sombreado no tórax poderoso, os pelos escuros que podiam ser notados sob o tecido fino da camisa, e tentou analisar a situação usando bom-senso. Era surpreendente como ela havia esquecido os detalhes que a atraíram no homem que conhecera naquela noite. Talvez porque ele não existisse na realidade. Luke ainda podia ser divertido e charmoso no instante em que desejasse e era óbvio que a atração sexual deles estava mais potente do que nunca. Contudo, agora ela podia perceber claramente que tinham pouca coisa em comum. Exceto o bebê. E ela não deveria perder de vista o que acabara de descobrir.

Luke ergueu-lhe o queixo com a ponta de um dedo e forçou Louisa a encará-lo.

— Por que mudou de idéia quanto a Havensmere?

— Sabe muito bem a razão. Se ficarmos sozinhos não haverá como evitar que haja sexo entre nós. Quase já aconteceu e nem estávamos sozinhos...

— Estou feliz que tenha admitido. Mas não encaro isso como um problema.

— É porque sua vida não foi virada de pernas para o ar de um momento para o outro.

— Claro que foi! Caso não tenha percebido, eu não planejava me tornar pai. Pelo menos, não dessa maneira.

Louisa repousou a mão num braço dele e disse com um sorriso:

— Por favor, não vamos brigar outra vez. Já tive conflitos demais para um só dia — ela sabia que poderia estar soando como uma atitude egoísta, porém estava tão sobrecarregada de emoções que subitamente sentiu-se exausta. Algumas lágrimas lhe umedeceram os olhos.

— Ei! Não chore! Não é tão ruim assim — Luke procurou acalmá-la e com o polegar acariciou-lhe o lábio inferior, enquanto repousava um beijo gentil na testa miúda.

As lágrimas agora rolavam pelo rosto.

— Quero ir para a minha casa e começar a planejar minha vida. Há muita coisa que preciso fazer — declarou ela, enquanto abafava um soluço. Sabia que estava sendo egoísta e com elevado instinto de auto-piedade, mas não conseguia impedir as lágrimas abundantes que jorravam como água. O peito parecia tão apertado que ela mal conseguia respirar.

Luke apanhou um lenço do bolso e o ofereceu.

— Não se preocupe. Resolveremos isso.



Louisa enxugou as lágrimas e sentiu o perfume dele impregnado no tecido de algodão do lenço branco. O mesmo aroma que ela sentira quando ele lhe enxugara as lágrimas no momento em que ela vira a imagem do bebê na tela da ultrassonografia.

Embora Louisa soubesse que o conforto que ele lhe oferecia seria temporário, isso a ajudou a se recuperar.

— Está melhor? — ele perguntou, inclinando a cabeça para olhar nos olhos dela.

A preocupação que ele demonstrava quase a fez chorar novamente.

— Já estou bem. Desculpe-me. Devem ser os hormônios da gravidez — ela respondeu e baixou os olhos para o lenço branco que agora estava encharcado e com manchas escuras do rimei dela. Provavelmente estaria parecida com um urso panda, pensou. Porém, estava cansada demais para se preocupar com a aparência. — Acho que seu lenço está arruinado.

— Não faz mal. Tenho outros — ele respondeu com um sorriso.

Finalmente eles chegaram até o carro. Luke abriu a porta e a ajudou a entrar. Louisa aguardou até que ele se acomodasse atrás do volante para falar:

— Sei que lhe ocasionei muitos problemas hoje mas, se pudesse me deixar na primeira estação de trem, eu seria eternamente grata. Poderá me dar o número de seu telefone e eu entrarei em contato daqui a algumas semanas para... — ela deu uma pausa. Para o quê, exatamente? Acompanhá-la nas aulas de pré-parto, escolher o nome do bebê, ou o que mais? "Por Deus!", será que ele gostaria de se envolver daquela maneira? E até onde ela queria que Luke se envolvesse? Ela deu um suspiro e cerrou os punhos sobre o colo. Sentia-se como se estivesse escalando o monte Everest sem o equipamento adequado. Não sabia nem mesmo por onde começar. — Bem, você sabe. Assuntos sobre o bebê. — Finalmente ela completou, sentindo-se como uma tola.

Ele a estudou em silêncio.

Louisa torcia para que ele não fizesse outra cena. Ela realmente não agüentava mais ter que enfrentar outra discussão.

Luke apenas balançou a cabeça.

Ela soltou o ar que estava segurando há muito tempo. O alívio foi imenso. Se ele a pressionasse novamente ela o enfrentaria e seria muito pior. Além disso, Louisa precisava de tempo para lidar consigo mesma antes de encontrar uma maneira de como agir com Luke Devereaux. Mas de uma coisa estava certa. Deixar que ele tomasse as decisões no lugar dela não era uma opção.

Ele estendeu o braço e apanhou o paletó que deixara no banco traseiro. Depois o ofereceu.

— Se quiser pode dobrar o paletó e usá-lo como travesseiro. Parece cansada. Aproveite para tirar um cochilo até chegarmos.

Ela beliscou o lábio inferior, sentindo-se hesitante.

— Qual é o problema?

— Não posso usar esse paletó como um travesseiro. É um dos modelos mais recentes do *Armani*. Seria praticamente um sacrilégio!

— Prometo que não contarei para o *Armani* se você também não contar — ele gracejou com uma piscadela.

Louisa sorriu e tentou ignorar o frio na espinha ao ver o brilho encantador nos olhos acinzentados. Só não podia evitar o perfume que sentiu ao acomodar a cabeça no paletó azul-marinho. Era de uma colônia cítrica e exclusiva. Exatamente como o dono. Atraente e perigoso, ela pensou, antes de mergulhar em um sono profundo provocado pelo extremo cansaço.

CAPÍTULO NOVE

LUKE OBSERVOU os pesados portões de ferro de Havensmere serem abertos e, depois de acenar para o velho Joe, dirigiu devagar até passar pelo *cattle gride*, uma espécie de barreira de metal que impedia os animais de atravessarem, quando ouviu o clique do mecanismo se fechando atrás do carro.

A noite de verão estava agradável e a brisa suave movia as folhas das árvores que circundavam o caminho que levava até a imensa mansão construída no estilo paladino. Em menos de cinco minutos, Luke estacionava o carro em frente à majestosa construção. Um par de escadarias idênticas e semicirculares conduziam ao primeiro andar. Pilastras de pedra mantinham no topo um par de leões esculpidos em bronze e adornavam as laterais da porta dupla da entrada principal. Ele notou que os jardineiros haviam plantado lobélias azuis nos canteiros que adornavam as sacadas, conforme solicitara. O trabalho de recuperação e remodelagem do exterior do prédio estava agendado para começar no mês seguinte. E já não era sem tempo, Luke pensou ao observar que as molduras do segundo andar estavam praticamente se esfarelando.

Luke apertou o volante com força. A reação que sentia ao ver a antiga residência era sempre confusa. Quando ele a vira pela primeira vez, cerca de 23 anos antes, ficara fascinado pela beleza e surpreso com tamanha grandeza. Para uma criança que vivera os sete primeiros anos de sua vida em um apartamento de dois quartos no lado pobre da cidade de Las Vegas, Havensmere parecia magnífica e assustadora ao mesmo tempo. A imensidão do lugar lhe trazia um sentimento de tristeza e solidão. E quando foi conduzido ao estúdio de Berwick, o estranho sentimento de abandono aumentou ainda mais. O homem sentado atrás da escrivaninha lhe parecera muito orgulhoso em possuir Havensmere.

Quando Luke fora chamado de volta ao lugar, no ano anterior, para a leitura do testamento de Berwick, ainda carregava os antigos ressentimentos. Até que vira Havensmere de novo. Com as molduras arruinada, canteiros ressecados e caminhos esburacados. Não era mais o sentimento de dor que experimentava e sim de tristeza. O lugar, agora, nem de longe lembrava seu passado glorioso. Ele supunha que fora por um sentimento de pena que resolvera pagar do próprio bolso uma recuperação tão dispendiosa. Contudo, assim que o trabalho estivesse terminado, Luke pretendia retornar para sua cobertura em Chelsea.

O que exatamente faria com o lugar depois que partisse, ainda não tinha a mínima idéia.

Suspirou fundo e olhou para Louisa, que se encontrava encolhida e adormecida no banco do passageiro.

Com o motor do carro desligado, podia ouvir a respiração dela. E uma coisa era certa: Luke teria um problema maior do que Havensmere para lidar logo mais. E seu *problema* estava dormindo como uma criança inocente bem ao lado dele e se chamava Louisa DiMarco — a mãe de seu futuro filho. Com certeza ele ouviria o *diabo* pela manhã, quando ela acordasse e descobrisse onde estava.

Luke sorriu. Apesar da explosão de nervos que teria de assistir, ele não se arrependia de ter decidido trazê-la para Havensmere assim que a viu adormecida. Ele pretendia demonstrar o quanto levava a sério suas responsabilidades.

E agora Louisa era sua responsabilidade, quer ela concordasse ou não.

Luke notou os cílios dela vibrarem e ouviu um gemido fraco. Porém, a respiração permanecia profunda e constante. Ele considerou que ela estivesse muito cansada, para dormir tão profundo, em uma posição desconfortável como aquela. Permaneceu por algum tempo acompanhando o arfar do peito feminino sob o tecido de algodão e lembrou-se da maciez do busto farto pressionado contra a rigidez do seu tórax, quando estavam no posto de gasolina.

A recordação o inquietou e ele foi forçado a admitir para si mesmo que o bebê não era a única razão de tê-la trazido para Havensmere. Tudo em Louisa o encantava. Desde o corpo voluptuoso até os olhos amendoados, que pareciam esconder segredos sensuais que nenhum homem seria capaz de resistir.

Contudo, Luke sabia que Louisa nunca seria sua companheira ideal. Ela era inconstante e impetuosa demais para o seu gosto.

Ele retirou as chaves da ignição e seus lábios se curvaram num sorriso insinuante. Mas, para uma amante de curta temporada, com certeza o potencial dela era enorme.

Após dez anos dirigindo um império financeiro, Luke estava acostumado a ver as pessoas se curvarem diante do seu poder e fazerem exatamente conforme ele lhes

ordenasse. Talvez por Louisa agir de maneira completamente oposta é que tenha atraído a atenção dele. Luke adorava desafios e jamais encontrara uma mulher que o enfrentasse daquele modo. Talvez a novidade acabasse perdendo a graça, mas até lá, ele aproveitaria a diversão.

Após colocar as chaves num bolso da calça, ele saiu do carro. Como suspeitava, ela mal se movia enquanto a erguia nos braços e a carregava para dentro da mansão. Albert, o mordomo, manteve a porta aberta e fez uma reverência no momento em que Luke passou por ele e seguiu na direção da escadaria pra chegar ao primeiro andar.

Louisa era mais leve do que ele imaginava para uma mulher daquela altura. Contudo, ele sabia que não seria assim por muito tempo. A imagem dela com o ventre proeminente o incomodou por um instante. Mas também o encheu de orgulho e um estranho sentimento de proteção.

No instante em que ele entrou na Rose Room, a suíte que a camareira deixara preparada para acomodar Louisa, Luke ficou satisfeito com a eficiência da sra. Roberts.

Ele acomodou Louisa cuidadosamente na cama *kingsize* sustentada por quatro pilastras brancas.

Descalçou as botas e as colocou embaixo do braço. Ficaria com elas por enquanto para garantir que Louisa não acordasse no meio da noite e cometesse a tolice de querer fugir.

Quando ele puxou as cobertas para agasalhá-la, notou que os seios estavam quase expostos por conta da blusa apertada. Ela não parecia confortável dentro das roupas inadequadas para dormir. Porém, não cometeria a tolice de despi-la. Havia um limite para o quanto nobre poderia ser. Fechou as cortinas das imensas janelas e, antes de sair, resolveu dar mais uma espiada em Louisa. Afagou uma mecha dos cabelos sedosos, aproveitando a calma enquanto a tempestade não chegasse. Talvez estivesse ficando louco, mas sentia-se ansioso pela discussão que provavelmente aconteceria pela manhã. Sabia que ela o censuraria por tê-la trazido para Havensmere sem o seu consentimento, porém acreditava que conseguiria vencê-la com argumentos. E, quem sabe, poderiam comemorar juntos a compreensão dela.

CAPÍTULO DEZ

LOUISA INALOU O suave perfume das flores do campo e abriu as pálpebras.

Olhou surpresa as pesadas cortinas de veludo vermelho e o raio dourado de sol que penetrava através de uma fresta deixada no espaço de união entre os dois lados da cortina.



Ela piscou algumas vezes, porém a cortina continuava no mesmo lugar. Ergueu os olhos notou a cobertura da cama, ornamentada com o mesmo veludo da cortina. E então reparou nas pilastras.

"O que ela estava fazendo naquela cama em estilo medieval?"

Ergueu o corpo levemente e apoiando-se nos cotovelos correu os olhos ao redor do ambiente. O quarto era enorme. Pelo menos duas vezes maior que seu apartamento inteiro. Os móveis eram antigos, mas de excelente qualidade. Ela nunca imaginara existir um quarto tão grande em algum lugar.

Quando baixou o olhar para o vestido amarrotado, algumas imagens do que acontecera no dia anterior lhe vieram à mente, como um filme programado para avançar rápido: o olhar furioso de Luke enquanto se inclinava sobre a mesa de trabalho dela; a imagem tridimensional do bebê na tela do aparelho de ultrassonografia; os dedos longos e fortes de Luke apertando o volante; a pressão do corpo dele contra o dela no posto de gasolina...

Louisa saltou da cama e disparou na direção de uma das janelas. Os pés descalços afundavam na maciez do carpete. Afastou as cortinas e piscou quando a claridade repentina a ofuscou. Quando conseguiu abrir os olhos novamente ficou espantada com a paisagem que podia distinguir através da vidraça. Podia ver South Downs à distância. A antiga floresta que agora se reduzia a extensos gramados. Colocou-se na ponta dos pés e espiou para baixo e avistou os jardins que circundavam a casa.

Aquilo não era um sonho. Estava mais para pesadelo.

Luke tivera a ousadia de a sequestrar!

LOUISA DOBROU as mangas do robe de cetim que havia encontrado num armário e após ter escovado os cabelos, verificou como estava sua aparência no espelho do banheiro. Parecia mais jovem e extremamente miúda no robe, muito maior que ela. Não era exatamente esta imagem que ela gostaria de ostentar para enfrentar Devereaux. Pelo menos tivera uma boa noite de sono e um banho relaxante. Agora só lhe restava colocar as próprias roupas e procurá-lo. E, quando o encontrasse, ela o deixaria bem ciente do que pensava a respeito de crimes como o que ele acabara de cometer. Depois iria para casa. Não sabia exatamente como conseguiria fazer isso, já que estava descalça, sem carro e sem dinheiro. Pensaria em alguma coisa. O que não suportava era ser tratada dessa maneira.

QUANDO LOUISA saiu do banheiro, ainda de robe, foi surpreendida pela presença dele no quarto.

— Bom dia, Louisa!



O som grave e intimidador da voz dele a enfureceu. Luke parecia completamente à vontade ocupando uma das poltronas junto à mesa de café. Vestia calça jeans e uma camiseta pólo azul. O traje casual a fez lembrar-se da noite em que ficaram juntos. Ela notou que as botas dela estavam acomodadas ao lado dos pés dele.

— O que está fazendo no meu quarto?

— Já é quase uma da tarde — ele se ergueu e caminhou na direção dela. — O almoço está pronto. Achei que poderíamos almoçar juntos no terraço.

Ela empinou o nariz no momento que ele estacou na sua frente.

— Não tenho nenhuma intenção de almoçar com você. E assim que me vestir, irei embora daqui.

Luke curvou os lábios num sorriso sarcástico.

Louisa sentiu o sangue subir ao ver que ele a media da cabeça aos pés. Como Demereaux tivera a ousadia de entrar no quarto dela sem o seu consentimento?

Ela nem mesmo havia colocado suas roupas e terminado a maquiagem. Poderia até estar nua! O que não daria agora por um pouco de *gloss*!

— Pense com calma — ele aconselhou, sem tirar os olhos do abdômen dela. — Precisa comer alguma coisa. Principalmente nessas condições. Não a deixarei ir embora sem se alimentar primeiro.

O tom de ameaça na voz dele a irritou ainda mais.

— Não pode me impedir! — ela anunciou e, passando por ele, escancarou a porta da suíte:

— Agora, saia do meu quarto!

Luke cruzou os braços contra o peito, recostou um ombro numa das pilastras da cama e ergueu uma sobrancelha. Não moveu um músculo sequer para obedecer o comando dela.

— Por mais que eu goste de suas pequenas explosões, Louisa — ele prosseguiu no tom arrogante que ela tanto odiava —, tenho de admitir que estou faminto. Por isso, por que não para de agir como uma criança mimada e me acompanha no almoço e então poderemos conversar como adultos?

Ela suspirou e retirou a mão da maçaneta da porta.

— Sinto informar que a criança aqui é você e não eu!

Louisa repousou as mãos nos quadris e estufou o peito.

Estava pronta para a briga. Só então reparou a atenção dele voltada para o seu busto. Baixou o olhar e notou que os movimentos bruscos que fizera afastaram as lapelas do robe e os seios estavam praticamente expostos. Louisa apressou-se em ajustar o robe. Sentiu os mamilos rijos se evidenciarem por baixo do cetim, reagindo ao olhar cobiçoso de Luke.

— O que estava dizendo? — Luke perguntou, distraído. Ela limpou a garganta,

tornou a cruzar os braços frente ao peito e falou tentando demonstrar sua indignação:

— Não vou me sentar tranqüilamente e almoçar com você, depois de me seqüestrar!

Ele bufou e depois riu com incredulidade:

— Não acha que está dramatizando demais?

— Não. Não acho! — ela berrou com toda a força dos pulmões. Depois interrompeu-se para tomar fôlego. Arrependeu-se de ter gritado. Agir com histeria só serviria para adular o ego masculino. — Não estou dramatizando — repetiu com a maior calma que conseguiu. — Você concordou em me deixar na primeira estação de trem que encontrasse. Você mentiu para mim.

— Eu nunca lhe disse que concordava com essa idéia — replicou ele, com uma certeza absoluta.

Louisa vasculhou a mente tentando lembrar-se do que ele dissera ou não. Então recordou que ele deliberadamente apenas balançara a cabeça.

— Não importa o que você disse ou não. O fato é que sabia que eu não queria vir para Havensmere e por isso não deveria ter-me trazido. Simplesmente isso!

— Não é tão simples — ele retrucou e endireitou o corpo. Louisa deu um passo atrás quando o viu aproximar-se dela.

— Não chegue mais perto! — ela avisou com as palmas das mãos erguidas num gesto defensivo.

Luke prosseguiu avançando e ela recuou até recostar na parede. As mãos tocaram no tecido de algodão da camisa que ele usava e Louisa pode sentir-lhe a tensão dos músculos.

— Você estava exausta e abalada emocionalmente. E grávida do meu filho... — Luke acariciou-lhe um lado do rosto com o dorso da mão. A ternura que podia ver nos olhos dele a desconsertaram. — Acha que eu teria coragem de deixá-la sozinha num trem, nessas condições?

— O que eu acho é que você invadiu meu espaço pessoal — ela tentou argumentar com a voz ofegante por causa do calor que se espalhava rapidamente pelo corpo.

Ele lhe aprisionou o rosto entre as palmas gigantes e deu um sorriso eletrizante.

— Essa era a minha idéia — confessou Luke, enquanto inclinava a cabeça para um sussurro:

— Sabia que seus olhos ficam mais escuros quando está excitada?

Ela tocou nos braços musculosos e, com as mãos trêmulas, tentou afastá-lo. No fundo, estava quase se derretendo de emoção.

— Isso não vai nos levar a nada. Ainda estou furiosa com você e ainda quero ir para a minha casa. — Contudo, o tom de voz traiçoeiro fazia com que as palavras

soassem mais como um convite do que uma censura.

— Falaremos sobre isso depois — murmurou, enquanto com o polegar acariciava a curvatura delicada do maxilar feminino. — O que eu quero agora é invadir um pouco mais o seu espaço pessoal.

E depois daquelas palavras ele aproximou os lábios dos dela para beijá-la. Louisa tentou ignorar o calor abrasivo da boca masculina e fingiu indiferença. Porém o beijo que começou suave, em instantes tornou-se sensual e exigente, fazendo com que ela abrisse os lábios para permitir a invasão da língua ávida. A medida que os recantos da boca feminina eram explorados, ondas de eletricidade atravessavam seu sistema nervoso como se ela estivesse ligada em uma tomada elétrica. Ela se agarrou na blusa masculina para conseguir manter o equilíbrio e enlaçou a própria língua na dele, iniciando um duelo sensual que ela sabia que não venceria. Ela discutiria com ele depois. Assim que retomasse o controle do seu corpo, pensou Louisa. Agora, o que mais interessava era desfrutar ao máximo o prazer que Luke lhe proporcionava.

O tórax poderoso roçava sem piedade os mamilos intumescidos, enquanto a pressionava junto à parede.

Ele abandonou o beijo para provocar-lhe o ponto sensível atrás da orelha e depois descer pela curvatura do pescoço, espalhando beijos rápidos e úmidos.

Louisa gemeu e protestou ao mesmo tempo, quando sentiu a palma quente introduzir-se entre as suas coxas:

— Não podemos fazer isso! Não temos tempo!

— Temos a semana inteira. Já combinei com Parker — ele murmurou, enquanto erguia uma das pernas dela e a acomodava em um lado do quadril masculino.

— Você fez o quê? — ela gritou e deu-lhe um empurrão. Todo o encanto foi quebrado como se alguém tivesse derrubado um balde de gelo sobre a cabeça dela.

— O que aconteceu? — ele perguntou, com a respiração ofegante.

— Você negociou com meu chefe para me conceder férias por uma semana? Não posso acreditar nisso!

— Qual é o problema?

— O problema é que você não tinha o direito de fazer isso sem que eu soubesse.

Ele a agarrou pelos pulsos e puxou-a novamente para junto dele.

— Esqueça. Não vamos brigar por isso agora.

— Vamos sim! — ela golpeou o peito dele com os punhos cerrados e girou a cabeça no instante em que Luke tentou beijá-la. — Pare com isso! — ela gritou, embora ainda sentisse as pernas bambas.

— Mas ambos estamos a ponto de explodir!

— Não importa. Quero saber por que foi falar com meu chefe.

— Bem... — ele praguejou e a libertou. — Está bem. Vamos tirar isso do caminho.

— Acho bom — Louisa declarou, cruzando os braços frente ao peito.

— Considerei que não conseguiríamos decidir tudo o que precisávamos em um único dia. Por isso liguei para Parker na noite passada e ele concordou com o meu pedido para liberá-la por uma semana. O que há de errado nisso?

— O que há de errado? — ela ficou pasma. *"Será que ele falava sério?"* — Talvez devesse arriscar um palpite.

— Não tenho nenhum palpite. E nem tenho idéia de qual é o problema — Luke a olhava como se ela estivesse enlouquecendo.

— Você realmente não entendeu, não é?

— Entendi o quê?

Demereaux parecia tão frustrado e aborrecido quanto ela.

Louisa nem sabia mais o que pensar. Como alguém podia não ter noção dos limites pessoais que deveriam ser respeitados?

— Sabe de uma coisa? Você é pior que o meu pai. E já que não me perguntou se eu queria ou não vir para Havensmere, não se preocupe em me acompanhar na volta para Londres.

— Eu tomei essa decisão porque era o mais certo a fazer. Você precisa descansar e recuperar suas energias. Uma semana em Havensmere só lhe faria bem — ele se aproximou dela o bastante para que Louisa notasse a determinação que Luke exibía nos olhos. — Além disso, existe a mesma química entre nós. E pelo que acabou de acontecer, tenho certeza de que um dia não seria o suficiente para saciarmos essa necessidade.

— Não vamos fazer sexo.

— Por que não?

— Porque eu não quero — ela recuou um passo antes de tornar a falar. Ele a estava pressionando outra vez e Louisa não suportava isso. — Já lhe disse que o sexo para mim só importa se houver sentimento.

— E o que me diz do fato de estarmos separados por mais de três meses e ainda sentirmos a mesma atração?

Naquele ponto, ele tinha toda a razão. Ela admitiu em pensamento. Louisa ainda clamava pelo prazer que somente ele poderia lhe proporcionar. Mas recusava-se a confessar isso. Não queria lhe dar uma arma a mais para combatê-la. Se eles fizessem amor outra vez, teria que ser de acordo com os termos dela e não dele.

— Não acontecerá nada entre nós até que pare de me tratar como se eu fosse sua propriedade. E se quiser que eu fique em Havensmere, terá que se desculpar por ter invadido o meu espaço pessoal e prometer que não fará isso de novo.

— *"Por Deus!"* — ele exclamou incrédulo. — Eu estava apenas cuidando do seu bem-estar e não vou me desculpar por isso.

Louisa abafou a voz interior que lhe pedia para usar o bom-senso.

— Estou decidida, Luke. Não irei almoçar com você até que me peça desculpas e prometa não agir da mesma maneira novamente. Não sou mais uma criança e por isso não admito ser tratada como tal.

— Está maluca? Não se alimenta desde a tarde de ontem e está disposta a "morrer de fome" por causa de um estúpido ponto de vista? — ele desabafou.

— Perder uma refeição não irá me matar. Se as sufragistas puderam fazer isso, eu também posso.

— Sufragistas? Do que está falando?

— As sufragistas — ela respondeu com muita calma — foram as ativistas que batalharam para conseguir o direito de voto das mulheres e a igualdade com os homens. — E se Luke pretendia que decidissem juntos o futuro do bebê, Louisa precisava vencer esse primeiro *round*.

— Eu sei quem foram as sufragistas — ele resmungou e caminhou até a janela. Repousou as mãos nos quadris, enquanto observava a paisagem através do vidro. Os ombros largos contra a luz do sol formavam uma silhueta que lembrava uma escultura de pedra. Luke jamais recebera um ultimato como aquele e não tinha idéia de como deveria reagir. E ele estava tão zangado com Louisa que sentia vontade de estrangulá-la. Ela estava se transformando num desafio muito maior do que ele supunha. Num dado momento estavam a ponto de se *devorar* e no instante seguinte Louisa despejava um monte de bobagens a respeito de direitos e decisões. E exigia que ele se desculpassem por... Por exatamente o quê? Luke nem mesmo sabia o que havia feito de tão terrível! E para piorar a situação, percebia a excitação crescer dentro do jeans, o que o fazia sentir-se mais tolo ainda.

NINGUÉM LHE ditaria o que fazer — principalmente alguém que parecia tão vulnerável na noite anterior, a ponto de até precisar enxugar-lhe as lágrimas e colocá-la na cama feito um bebê. Louisa precisava dele para cuidar dela. E, se ao menos ela admitisse aquela verdade, poderiam esquecer toda aquela tolice e se concentrar no que era mais importante. E o alívio dos instintos estava no topo da lista.

E o que a fizera mudar o jogo tão de repente? Parecia tão *derretida* momentos antes. Ele ouvira seus gemidos e sabia que ela estava excitada. E mesmo assim recuou. Sabia que era teimosa e emotiva, mas não conhecia o lado determinado da personalidade dela.

Luke roçou a nuca por alguns segundos e tentou concentrar-se numa solução para o problema. O que mais importava em uma negociação era atingir o objetivo principal. E o seu objetivo era que Louisa permanecesse aquela semana em Havensmere. Só assim poderiam solucionar o que começaram — na cama e fora dela.

Contudo, era óbvio que Louisa tinha um tipo de aversão a qualquer atitude que demonstrasse autoridade. Por isso, Luke precisaria agir com muita cautela.

Ele girou a cabeça e notou que ela o observava. O olhar fixo e determinado. As mãos firmes segurando as lapelas do robe.

A imagem era o de uma valente guerreira em vez da figura inocente e frágil da garota que ele imaginara.

Luke não sabia explicar nem a si mesmo por que ainda assim a achava tão atraente.

No momento em que Luke decidiu se afastar da janela e aproximar-se de Louisa, notou os mamilos rígidos que se pronunciavam sob o tecido fino do robe. Ela não era tão imune quanto desejava aparentar. E de uma coisa Luke teve a certeza ainda que perdesse a primeira batalha, conseguiria vencer a guerra.

LOUISA PERCEBEU que ele havia se acalmado, embora os músculos ainda parecessem tensos. Entretanto, se Luke não se desculpasse, ela estava decidida a partir. Porém, nos últimos segundos ela notara que não era o que realmente desejava. Não saberia dizer a razão. Afinal, eles tinham passado a maior parte do tempo brigando. E quando não estavam brigando... Bem, o poderoso desejo que sentia por ele não parecia mais tão intenso. Até que Louisa deparou com a figura imponente que se aproximava e mergulhou no olhar acinzentado e devastador.

Luke Devereaux lhe parecia tão encantador quanto irritante. O homem era um enigma. E um amante sem igual.

Louisa queria saber mais sobre ele. Quem era, o que o tornava tão diferente dos outros homens e por que ela se sentira tão atraída por alguém que não possuía sensibilidade maior que um mosquito?

Luke estacou na frente dela e enfiou as mãos nos bolsos traseiros dos jeans. A postura o fazia parecer cauteloso. O que Louisa considerou um bom sinal. Se ele se desculpasse naquele momento estava pronta para perdoá-lo.

— Eu fiz a coisa certa, trazendo você para Havensmere — afirmou ele.

— Se essa é sua maneira de pedir desculpas, deixa muito a desejar.

— Não vou pedir desculpas por ter feito o que deveria ser feito.

Louisa sentiu o estômago se contorcer. Ele não cedia nem um centímetro e sua falta de bom-senso a fazia sentir-se uma tola. Luke não passava de um machista arrogante. Estava claro que jamais conseguiriam ter um bom relacionamento.

— Então, só me resta partir.

Porém, quando Louisa tentou passar por ele, Luke estendeu o braço e a impediu:

— Espere. Você estava dormindo e eu não quis acordá-la — ela abriu a boca para protestar e ele pressionou um dedo nos lábios dela. — Deixe-me terminar. Apesar da

minha preocupação em não acordá-la, agora eu vejo que não deveria ter falado com Parker antes de saber sua opinião.

Era óbvio que Louisa não esperava que ele fosse mais preciso. A rigidez do maxilar já deixava claro o tremendo esforço dele em assumir uma parte da culpa.

— E me promete que não fará isso de novo?

— Isso o quê?

—Tomar decisões por mim, sem me consultar antes. Houve um silêncio.

Por fim, Luke assentiu com relutância.

— Está bem. E você promete que irá passar a semana inteira em Havensmere?

—Claro. Tudo o que precisava fazer era me pedir de maneira apropriada — ela concordou com um sorriso.

Luke retribuiu o sorriso e afagou um canto da face dela com o polegar.

— Ótimo — e depois de consultar o relógio de pulso, avisou:

— O almoço será servido no terraço próximo da piscina. Peça a um dos empregados que a leve até lá, assim que estiver pronta.

Em silêncio, ela o viu afastar-se.

— Não demore. Estou faminto — ele avisou com um sorriso nos lábios antes de fechar a porta.

Ela fitou a porta por alguns segundos enquanto perguntava a si mesma por que razão não se sentia vitoriosa?

CAPÍTULO ONZE

LOUISA INTRODUZIU um dedo no cós da calça de linho que usava, enquanto descia os degraus da escadaria que conduzia ao *hall* de entrada da mansão. Seria sua imaginação ou a calça estava mais apertada?

Os saltos finos das botas provocaram um ruído à medida que alcançava o piso de mármore do *hall*. O som ecoou no silêncio. Ela ergueu a cabeça pa*a observar o teto alto e abobadado, construído com telhas de vidro, que promoviam uma claridade natural ao ambiente.

Havia alguns retratos com molduras douradas pendurados na parede revestida com papel de seda pintado à mão. Poucas mobílias no estilo Chippendale estavam estrategicamente distribuídas e tão bem polidas que pareciam espelhadas.

Uma série de corredores seguiam em diversas direções. Alguns no próprio patamar e outros que conduziam ao subsolo. Luke não estava brincando quando disse que Havensmere possuía cerca de 60 quartos. Apesar da intensa claridade, o ambiente

era frio. Magnífico mas intimidador, assim como o homem com quem iria se encontrar.

Ainda bem que ela conseguira terminar a maquiagem. Sentia-se mais segura quando estava bem produzida.

— É bom vê-la tão disposta, srta. DiMarco!

Louisa girou a cabeça na direção da voz suave e com um sotaque comum ao pessoal do lado oeste do país. Uma mulher robusta e com faces coradas caminhava na direção dela. Usava um avental branco e os sapatos de tecido praticamente deslizavam sobre o piso polido.

— Sou a sra. Roberts — prosseguiu a mulher —, governanta do sr. Devereaux — revelou com um sorriso gentil. E após secar a mão no próprio avental a estendeu para cumprimentar Louisa.

— Prazer em conhecê-la, sou Louisa DiMarco.

— O prazer é meu, querida — a governanta alargou o sorriso. — O sr. Devereaux está aguardando-a no terraço próximo da piscina. O *chef* preparou um belo salmão grelhado para o almoço. Vou avisar para Ellie que já poderá servir a refeição.

— Obrigada.

A governanta indicou o melhor caminho para chegar ao terraço e lançando um olhar discreto para o ventre de Louisa, declarou:

— O sr. Devereaux nos contou a novidade. E em nome dos funcionários da casa eu gostaria de parabenizá-la.

Louisa esboçou um sorriso sem saber o que dizer. Então Luke havia falado sobre o bebê para o pessoal. Sem saber exatamente a razão, Louisa sentiu-se desconfortável com a notícia.

— Estamos felizes em recebê-la aqui em Havensmere — a mulher continuou, mantendo o sorriso educado. — Se precisar de algo é só avisar.

— Obrigada, sra. Roberts. Eu farei isso.

Louisa assistiu a mulher se afastar e sentiu-se mais assustada do que nunca. Não que fosse completamente estranha ao estilo de vida de pessoas ricas e famosas. Como trabalhava para uma das revistas mais lidas pela alta sociedade, muitas vezes recebia convites para reuniões e coquetéis nas mais sofisticadas mansões de Londres. Contudo, nunca fora recebida em nenhuma delas como se fosse sua própria casa.

Embora tivesse crescido num lugar modesto e a família inteira se apertava em três pequenos quartos, ela nunca passara por privações. O pai era dono de uma doceria na parte Norte de Londres e ganhava o suficiente para garantir o pão de cada dia.

À medida que ela caminhava pelo extenso corredor que levava aos fundos do edifício, reparava nos aposentos enormes — e qualquer deles poderia conter o apartamento inteiro onde crescera — se perguntava se haveria lugar para ela e o seu bebê no mundo de Luke Devereaux.

Assim que abriu a porta envidraçada e avistou os jardins, sentiu-se como uma atriz, momentos antes de seu primeiro ensaio e que havia esquecido o roteiro. Ela inspirou o aroma delicioso das flores e preparou-se para atuar no papel principal de sua vida real.

Louisa avistou a água azul e convidativa da piscina enquanto subia os poucos degraus do terraço. Notou Devereaux de costas e acomodado à mesa esculpida em ferro forjado e protegida pela sombra de uma árvore frondosa. Uma jovem devidamente uniformizada distribuía os pratos e talheres sobre a mesa forrada com uma toalha de linho branca, enquanto ele lia o jornal.

Não fosse pelo jeans que Luke usava, a cena que Louisa via parecia semelhante a uma pintura antiga de Renoir.

Ela observou que Luke fez um breve aceno para a moça. Imediatamente ela fez uma reverência e retirou-se. Não era à toa que Devereaux tinha uma atitude tão arrogante. Com certeza ele crescera acostumado a dar ordens e ser obedecido no ato.

Quando os saltos das botas pisaram no chão de pedra polida, Luke girou a cabeça e a olhou por cima de um ombro. Depois dobrou o jornal e ergueu-se para recepcioná-la. O gesto cavalheiresco não a impressionou. Louisa sabia muito bem como as maneiras impecáveis poderiam desaparecer rapidamente sempre que ele se sentisse desafiado.

— Espero que esteja com fome. Leonardo preparou um prato que daria para servir um batalhão — ele gracejou e apontou um dedo na direção da enorme travessa que continha o salmão, acompanhado de uma salada variada.

Antes de se acomodar, Louisa percebeu que os expressivos olhos acinzentados a estudavam. O coração quase perdeu o compasso. *Calma!*, essa voz interior a aconselhava. *Ele é apenas um homem. E você não é subordinada dele.*

— Hum... Parece apetitoso! — exclamou ela, feliz pelo rugido do estômago ter sido disfarçado pelo barulho das folhas.

Devereaux tornou a se sentar e começou a se servir. Louisa o observou. Não era à toa que ela o achara irresistível na noite em que o conhecera. Suas maneiras refinadas e aristocráticas revelavam o homem acostumado a reinar.

Ela apanhou um guardanapo e o colocou sobre o colo.

Seria obrigada a enfrentar uma batalha se quisesse demonstrar para Luke Devereaux que ele não era o dono dela. E para que essa idéia surtisse resultados, Louisa teria que refrear seus próprios instintos. Ir para a cama com ele, no momento em que Devereaux apenas estalasse os dedos, não seria a melhor maneira de convencê-lo de que ela não era o seu mais novo brinquedo.

LUKE ASSISTIU Louisa garfar um pedaço de salmão e colocá-lo na boca. Uma

minúscula partícula do peixe grudou em seu lábio inferior e ela estendeu a ponta da língua rosada para lambê-lo. Ele se remexeu na cadeira e deu um meio-sorriso malicioso.

Louisa DiMarco era a mulher mais problemática que conhecera e também a mais fascinante.

Luke não estava habituado a ser confrontado da maneira como Louisa fizera. Da última vez que ela o rejeitara, estava claro que era apenas fingimento. Tudo bem que a gravidez ocasionasse uma mudança no equilíbrio hormonal mas, até onde ele podia perceber, ela ainda o desejava.

Assim que contornasse a diferença de opiniões entre eles, Luke pretendia se assegurar de que seu bebê tivesse a melhor assistência e Louisa DiMarco estivesse exatamente no lugar que ele desejava.

Demereaux ergueu a jarra que continha limonada gelada e serviu refresco a ambos.

Levou seu copo aos lábios e permitiu que o líquido refrescasse a garganta ressecada. Pela borda do recipiente ele observava a oponente. Luke já esperava que ela não aceitasse as idéias dele, contudo, ele já estava preparando uma nova estratégia. E dessa vez esperava que funcionasse. Ela o provocara tanto naquela manhã, que Luke perdera o controle da situação por um momento. Porém, não iria cometer o mesmo erro. Afinal, o caçador era ele e não estava disposto a perder o jogo novamente.

CAPÍTULO DOZE

LOUISA PRATICAMENTE devorou a refeição. Estava faminta e o sabor excelente ajudou a estimular o seu apetite. Contudo, não havia muito o que fazer com o estômago que não parava de roncar.

Luke parecia não notar, uma vez que tentava preencher o silêncio com assuntos amenos. Algumas vezes ela o observava através da borda do copo e notava que ele a olhava insistentemente. E isso a fazia lembrar-se da primeira noite que tiveram juntos. Ele não falara muito. Nada além do necessário. Talvez por isso Louisa sabia tão pouco a respeito dele. E agora que o conhecia um pouco melhor, descobrira que o silêncio fazia parte da personalidade forte e poderosa dele. Ele a desejara naquela, noite e a seduzira com incrível eficiência. Louisa fora incapaz de resistir ao charme encantador de Luke. E o mesmo quase acontecera naquela manhã.

Louisa começava a imaginar qual seria o próximo movimento dele. Será que teria elaborado algum plano para o bebê? Procurou afastar de seus pensamentos o

pânico que ameaçava atormentá-la.

— Sabe de uma coisa, Louisa? Eu estive pensando sobre a nossa situação e o bebê.

Ela olhou para ele assustada. Será que Luke tinha o poder de ler seus pensamentos?

— É mesmo? — ela respondeu com a maior casualidade possível. Ao mesmo tempo estranhava a maneira intensa como ele a olhava.

— Tenho uma solução capaz de resolver o problema.

— E qual seria? — ela perguntou antes de sorver um gole do refresco.

— Deveríamos nos casar.

O susto foi tão grande que ela engasgou com o líquido que começava a engolir. Começou a tossir sem parar e desesperar-se por ar. Luke ergueu-se e apressou-se em ajudá-la. Promoveu suaves pancadas com a palma de uma mão nas costas dela, enquanto com a outra mão mantinha o lenço próximo dos lábios de Louisa.

Em alguns segundos a crise foi controlada e ela parou de tossir.

— Você está bem? — ele perguntou com muita calma. A calma era demais para um homem que acabava de tomar uma decisão tão importante, ela pensou.

Louisa apenas gesticulou positivamente com a cabeça. Ainda não era capaz de falar.

Luke retornou ao lugar em que estava antes e aguardou pacientemente até notar que ela estava plenamente recuperada. Então retornou ao assunto:

— Essa me parece a solução mais viável. É importante para mim que o bebê tenha o meu nome e eu possa ampará-los da maneira correta — os lábios dele se entreabriram num sorriso sensual. — Acho que nossa convivência não significará um sacrifício.

— Será que você perdeu a sanidade? — ela resmungou.

Luke respirou fundo.

— Eu já imaginava que você não tornaria as coisas fáceis.

— Nós mal nos conhecemos, Luke! A idéia de nos casarmos é absurda!

— Teremos tempo de nos conhecermos depois do casamento.

— Não — ela respondeu categórica. Será que ele estava realmente falando sério?

— Não o quê?

— Não vou me casar com você.

Louisa tinha certeza de que aquela não era a maneira como esperava um dia ser pedida em casamento. Como toda mulher, ela também fantasiava o modo como o homem de seus sonhos a faria delirar quando lhe fizesse o pedido formalmente. E a frieza calculada de Luke Devereaux não chegava nem perto do que ela idealizava. Contudo, afastou o desapontamento e a auto-piedade. Tinha coisas mais importantes

para lidar no momento do que se importar com sonhos românticos.

— Mas está grávida de um filho meu! E acho que nos conhecemos o suficiente.

— O suficiente? — ela repetiu. — Passamos apenas um dia na companhia um do outro. E a maior parte do tempo discutindo!

Ele riu.

— Garanto que não foi o que fizemos durante a maior parte do tempo — ele atravessou um braço sobre a mesa e cobriu uma das mãos dela —, ou não estaria grávida neste momento — concluiu.

Louisa sentiu os instintos despertarem no momento em que Luke começou a acariciar-lhe o dorso da mão com o polegar. Ela se apressou em recolher a mão que ele afagava e repousou-a sobre o colo.

— Atração sexual não é o suficiente para sustentar um casamento.

— Mas é um começo — ele afirmou com o sorriso estonteante que fazia o coração dela disparar.

— Não precisamos nos casar para isso.

— Esqueceu-se de que há uma criança envolvida? Ela franziu o cenho.

— Caso você não tenha percebido, estamos no século XXI. Muitas crianças nascem e sobrevivem sem que os pais sejam casados. E isso é cada vez mais comum.

— Não é o que quero para o meu filho.

Louisa percebeu que atingira um ponto fraco na aparente fortaleza. Finalmente tinha uma resposta para a razão de Luke entrar no escritório dela de maneira tão furiosa.

— Por que está tão determinado que o bebê tenha o seu nome? — ela perguntou, duvidando que ele já amasse o bebê, antes mesmo que nascesse.

— Porque ele é meu — ele respondeu com frieza. Louisa ficou irritada com o tom de possessividade na voz dele.

— O bebê é uma pessoa e não um objeto. Não pertence a ninguém.

— Sei disso. O que eu quis dizer é que desejo que ele tenha o meu nome. E para isso é preciso que nos casemos.

— Não precisamos nos casar por esse motivo. Você pode registrá-lo como pai e...

— Isso não evitaria que ele fosse considerado um bastardo. Essa não é a solução. Nós temos que nos casar.

Louisa podia notar claramente a emoção na voz dele e a rigidez da musculatura. Não se tratava apenas de teimosia.

— Quero que me entenda, Luke. Considero o casamento um compromisso para o resto da vida e não estou preparada para me casar apenas por conveniência. Principalmente com alguém que eu mal conheço e acabar como um objeto nas mãos de um homem com conceitos machistas e ultrapassados.

Ele deu *uma* estrondosa gargalhada.

— Você não é o tipo de pessoa que alguém pudesse chamar de *docinho*.

O comentário grosseiro a feriu como um espinho:

— E nem você. E isso é mais uma razão para...

— Tudo bem. Tudo bem — ele ergueu uma das mãos para silenciá-la. — Não vamos discutir por causa disso. Seria perda de tempo.

Ela arfou. Como ele podia ser tão grosseiro? Luke afagou gentilmente uma mecha dos cabelos dela e com o tom de voz suave, argumentou:

— Temos uma semana pela frente. Vamos aproveitá-la para nos conhecermos melhor. — Com o polegar, pressionou o lábio inferior feminino e acrescentou:

De todas as maneiras possíveis.

Ele deslizou o polegar para a curvatura do pescoço e Louisa sentiu a excitação recomeçar. Decidida, agarrou o I pulso dele e afastou a mão. Ela queria aceitar o que Luke lhe j oferecia, mas estava com medo. Já caíra de amores por ele j uma vez e se decepcionara. E no que dizia respeito ao sexo, Luke tinha um poder tão grande sobre ela, que Louisa não tinha certeza de poder se controlar.

— Não vou fingir que não quero dormir com você — ela murmurou, sabendo que ele teria certeza de que ela estaria mentindo. — Mas eu preciso de um tempo para pensar. O fato de sermos completamente estranhos me assusta.

— De quanto tempo precisa? Sabe que só temos uma semana.

— Não sei. Mas gostaria de uma trégua.

— Que tipo de trégua?

— Nenhuma conversa sobre sexo e nada de toques. Ele ergueu as sobrancelhas com espanto:

— Não seja ridícula! Não somos crianças!

— Se é assim que pensa então eu o verei somente amanhã para o almoço.

— E o que planeja fazer? Trancar-se no quarto?

— Se for preciso...

— Está bem. Se tem certeza disso...

— Tenho absoluta certeza — ela mentiu. E quando tentou passar por ele, Luke a segurou por um pulso.

— Espere um pouco. Eu concordo, mas com uma condição.

— Qual condição?

— Eu não tocarei em você desde que você também não me toque.

Novamente Luke abriu um sorriso sensual e Louisa sentiu os joelhos amolecerem.

Assentiu com um gesto de cabeça, porque sabia que não poderia confiar na sua voz.

Quem seria o vencedor daquele round?

Ela se perguntou mentalmente, no momento em que Luke liberou-lhe o pulso e ela prosseguiu a caminhada com as pernas bambas.

Dado que seus instintos já estavam plenamente revoltados com o acordo do "não toque", ela temia não ser a vencedora. De alguma forma o diabólico e *sexy* Lorde Berwick conseguiria derrotá-la mais uma vez.

O que Louisa mais precisava no momento era de um conselho amigo de alguém que já tivesse vivido algo parecido.

Sua melhor amiga, Mel Rourke Devlin, estava com dois filhos e contava com cinco anos de casamento com um marido maravilhoso que, de certa maneira, também a seqüestrara. E se Mel não saberia o que Louisa deveria fazer, então ninguém saberia.

Estava na hora de fazer um telefonema para sua amiga.

LUKE OBSERVOU Louisa cruzar o pátio e notou a beirada da calcinha de cor violeta que sobressaía do cós do jeans de cintura baixa que ela usava. Ele se imaginou tocando com o polegar o ponto sensível na base da espinha. Forçando-se a afastar o olhar, tornou a sentar-se à mesa e apanhou o jornal. A recente visão despertou-lhe os instintos e ele esboçou um sorriso.

A proposta que ele fizera lhe parecia melhor do que esperava. Seu advogado tinha sugerido o casamento como a melhor solução, quando o consultara pela manhã. A princípio, Luke rejeitara a idéia, mas logo depois concordou que essa seria a única saída. E, apesar da recusa de Louisa, ele tinha certeza de que no final conseguiria colocar uma aliança no dedo dela. O fracasso não significava uma opção para ele — não depois do que enfrentara na infância. E convencer Louisa não lhe parecia tão difícil quanto imaginava. Apesar de contemplar as diferentes emoções que ela demonstrara durante o almoço — choque, confusão, desconfiança e finalmente desespero.

Ele lhe daria a trégua que ela pedira. Afinal, era um homem que mantinha sua palavra e não costumava pressionar as mulheres no que se referia a manter relações sexuais.

CAPÍTULO TREZE

— PREPARE-SE PARA uma surpresa, Mel — Louisa sentia as mãos tremerem enquanto falava ao celular. — Estou grávida e Luke Devereaux é o pai.

Louisa ouviu o murmúrio de espanto da amiga do outro lado da linha e depois o comentário animado.



— Eu sabia que havia acontecido algo naquela noite! Minha intuição nunca se engana. Mas quando você me contou que estava sentindo enjôos e seus seios haviam aumentado de tamanho, e eu lhe perguntei se estava grávida, você foi tão categórica em negar... Espere aí! Aquele jantar ocorreu há mais de três meses... Por que não me disse nada?

— Porque eu também não sabia.

— Não é possível! Como poderia não ter notado que...

— Bem, é uma longa história. E não importa mais — Louisa interrompeu a amiga.

— O que interessa agora é que não sei o que fazer.

— Para quando é o bebê?

Essa simples pergunta inundou de lágrimas os olhos de Louisa. Ficou emocionada com o tom de voz preocupado da amiga. E ela precisava tanto de Mel naquele instante...

— Provavelmente para a segunda semana de fevereiro.

— Você está chorando, Lou?

— Desculpe-me, Mel. São as *drogas* dos hormônios. O problema é que o bebê não é a minha única preocupação.

— O que quer dizer?

— Estou na casa de campo de Luke neste momento.

— É mesmo? Ouvi dizer que o lugar é incrível!

— Incrível é pouco para descrever algo que se parece com o Palácio de Buckingham.

— Isso é fantástico, Lou! Parece que vocês estão se entendendo muito bem!

— É um pouco mais complicado do que isso. Devereaux me pediu em casamento. Ou melhor, *determinou* que deveríamos nos casar.

Houve uma pausa. Louisa podia sentir que Mel estava tentando assimilar o que acabara de ouvir.

— Quer dizer que isso a transformará na Lady Berwick? — Mel perguntou, parecendo um tanto atordoada.

— Não seja tão apressada, Mel. Na verdade, eu não estou pensando em aceitar a proposta.

— Por, que não? Ele é o pai do seu filho e um homem fantástico! E eu poderia jurar que li em algum lugar que Luke é um dos mais cobiçados partidos da Inglaterra. Só não consigo lembrar quem escreveu esse artigo...

— Não tem nenhuma graça, Mel — Louisa não podia acreditar na futilidade daquelas palavras. — Devereaux praticamente me seqüestrou e agora pretende me convencer a casar com ele. Estou me sentindo como se estivesse fazendo parte de um filme trágico. O que acha que devo fazer?

— Ora, Lou, não há nada de trágico com Devereaux. Ele é um tremendo bonitão. Até Ella é louca por Luke e você sabe como ela é enjoada.

— Ella tem apenas cinco anos! — Louisa ficou chocada com o fato de Mel usar a filha como exemplo. Será que ela não percebia a gravidade da situação?

— Eu sei — falou Mel, em tom divertido. — Não estou insinuando que exista uma atração. O que quero dizer é que da última vez que Luke esteve em casa, Ella quis sentar-se no colo dele. E o fato de uma criança agir dessa maneira é um ótimo sinal de que ele é um homem bom. E você também deve gostar dele, ou não estaria grávida de Luke Devereaux. Por isso não entendo o fato de estar horrorizada com a possibilidade de se casar com ete.

Louisa suspirou. Não sabia como se expressar para descrever o que sentia em relação a Devereaux.

— Não se trata de horror e sim medo. E se acontecer de eu me apaixonar por ele? — as palavras apenas escorregaram de sua boca.

— Oh, Lou! Eu sei que a idéia de se apaixonar é assustadora, mas pode acreditar que é a melhor coisa do mundo!

— Não se você não se sentir correspondida — Louisa devolveu sem pensar. — Quero dizer — ela tentou remediar —, quando está evidente que nossas idéias não combinam. E esse é o problema. Ficamos juntos apenas um ou dois dias e foi o suficiente para travarmos uma batalha de opiniões.

— E sobre o que brigaram?

— Bem, para começar é difícil conseguir qualquer informação pessoal sobre ele. E o pior é que Luke se comporta como um verdadeiro ditador — Louisa caminhou até próximo da janela para acalmar o nervosismo. Depois prosseguiu. — Ele quer que as coisas sejam sempre da maneira que acha melhor, sem se importar com a minha opinião. E quando eu tento fazer uma censura perfeitamente válida quanto ao comportamento machista dele, Luke acaba me vencendo com manobras sensuais.

— Que patife! — Mel exclamou com uma pitada de humor no tom de voz.

— Não ouse rir da situação, Mel. Estou falando sério.

— Eu sei, Lou. Não é para ser engraçado. Mas, diga-me com sinceridade: o sexo entre vocês é bom?

— É fantástico, Mel. Mas esse não é o ponto... A amiga a interrompeu:

— Ele passou no teste de Meg Ryan? — Mel perguntou em tom zombeteiro.

Louisa não se lembrava de ter contado para a amiga sobre o teste de Meg Ryan. Por isso é que Mel estava se divertindo tanto. Louisa sentiu-se patética.

— Sim... Mas isso não tem nada a ver. Não é o suficiente para sustentar um casamento.

— Mas é um bom começo.

As palavras da amiga soavam de maneira tão idêntica às de Luke que Louisa sentiu vontade de gritar. Mas, antes que dissesse qualquer coisa, ouviu um ruído na linha e Mel repreendendo a filha.

— Ella Valentine Devlin! Pare com isso agora mesmo! Após uns dois minutos de silenciosa espera, Mel retornou:

— Sinto muito, Lou. Não queria deixá-la esperando, acontece que Ella pintou o rosto de Cal com uma caneta hidrográfica e ele acordou irritado.

Louisa podia ouvir os resmungos do pequeno que provavelmente estaria no colo da mãe.

— Eu entendo, Mel. Não se preocupe comigo. Acabarei encontrando uma saída — Louisa afirmou, embora se sentisse mais perdida do que nunca.

— Não entre em pânico, Lou. Acho que é o melhor conselho que posso dar. Eu sei que já é difícil lidar com a responsabilidade de ter um bebê, quanto mais se mal conhecer o pai.

— Era isso exatamente que eu queria que entendesse.

— E você disse isso para ele?

— Eu tentei, mas parece que Luke não é o tipo de homem que aceita um *não* como resposta.

— E o que planeja fazer?

— Eu prometi que ficaria por essa semana.

— Então estão dormindo juntos?

— Ainda não. Porém, estou com medo de que não demore para acontecer.

— E por que está com medo? Não disse que o sexo entre vocês é fantástico?

— Sim, mas Luke é tão dominador que não pretendo que isso interfira em minha decisão. Por isso pedi a ele que me desse uma trégua e promettesse não me tocar. — Por um momento ela imaginou que a amiga fosse rir e julgá-la infantil. E, para sua surpresa, Mel achou a idéia brilhante.

— Acha mesmo? — Louisa procurou confirmação.

— Pelo que me contou e o pouco que conheço de Deve-reaux, acho que se ele usa o poder de sedução para dominá-la, por que não aproveita para provocá-lo?

— Está louca, Mel? Isso jamais funcionaria. Como eu conseguiria provocá-lo sem eu mesma explodir de desejo?

— Você consegue, Lou. Não conheço ninguém melhor quando se trata de por a mente para funcionar.

Após a conversa com Mel, Louisa resolveu manter-se ocupada durante a tarde. Se pretendia seguir os conselhos da amiga precisaria estar atenta. Decidiu ir até a biblioteca da mansão que a sra. Roberts já havia lhe indicado a direção e ocupou um dos computadores disponíveis para pesquisar na Internet alguns artigos sobre os

primeiros meses da gravidez. A boa notícia que encontrou era de que os enjôos iniciais tinham a tendência de acabar quando entrasse no quarto mês de gravidez. Ao ver a imagem de um feto de 6 meses, e as inúmeras possibilidades de complicações que poderiam ocorrer nos últimos meses de gravidez como a eclâmpsia e outras mais, as lágrimas saltaram de seus olhos. Ela desligou o computador e secou as lágrimas com as próprias mãos. Ela tinha certeza de que tudo daria certo com o seu bebê, afinal, ela era saudável e costumava tomar muito cuidado com os seus hábitos alimentares.

Para distrair a atenção aproximou-se da janela e contemplou a magnífica paisagem. Começava a entardecer e os raios alaranjados do sol tornavam as flores do jardim ainda mais bonitas. Ela se perguntou se Luke por acaso teria selecionado algumas daquelas plantas exóticas. Depois considerou a hipótese muito remota. Não conseguia conciliar a figura daquele homem extremamente machista com a sensibilidade de alguém que gostasse de flores.

Apesar do horário, o calor ainda era intenso e ao observar um canto da piscina que dava para avistar do ângulo em que estava, a água lhe parecia fresca e convidativa.

A sra. Roberts lhe havia dito que havia uma seleção de roupas de banho à disposição dos hóspedes que quisessem desfrutar de um mergulho na piscina.

Subitamente a idéia lhe pareceu espetacular. O que aconteceria se Luke a visse praticamente nua?

Um sorriso de malícia despontou nos lábios dela.

Seria tão perigoso quanto cutucar uma fera. Contudo, o desafio era uma tentação.

Mel estava certa. Luke Devereaux precisava receber uma lição. E como ele havia prometido cumprir a palavra e não tocá-la, era uma grande oportunidade para Louisa tomar a iniciativa de provocá-lo.

Antes de sair da biblioteca, Louisa espiou para ambos os lados do corredor para ter certeza de que Luke não estava por ali. Queria surpreendê-lo com o pequeno *show* que improvisaria. Mal conteve o riso só de imaginar o que ele sentiria quando se aproximasse da janela do escritório e a visse na piscina.

SEGURE AS ações da Westling. Os preços alcançarão o pico na segunda ou terça-feira. Não as venda até que alcancem a casa dos vinte — Luke ordenou ao corretor da Bolsa de Valores em Nova York.

Já estava no telefone há mais de duas horas, acompanhando o relatório do fundo de ações que possuía das mais diversas empresas ao redor do mundo. Era uma tarefa à qual estava habituado. Ele tinha grande habilidade em lidar com os números e uma espécie de clarividência em perceber quais ações iriam subir ou baixar. E possuía também nervos de aço para suportar as oscilações do mercado. Luke adorava esse sobe

e desce financeiro e curti a adrenalina que jorrava por saber que em questão de segundos poderia perder uma vida de trabalho ou ganhar bilhões de dólares. E a paixão pelo desafio o tornou um bilionário. Porém, naquela tarde, o entusiasmo pelo jogo parecia ter-se arrefecido. Pela primeira vez, o investimento lhe parecia mais uma obrigação do que prazer. E isso se devia ao pensamento constante em Louisa, principalmente depois de tê-la trazido para Havensmere.

Com o telefone em um ouvido ele caminhou distraidamente até a janela e viu Louisa saindo da piscina. O susto foi tão grande que ele quase deixou o telefone cair.

— Que *droga!* — Luke praguejou baixinho e apertou o aparelho com força.

Continuou observando Louisa, que naquele momento caminhava de uma maneira tão graciosa pelo deque, que mais parecia uma modelo desfilando em uma passarela. Ficou tão extasiado que a conversa com o corretor se resumiu a sucessivos *hum-hum*.

A água remanescente escorria pela pele bronzeada e refletia os raios agonizantes do sol. As peças minúsculas do biquíni rosa estavam encharcadas e coladas ao corpo, deixando pouco para a imaginação dele.

Ela se aproximou de uma das espreguiçadeiras, apanhou uma toalha e começou a secar os cabelos. O movimento com a cabeça provocava os seios quase como se saltassem do bojo do biquíni. Luke soltou um gemido e sentiu uma pontada na virilha que o fez estremecer.

Decidiu afastar-se da janela e sentou-se atrás da escrivaninha. Ajustou o jeans na tentativa de acomodar o volume que pressionava o zíper da calça.

O corretor prosseguia informando-lhe a posição das ações.

— Ouça... — Luke o interrompeu e depois hesitou. Trabalhava com o mesmo corretor há mais de cinco anos e não conseguia lembrar qual era o nome dele. — Patrick — ele finalmente falou, esperando não estar equivocado. — Estou com um problema inesperado que preciso terminar de resolver. Falaremos mais tarde.

Luke terminou a ligação e retornou para a janela.

Agora ela secava o corpo com movimentos que pareciam extremamente sensuais.

Ele a espiava e se sentia como um adolescente diante de uma visão que lhe despertava os instintos. Contudo, não conseguia tirar os olhos dela e acabar com o tormento.

Louisa notou que ele a espiava através do vidro e para provocá-lo ainda mais, exibiu um sorriso radiante e acenou uma mão para ele. Depois enrolou a toalha no corpo e seguiu na direção da porta de entrada da casa, gingando os quadris de maneira provocante.

Apesar da pulsação acelerada e o banho frio que precisaria enfrentar antes do

jantar, Luke ainda conseguiu rir da situação. Tinha que dar a mão à palmatória. A pequena sereia conseguira marcar o primeiro ponto. E para Luke, agora seria uma questão de honra lhe dar o troco.

CAPÍTULO QUATORZE

— VOCÊ VAI preparar o jantar? — Louisa perguntou, incapaz de esconder o espanto. — Pensei que... — ela imaginava que iriam jantar no salão imenso que havia visto naquela tarde, e cercada pelos funcionários que cuidavam das refeições. Luke ergueu uma das espessas sobrancelhas.

— Essa é a noite de descanso do pessoal. Teremos que nos arranjar sozinhos — falou ele, enquanto gesticulava na direção do corredor atrás dela e os olhos acinzentados observavam o vestido escuro. — Faremos uma refeição improvisada na própria cozinha. Será mais aconchegante.

Louisa sentiu os terminais nervosos soarem alarmados. Quando ela provocou a encenação na piscina, não imaginava que teria de jantar a sós com ele. Ela já devia ter desconfiado. Afinal, Luke já havia mencionado que era um homem ardiloso. E já sentira o poder nos olhos dele que a intimidara muitas vezes. O fato de notar que ele havia mudado a estratégia, deixava claro que Louisa subestimara o seu oponente.

— Podemos ir? — Luke perguntou, estendendo um braço como cortesia para que ela o precedesse.

Assim que ela passou por ele, sentiu o calor da palma masculina repousada levemente em suas costas, como uma maneira gentil de conduzi-la. Louisa sentiu a pulsação se acelerar e hesitou se deveria ou não argumentar que Luke estaria quebrando a regra do "não toque". Talvez, se fizesse isso, demonstraria um sinal precoce de fraqueza. Assim, decidiu manter-se calada. De qualquer maneira, ele retiraria a mão das costas dela para poder abrir a porta dupla no final do corredor.

Quando entraram na cozinha, Louisa ficou deslumbrada com o *design* do amplo recinto. Enormes vidraças proporcionavam uma ampla vista do jardim dos fundos da casa. Os móveis e eletrodomésticos eram ultramodernos e em cores alegres. Ela esperava algo bem mais conservador.

— Que cozinha fantástica! — ela exclamou admirada.

— Fico feliz que você gostou — Luke sussurrou num ouvido dela sem que Louisa esperasse. Com o susto, ela girou o corpo rapidamente e quase perdeu o equilíbrio. Luke a amparou, mas depois prosseguiu mantendo as mãos nos quadris dela. Ela se desvencilhou e recuou um passo:

— Não deveria me tocar. Esqueceu de sua promessa?

— Depois da encenação que fez na beira da piscina para me provocar, deveria se considerar feliz por eu não lhe ter dado umas palmadas.

Ela sabia que ele estava brincando, porém só de ouvir uma pitada de ameaça, ficou irritada. Louisa odiava sentir-se controlada por quem quer que fosse. Sempre se rebelara contra qualquer tipo de domínio. Contudo, tinha que admitir que a naturalidade com que Luke exercia o comando, excitava-a mais do que a aborrecia.

— Pode me dar umas palmadas se quiser — ela gracejou — mas primeiro me alimente. Estou faminta.

O tom azul-acinzentado dos olhos dele se escureceram como uma tempestade de verão e ela se perguntou se não teria ido longe demais. Ficou aliviada quando os lábios se curvaram num sorriso encantador:

— Tudo bem. O alimento primeiro. Depois pensarei numa punição.

Passou por ela e dirigiu-se ao refrigerador:

— Vamos ver o que temos aqui.

Enquanto ele observava as prateleiras do congelador, Louisa observava o jeans apertado que ele usava e considerou o esforço que teria que fazer para se concentrar na refeição.

Por fim, Luke selecionou uma porção de vegetais e um pedaço de carne de boi.

— O que acha de bife e salada?

— Perfeito — ela concordou.

— Você já teve aquele "desejo" de comer algo diferente, que as mulheres costumam dizer que acontece na gravidez? — Luke perguntou, enquanto depositava os alimentos sobre o balcão.

Louisa ficou pensativa enquanto observava a camiseta justa que ele usava e delineava perfeitamente a musculatura definida.

— Acho que as mesmas de sempre.

— Como o quê?

— Mousse de chocolate, sorvete de chocolate ou apenas chocolate puro. Porém, tenho que tomar muito cuidado ou acabarei com 20 quilos a mais, antes mesmo de o bebê nascer.

Luke baixou os olhos para os quadris dela e com um sorriso matreiro insinuou:

— Não se preocupe. Eu sei de um exercício perfeito para manter o seu corpo em forma.

Louisa sentiu um calor intenso subir ao rosto e uma tensão sensual invadir-lhe o abdômen. *"Aquela noite prometia ser a mais longa de sua vida"*, e a única pessoa a quem poderia culpar era ela mesma, pensou.

Luke abriu a embalagem que continha a carne e separou os bifes um a um sobre

a tábua de cortar. Polvilhou um pouco de sal e pimenta e depois começou a espalhar o tempero com a ponta dos dedos.

— Quer que eu arrume a mesa? — ela perguntou, imaginando que o fato de se ocupar lhe fizesse distrair os pensamentos eróticos, ao observar os dedos fortes massageando a carne fresca.

Luke lançou-lhe um olhar curioso. Pela expressão dele, deixava claro que sabia exatamente o que ela estava pensando.

— Aqui está muito quente para você? — ele indagou com um tom de voz que mais parecia uma ameaça.

— Na verdade não muito — devolveu ela, sem se deixar intimidar. — Quer que eu corte os pepinos? Eu adoro pepinos... — ela sussurrou com a voz enrouquecida só para provocá-lo.

— Deixe a *droga* do pepino aí mesmo e arrume a mesa no terraço — Luke ordenou em tom rígido. — Os talheres estão na gaveta ao lado do refrigerador.

Ela não conseguiu impedir um sorriso vitorioso, quando som das fortes pancadas com a faca para cortar o pepino, enquanto ela cruzava o espaço até o armário para apanhar os pratos.

LOUISA FICOU maravilhada com a abundância de flores que cobriam os jardins e tornavam o lugar mágico, como se ela estivesse vivendo um conto de fadas.

Respirou o inebriante aroma das flores e falou com um suspiro:

— Você deveria dar uma medalha de ouro para o seu jardineiro. O *design* dos jardins e a escolha das flores é impressionante!

— Eu mesmo reformei os jardins ele revelou sem tirar a atenção da frigideira.

Ela girou a cabeça na direção do fogão:

— Está falando sério?

— A jardinagem é meu o *hobby* preferido.

"Que grande surpresa", pensou Louisa. O senhor *machista* com lampejos de sensibilidade?

Ela terminou de arranjar a mesa e acomodou-se em uma cadeira de onde podia observar Luke terminando de preparar a refeição. A habilidade que ele demonstrava o fazia parecer um *chef* cozinha profissional, ela concluiu com admiração.

Será que aquele homem não fazia nada em que não se destacasse?

ESTAVA DELICIOSO! — ela comentou depois de terminar a refeição e afastar o prato.

— Ao seu dispor, madame — Luke brincou e tomou um gole da água mineral. — E se ainda estiver com fome eu posso providenciar um sorvete de chocolate.

— Não me tente — pediu ela, sentindo a garganta ressecada.

Na verdade, o sorvete era a tentação menor se comparada ao sorriso sensual que Luke exibía.

— Então está preparada para receber as palmadas que lhe prometi? — ele provocou, enquanto colocava o prato vazio sobre o que ela havia dispensado.

— Primeiro vou lavar a louça e depois discutiremos isso — Louisa respondeu e ergueu-se. Ficou espantada ao perceber as pernas trêmulas novamente.

Luke também se levantou e erguendo um braço a impediu de recolher os pratos.

— Deixe isso para a copeira. Precisa poupar suas forças, querida.

"O que havia de errado com ela?" Agora os joelhos bambeavam mais do que nunca!

Luke a aconchegou nos braços e Louisa não foi capaz de oferecer a mínima resistência. Ela inalou a fragrância deliciosa da colônia e do homem que se combinavam de maneira perfeita.

Ele desceu as mãos até a região polpuda feminina e depois de apalpá-la, sussurrou no ouvido dela:

— Detesto ter que puni-la com algumas palmadas. Mas às vezes um homem tem que fazer o que deve fazer.

— Estou começando a me aborrecer com essa história de punição — ela reclamou, adorando ver a maneira como o azul-acinzentado dos olhos dele escureciam até atingir um m de cobalto. — Acho essa brincadeira muito estranha para alguém nascido no berço da aristocracia Britânica.

— Eu não nasci em um berço da aristocracia — ele declarou, enquanto beliscava com os lábios um lóbulo feminino — Nasci em uma casa pobre dos arredores de Las Vegas Minha mãe trabalhava nos shows do *Ceasar's Palace*.

Ela ergueu os olhos para encará-lo:

— Sua mãe era dançarina em um cassino de Vegas? Está brincando?

Luke empalideceu por um momento. Depois praguejou mentalmente e recolheu as mãos como se tivesse levado um choque.

DIABOS! SERÁ que tinha mesmo revelado aquilo em voz alta?

Louisa aguardava o que ele tinha a dizer com a boca semi-aberta.

Ele estava a ponto de *devorar* aqueles lábios cheios e rosados, quando cometera a tolice de comentar sobre a mãe.,^

— Vou preparar um café — ele avisou. Precisava fazer alguma coisa para desviar o assunto. Luke nunca comentava a respeito de seu passado com ninguém.

— Não tente escapar — ela falou colocando um dedo no peito dele. — Não pode lançar uma bomba e esperar que não detone.

— Esqueça o que eu disse — Luke falou, tentando disfarçar a sua frustração. — Não quero prosseguir nesse assunto. Arruinaria o clima — ele a segurou pelos pulsos e moveu-lhe o corpo para mais perto dele. — Se não quer café, tudo bem. Vamos retornar ao ponto em que estávamos.

Contudo, no momento em que Luke inclinou a cabeça para beijá-la, Louisa o impediu, colocando dois dedos sobre os lábios dele.

— Se sua mãe era uma dançarina em um cassino de Vegas, como aconteceu de você se tornar o herdeiro de Berwick? — ela quis saber, com os olhos brilhando de curiosidade.

— Porque... — ele praguejou outra vez e recuou um passo. Não podia acreditar que estavam quase arrancando a roupa um do outro e agora ela queria conversar. Por que ela tinha que ser tão insistente? — Não quero falar a respeito disso. É um assunto tedioso e podemos fazer coisas melhores.

Por que ele precisava ser tão repetitivo? Ela estava tão excitada quanto ele há alguns minutos.

— Não precisa ficar tão bravo! De qualquer forma eu já lhe disse que não dormiria com você hoje. Por isso a sessão de beijos só serviria para aumentar a frustração.

— Está falando sério? Não vai dormir comigo? Tenho certeza de que também deseja o mesmo que eu.

— Eu já lhe disse a razão. Quero saber mais sobre você, antes de me atirar na sua cama outra vez.

Louisa falava a sério e quase o levava à loucura.

— Sabe o que você é? Uma *maldita* trapaceira!

Ela nem mesmo se importou com o insulto. E se ele esperava que com isso ela se arrependeria, estava muito enganado.

— Isso é tão típico dos homens! Deve ser muito conveniente conseguir ter duas linhas de conduta. Assim poderá mudar sempre que não conseguir o que deseja.

— Sobre o que você está falando? — Luke sentia a cabeça quase explodir.

— Você pode usar a sensualidade como uma arma. Só porque é homem. Porém, se eu fizer a mesma coisa sou urna *maldita* trapaceira, não é?

— Eu nunca usei a sensualidade como uma arma.

— Usou sim! No olhar, no toque, nos beijos...

— Pode ser. Mas a diferença é que não faço nada que não pretenda terminar.

— Eu não disse que também não queria prosseguir. Só não quero ter sexo apenas para a sua conveniência. — Eu decido quando estarei pronta. Não antes disso. E se você se recusar a responder sobre sua vida pessoal, pode se preparar para uma longa espera.

— Isso é chantagem!

— Chame como quiser. O fato é que não me sinto confiante em dormir com um estranho.

Luke sentiu o coração acelerado ao notar a determinação nas linhas rígidas do maxilar feminino. Ele não conseguiria vencer aquela teimosia, e se quisesse manter esse relacionamento, teria que revelar um pouco de si mesmo.

Luke suspirou profundamente, enquanto observava os jardins de Havensmere. Os jardins que projetara e cultivara sem nem mesmo saber o porquê. Será que deveria arriscar contar sobre o seu passado? Será que conseguiria? Por um instante ele pensou no quanto queria Louisa e como a inocente criança sofreria se ele pelo menos não lhe desse o nome.

— É tão difícil assim falar sobre o seu passado?

O tom de piedade que ele percebeu nos olhos dela aborreceu-o ainda mais.

— Claro que não — ele mentiu e enfiou as mãos nos bolsos traseiros do jeans. Tudo que teria a fazer seria contar apenas o suficiente para matar a curiosidade de Louisa. — Não me importo em responder as suas perguntas. Aliás, eu também tenho algumas questões que gostaria de esclarecer.

Era óbvio que ele também não sabia muito sobre ela, caso contrário não teria subestimado a capacidade de autodefesa de Louisa. Então por que não aproveitar a chance para conseguir que ela ficasse do seu lado? Finalmente, Luke sentiu a autoconfiança retornar e esboçou um sorriso.

— Vou preparar um café e então conversaremos. — Não custaria tanto ter que controlar sua libido por mais uma noite, afinal. — Entretanto, quero deixar uma coisa bem clara — ele afirmou e erguendo um braço acariciou o rosto feminino com o dorso da mão. Sentiu que Louisa estremeceu com o toque. — Depois que tivermos essa conversa, não aceitarei mais desculpas para que não durma comigo. Entendido?

Louisa sorriu.

— Perfeitamente! — ela apoiou as mãos nos ombros dele para conseguir se por na ponta dos pés e beijar-lhe o rosto. — Desde que não haja perversidade envolvida, prometo ser razoável.

— O que quer dizer com "perversidade"?

— Hum... — ela pressionou o dedo indicador nos próprios lábios. — Por exemplo, nada de palmadas... Ou então, aceitarei as palmadas se puder fazer o mesmo com você.

— Sua espertinha... — Luke tentou abraçá-la, mas ela escapou no momento exato e correu para a cozinha. — As palmadas são com o que você tem menos que se preocupar — ele gritou atrás dela. E admitiu com glória que vencera esse *round*...

CAPÍTULO QUINZE

— BERWICK ERA O meu pai — Luke declarou e depois provou um gole do café, antes de prosseguir. — E foi por essa razão que eu herdei o título e esse lugar — ele repousou a xícara na mesa do terraço.

Uma brisa suave desalinhava os cabelos de Louisa e espalhava no ar a doce fragrância das flores.

— Ah... — Louisa apenas murmurou. Não sabia o que dizer. A simplicidade com que ele se revelava a comovia. Ela não esperava realmente que ele revelasse algo tão pessoal. Agora ela podia entender por que ele ficara tão zangado com o artigo dela no *Magazine*. Luke era filho ilegítimo e não queria que ninguém soubesse disso. Ela só não entendia a razão de ele considerar o fato como um verdadeiro estigma.

— Bem, é claro que eu não fiquei muito feliz quando descobri a verdade — ele confessou amargo.

— E é claro que deve ter levado um choque quando soube do testamento e tudo o mais... Mas este lugar é tão incrível! Você deveria ficar feliz por ele ter deixado a herança e o título. Essa não é uma maneira de demonstrar que ele o reconheceu como filho? — Ela deu uma pausa ao notar que as feições dele se enrijeceram. De alguma forma o havia ofendido. — Desculpe-me, eu não queria dizer que...

— Não é preciso se desculpar — Luke murmurou, porém, as feições permaneceram severas. — Eu não queria Havensmere ou o título. Só aceitei pelo fato de achar que depois de restaurado seria um ótimo investimento — Luke falava tão cautelosamente que parecia estar tentando mais convencer a si próprio do que a Louisa. — E também não descobri que Berwick era meu pai por ocasião do testamento. Eu soube disso quando minha mãe morreu.

— E quantos anos você tinha?

— Sete.

Uma onda de compaixão provocou lágrimas nos olhos de Louisa. Ela procurou pela mão dele e a apertou.

— Sinto saber disso, Luke. Eu sei como é horrível perder alguém que se ama muito, principalmente nessa idade. — Quem diria, ela pensou, que eles tinham em comum uma perda dolorosa no passado. Contudo, ela percebeu que Luke não parecia triste. Demonstrava indiferença.

— Como sabe disso?

— Perdi minha mãe quando eu estava na adolescência.

— Deve ter sido difícil... — ele aproximou as mãos do rosto dela e afastou algumas lágrimas com os próprios polegares. — Mas não deve se comover comigo. Eu

era mais novo e por isso não me lembro muito bem de como ela era.

Louisa ficou espantada com as palavras dele. Será que o fato de não se lembrar de como era a mãe, tornava a perda menos dolorosa?

— Como descobriu que Berwick era seu pai? — ela perguntou, começando a entender a razão de ele querer livrar seu filho do estado de ilegitimidade.

LUKE PODIA perceber a compaixão nos olhos dela e não queria que isso acontecesse. Precisava encerrar essa conversa. Já revelara segredos demais.

— Minha mãe deixou um testamento no qual declarava que tinha um filho de Berwick. E ele ordenava um teste de DNA no qual a paternidade fora confirmada.

— E ele não reclamou a sua guarda? Luke deu de ombros.

— Ele me trouxe para a Inglaterra e pagou por um bom internato. Eu concordei — ela não precisava saber que ele odiava o lugar. Os corredores frios e a comida insuportável. Os intermináveis dias chuvosos. O escárnio dos colegas por saberem que era um bastardo. Os olhares de piedade nos olhos do diretor e da esposa, quando Luke permanecia na escola, mesmo durante as férias, porque ninguém vinha buscá-lo. O desespero. A solidão. Mas ele sobreviveu a tudo isso. E triunfou na vida. E o mais estranho era que talvez a rejeição de Berwick até o tenha ajudado. Por isso é que ele se tornara um homem autossuficiente que não precisava de ninguém. E ele gostava de ser da maneira como era. — A educação que recebi foi ótima — ele prosseguiu — e tudo acabou dando certo.

— Mas quem cuidava de você, Luke? Do suporte emocional?

Não houve nenhum suporte emocional, ele sentiu vontade de dizer. Mas isso significava se aprofundar demais e ele já revelara o suficiente.

— Já respondi às suas perguntas — Luke disfarçou e, beijando-lhe o dorso de uma das mãos, comentou:

— Agora é sua vez de revelar alguma coisa sobre a sua vida.

— Está bem. O que quer saber?

— Por que razão tem tanto problema em aceitar a figura de uma autoridade masculina?

— Quer dizer como você?

— Apenas responda à questão — ele quis saber enquanto brincava com os dedos das mãos dela e adorava vê-la irritada. Ele realmente a achava linda quando estava zangada.

— Para começar, não considero isso como um problema.

— Ainda não respondeu a minha pergunta — ele insistiu, sabendo que ela não morderia a isca tão facilmente.

— Bem, acho que não constitua nenhum segredo. Meu pai é um daqueles

italianos tradicionais. Eu o amo muito, mas não suporto como sempre se achou no direito de interferir nos meus assuntos e dizer o que eu devo ou não fazer, apenas porque é homem e é meu pai. Após a morte de minha mãe, nosso relacionamento não foi dos melhores. Agora, porém, acho que superamos as nossas diferenças.

— Acho que agora entendo porque usa um adesivo de feminista sobre a testa.

— Que adesivo? — ela perguntou e tentou recolher as mãos que ele ainda mantinha entre as dele. — Solte-me! Eu me recuso a ficar de mãos dadas com um *chauvinista*!

— E quem disse que tem escolha? — ele prendeu as mãos dela atrás das costas e as imobilizou pelos pulsos.

— O que está fazendo? — ela gritou, sentindo-se ultrajada e excitada ao mesmo tempo.

Ele a calou com um beijo.

Louisa tentou resistir. Mas assim que percebeu que ela fraquejava e seus corpos se ajustavam de maneira perfeita, Luke abandonou o beijo e, libertando-a, recuou um passo. Tinha que cumprir sua palavra para vencer aquele *round*. E era o que pretendia fazer. Por isso forçou-se a libertá-la com um sorriso insinuante.

— É melhor você ir para a cama, Louisa. Precisa descansar. Pretendo mantê-la muito ocupada amanhã.

Em vez do olhar de desafio que ele esperava, ela curvou os lábios num sorriso e os olhos refletiam um brilho misterioso.

— Acho melhor fazer o mesmo, Devereaux. Não quero que perca o fôlego rápido demais.

Ele deveria ter adivinhado que ela não deixaria por menos.

Luke sorriu logo depois que ela saiu e o deixou sozinho no terraço. A adrenalina jorrando a mil, só de pensar no que aconteceria no dia seguinte.

CAPÍTULO DEZESSEIS

LOUISA REFLETIU sobre os anéis escuros ao redor dos olhos que podia observar no espelho do banheiro.

— Vou esganá-lo, Luke Devereaux! — ela murmurou para si mesma.

Permanecera acordada a maior parte da noite, perseguida pelas fantasias eróticas que ele havia despertado nela, com suas insinuações sensuais.

Afinal, ela era uma mulher grávida e precisava de descanso. Como ele se atrevia a provocá-la daquela maneira?

Porém, havia uma compensação. Após os jogos de sedução que ambos trocaram, Luke não deveria ter dormido melhor do que ela.

Ao entrar no quarto, ela afastou as cortinas da janela e espiou o jardim, enquanto pensava no próximo passo que daria. Assim que ela e Luke se encontrassem novamente, estariam arrancando as roupas um do outro. Não que ela estivesse ansiosa por isso. A noite anterior lhe dera outras coisas para pensar além da fúria dos hormônios. Havia outras prioridades que precisava analisar, antes de confrontá-lo.

Ela decidiu fazer uma longa caminhada nos jardins da mansão. Assim teria tempo para pensar antes que os hormônios obstruíssem todos os pensamentos coerentes.

E o tópico principal que ela queria analisar era a revelação dele a respeito dos pais. Como teria sido a infância de Luke, sem ter ninguém que se importasse com ele? Talvez por isso ele se tornara um homem que precisava se impor a todo momento, uma forma de autodefesa.

Ela suspirou fundo.

Bem, ele não estaria mais sozinho em questão de seis meses. A paternidade talvez lhe trouxesse um senso maior para aprender a extravasar seus sentimentos.

Louisa abriu o armário de roupas e escolheu um vestido casual de verão e optou por sandálias com saltos baixos. Porém, quando vestiu a roupa, notou que estava justa demais. Precisava fazer novas compras urgentemente! Apanhou um cardigã confeccionado em algodão e depois de vesti-lo mirou-se no espelho. Sentiu-se bem melhor. Apesar de saber que o dia prometia ser quente, ela decidiu que o usaria assim mesmo.

Após tomar o café da manhã na própria suíte, ela desceu a escadaria e dirigiu-se aos jardins. A sra. Roberts havia providenciado uma garrafa de água mineral e um pequeno pedaço de papel onde desenhara a direção que deveria tomar para chegar ao velho moinho que ficava à beira do lago. A governanta lhe adiantou que ela levaria cerca de duas horas para ir e voltar, o que Louisa achou perfeito para o seu propósito.

Após dez minutos de caminhada, ela parou para ver o quanto já havia se afastado. Ficou encantada com a visão de Havensmere cercada pelas flores que lhe proporcionavam um verdadeiro arco-íris de cores para amenizar a austeridade da fachada do prédio. Luke havia feito um excelente trabalho no *design* dos jardins. Como ele poderia dizer que odiava Havensmere se o trabalho incrível que fizera dava a impressão exatamente oposta?

Ela prosseguiu a caminhada e não demorou muito para avistar o lago de águas puras e cristalinas. A medida que se aproximava da margem e sentia a grama roçando-lhe os calcanhares, sentiu-se livre como uma criança brincando nos campos verdejantes. Por um instante imaginou como seria se Luke estivesse ali, olhando-a com

aqueles maravilhosos olhos acinzentados e depois voltassem de mãos dadas para a mansão, que afinal, poderia se transformar em um lar adorável.

Ela interrompeu esses pensamentos e censurou-se. Devereaux tinha um longo caminho a percorrer antes de se tornar o marido e pai ideal. Mas os sonhos eram irresistíveis. Num dia tão lindo e num lugar tão encantador, era difícil acreditar que o relacionamento entre eles poderia terminar. Com certeza ela adorara a companhia dele na noite anterior e descobrira muitas coisas sobre Luke que jamais imaginara.

Por fim, resolveu se abrigar na sombra do moinho abandonado. O calor havia aumentado tanto que ela foi obrigada a despir o cardigã.

O som de alguém nadando no lago chamou-lhe a atenção.

Ela se escondeu atrás de uma parede do moinho e moveu apenas a cabeça para poder espionar. Seria ridículo se alguém a visse se escondendo, porém Louisa não gostaria de ter que explicar sua presença ali para algum dos empregados de Luke.

O ruído das braçadas cessou e ela ficou extasiada ao ver a figura imponente do homem nu que saía das águas. Ela reconheceria aquele corpo musculoso em qualquer lugar que fosse! Louisa precisou tapar a boca com a mão para conter o gemido de surpresa quando o viu encaminhar-se para o antigo moinho, no lado oposto de onde ela se encontrava.

Ele estava de costas para ela, enquanto se inclinava para apanhar a toalha que deixara ao lado das roupas. Louisa engoliu a saliva várias vezes ao contemplar a visão do homem que parecia uma verdadeira escultura de um "deus grego". O que ela deveria fazer agora? Se tentasse sair de onde estava, ele certamente ouviria o barulho e a descobriria.

Luke começava a enxugar o corpo e no instante em que secava as coxas firmes e musculosas, virou-se de perfil e Louisa sentiu o coração bater tão forte, que quase se desequilibrou, principalmente no momento em que ele começou a secar as partes íntimas. E antes que conseguisse impedir, um gemido rouco escapou de seus lábios.

Em questão de segundos o magnífico olhar de Luke se fixava no rosto dela, acompanhado de um sorriso malicioso.

O misto de diversão e sedução contido naqueles olhos acinzentados explodiram como uma bomba no coração de Louisa.

— Olá, Louisa! — ele exclamou de maneira tão casual que nem parecia estar completamente nu e a poucos metros dela.

— Você estava nadando nu? — ela perguntou sem pensar e depois sentiu-se uma idiota.

Fie se aproximou e Louisa estremeceu. Ter fantasias óticas era uma coisa e vê-lo nu e tão perto era outra. E ser apanhada espionando, ainda pior.

— Estava me refrescando após a minha corrida habitual — Luke explicou e

estacou na frente dela, ainda segurando a toalha na mão. — Ou melhor, estava, até ver você aqui.

Ela arregalou os olhos, deslumbrada com a perfeição dos músculos e a rigidez do abdômen. Deus! Ele era ainda mais fantástico nu do que ela poderia imaginar. Louisa engoliu a saliva para aliviar a secura da boca e desviou o olhar.

Luke estendeu um braço e com o polegar traçou uma linha invisível desde a base do pescoço delicado até a junção dos seios fartos pressionados pela *lycra* do vestido justo.

— Você está transpirando de calor! — ele exclamou ao observar a pele úmida e quente. — A água está fresca e... — com um sorriso diabólico concluiu: — Estimulante.

Ela estremeceu e os mamilos rijos ficaram salientes sobre o tecido fino.

— Um bom estímulo nunca é demais — ela concordou com um sorriso.

Luke abandonou no gramado a toalha que segurava e, aproximando-se dela novamente, começou a afastar as alças do vestido com os dedos indicadores. Louisa murmurou com voz rouca:

— Se vai me deixar nua, posso sugerir coisas melhores que nadar.

— Pode mesmo? — ele intensificou o olhar enquanto as mãos fortes acoplavam os seios femininos como se estivessem testando o aumento do volume.

Sensações inebriantes a atingiram no momento em que os polegares masculinos roçaram os picos intumescidos com movimentos circulares.

Louisa deixou escapar um gemido e Luke inclinou a cabeça para sussurrar-lhe em um ouvido:

— Só quero que saiba que se eu começar não vou querer parar. Tem certeza de que está pronta?

Ele roçou com os lábios a curvatura gentil do pescoço de Louisa e ela reclinou a cabeça, expondo com volúpia o colo alvo e macio. Os dedos femininos cravaram a pele bronzeada na altura dos quadris másculos.

— E eu quero avisá-lo de que, se começar e depois parar, eu o esgano!

— Parece que finalmente chegamos a um acordo — Luke declarou sorrindo e começou a puxar o tecido para livrá-la do vestido.

De repente, como se uma última gota de sanidade a acudisse, Louisa conseguiu segurar o corpete do vestido.

— Só que não podemos ficar aqui. E se alguém aparecer? Ele segurou os pulsos dela e afastou-lhe os braços para que ela libertasse o vestido. E enquanto isso, prosseguiu nas carícias sobre a pele aveludada do pescoço delicado.

— Além de nós dois, não há mais ninguém por aqui. Eu tenho certeza — ele sussurrou.

Com a língua, ele torturou um canto da boca feminina, até que ela abrisse os

lábios para permitir a entrada exigida.

Todos os pensamentos de decência que ainda a atormentavam foram apagados na explosão de luxúria ao mergulhar no sabor do beijo selvagem e avassalador.

Fazer amor com ele em campo aberto e em plena luz do dia poderia parecer loucura, mas, de alguma forma, Louisa sentia que tudo estava absolutamente certo.

Ela ficou enlouquecida quando Luke introduziu uma mão entre as coxas macias e pressionou o reforço da calcinha de renda dela. Nem mais se importava se o mundo inteiro pudesse estar olhando.

Luke afastou-se por um segundo, a fim de esticar a toalha úmida sobre a grama. Ela percebeu a excitação poderosa e a visão lhe parecia tentadora e atemorizante ao mesmo tempo. O coração bateu forte e "acelerado quando ele se aproximou novamente e puxou-a por um braço, forçando-a a deitar-se com ele sobre a toalha.

— Está com muita roupa! — ele exclamou e despiu as calcinhas e o sutiã.

Ela suspirou aliviada ao sentir os seios livres da peça apertada. Luke traçou com a ponta de um dedo as marcas avermelhadas deixadas na pele delicada pela pressão do sutiã.

— Está precisando comprar um número maior de sutiã — ele falou e ambos se emocionaram quando os olhares se cruzaram. — Deixe-me beijar os ferimentos.

Ela enterrou os dedos nos cabelos ainda úmidos dele, enquanto Luke corria com a língua os vergões ao redor dos seios. Ela arfou no momento em que ele aprisionou um mamilo e o beliscou com a ponta dos dentes. Um calor espalhou-se pela parte mais íntima e ela uniu as pernas para conter a excitação, enquanto ele repetia a carícia no outro mamilo.

Luke alisou o abdômen feminino com a palma de uma mão.

— A gravidez lhe cai bem. Eu gostaria de manter você dessa maneira pelo resto de nossas vidas.

Aquele comentário a fez exaltar de alegria. Mas quando ele moveu a mão para baixo, Louisa não conseguiu mais pensar em qualquer outra coisa que não fosse a sensação das carícias íntimas que ele lhe proporcionava..

Era incrível como ela quase conseguiu chegar ao clímax em tão pouco tempo.

Luke aproveitou o momento e, posicionando-se sobre Louisa, introduziu-se devagar até se encaixar perfeitamente dentro dela. Ela gemeu e agarrou-se aos ombros poderosos quando ele iniciou os movimentos frenéticos e quase selvagens.

— É demais... — ela murmurou, esforçando-se para segurar a tensão.

— Só mais um pouco — Luke pediu, com a arrogância de alguém que estava no controle da situação.

— Nas minhas lembranças, você era menos agressivo — ela resmungou.

Sem perder o ritmo ele sorriu. Louisa notou que agora era ele quem se continha

para esperar por ela.

Louisa fincou os dedos nas costas amplas e tentou acompanhar-lhe os movimentos. Ela adorava sentir a essência masculina, a suavidade da pele em contraste com a firmeza da musculatura.

— Como seria bom se pudéssemos ficar assim por horas. — Ela falou ofegante.

— Tem certeza de que não está fingindo? — ele brincou.

— Esqueça. Isso nunca acontecerá entre nós.

— Vamos tentar algo diferente. Quero estar certo de que mereço a glória — Luke provocou e girou o corpo levando-a com ele, de maneira que as posições se inverteram.

Subitamente era ela quem estava no controle. Louisa nunca provara essa situação, porém o instinto natural se encarregou de ditar-lhe os comandos. E dessa vez era ele quem flexionava os quadris para ajustar-se ao ritmo que ela imprimia.

Louisa gritou quando seu corpo foi invadido por uma sensação de prazer tão intensa que a pensou que iria desmaiar. Ele pressionou os quadris femininos e o orgasmo se intensificou. Luke prosseguiu nas investidas e forçou-a a um novo e gigantesco êxtase. Depois de uma convulsão involuntária, Louisa tombou sobre a muralha de músculos, enquanto ouvia Luke gritar-lhe o nome e finalmente aliviar a tensão num último e profundo movimento.

LOUISA PODIA ouvir o zunido dos insetos se mesclar com o som da respiração acelerada de Luke, enquanto as últimas ondas de prazer se acalmavam.

Ela nunca se sentira mais exausta e nem mais completa em toda a sua vida. Imaginava que Luke já havia lhe mostrado como o sexo poderia ser bom, na primeira vez em que fizeram amor. Porém, o que ela experimentara naquela noite não chegava nem próximo do que acabara de provar.

Ela lhe estudou as bonitas feições e por um momento sentiu um estranho sentimento brotar em seu coração. Não poderia acreditar na possibilidade de estar se apaixonando por Luke Devereaux. Se isso acontecesse ela estaria em tremenda desvantagem. Não. Não se tratava de amor. Ela estava cometendo o erro de confundir sexo com amor.

Uma palmada firme na região polpuda a tirou dos devaneios.

— Oh!

— Não se atreva a dormir em cima de mim! — Luke exclamou, fingindo indignação. Depois girou o corpo com ela e erguendo-se estendeu-lhe a mão. — Vamos nos refrescar no lago antes de voltarmos para casa. Depois de termos feito amor contra uma parede e no meio do campo, está na hora de experimentarmos uma cama normal.

— Eu não quero entrar no lago. Quero vestir minhas roupas!

Com toda a facilidade que seus músculos lhe proporcionavam, ele a ergueu nos

braços sem o mínimo esforço e começou a caminhar na direção da água.

— Ponha-me no chão! — Louisa gritava e se debatia para livrar-se dele. — A água deve estar gelada!

Ele prosseguia a caminhada sem se importar com os pontapés.

— A água está fresca e o lago não é muito profundo.

— Mas estou grávida e o choque pode prejudicar o bebê.

— Bobagem. Não vai acontecer nada com o bebê. Ele é tão saudável quanto você.

Louisa deu um grito agudo no momento em que atingira a superfície da água. Estava tão contrariada que se esqueceu de fechar a boca.

Luke não conseguiu conter o riso ao vê-la engolir um bocado de água e depois praguejar em voz alta.

CAPÍTULO DEZESSETE

— VAMOS, BELA Adormecida! É hora de acordar! — Luke murmurou. — O café está esfriando!

— Vá embora e me deixe dormir... — Louisa resmungou e afundou o rosto no travesseiro, deliciando-se com o aroma refrescante de linho.

— Já que é assim, terei que acordá-la da maneira mais difícil... — Luke arrastou as cobertas pelos pés da cama e Louisa sentou-se num ímpeto, tornando a puxá-las para cobrir-lhe a nudez.

Antes que esperasse, dois braços fortes a agarraram.

— Você é um monstro! — ela gritou, enquanto ele rumava para a mesinha do café. — Não estou com fome!

— Bobagem! Você está faminta, como sempre — ele declarou sorrindo e a colocou sentada em uma das cadeiras.

— Não vou tomar o café da manhã nua! — ela protestou e, ajustando o lençol no busto, girou o corpo e preparou-se para voltar para a cama.

—Ah, vai sim! Olhe só o que temos aqui! — ele destampou uma das travessas e o cheiro do bacon com ovos se espalhou pelo ar.

Louisa tornou a acomodar-se no assento da cadeira, tentada pelas delícias que ele ia descobrindo: salsichas, tomates grelhados... O estômago roncou.

— Não vale! Isso é trapaça! — ela reclamou.

— Talvez — ele declarou, enquanto colocava os talheres lado do prato dela e depois um copo com suco de laranja. — E perder faz parte do jogo — ele provocou com um sorriso jocosos.

Os raios luminosos do sol do meio-dia invadiam o quarto através dos vidros da janela e ajudavam Louisa a terminar de acordar. Ela o olhou com uma ponta de indignação e ficou surpresa ao notá-lo tão disposto e já perfeitamente vestido. Os cabelos ainda úmidos pelo banho recente. "Deus!", ele parecia mais bonito que os príncipes encantados que ela costumava ver descritos nos contos de fadas. Os lábios sensuais e a sombra da barba recém-aparada tornavam Luke praticamente irresistível.

Louisa sentiu o familiar nó no estômago que a acompanhava durante três dias inteiros. Desde o encontro no lago até as longas conversas e opiniões políticas, discutidas no aconchego da cama. E, depois disso, o amor feito com paixão selvagem e por tantas vezes que ficava difícil contar.

Ela apanhou o garfo e esboçou um sorriso para si mesma. Não tinha mais como negar. Estava perdidamente apaixonada pelo homem acomodado do outro lado da mesa.

— Coma logo, antes que esfrie! — ele ordenou, gesticulando com a cabeça na direção do prato dela.

Louisa corrigiu o próprio pensamento: estava apaixonada por aquele tirano dominador!

— Está bem — ela concordou, garfando um bocado do bacon com ovos. — Não precisa surtar!

Enquanto saboreava o desjejum, Louisa prosseguiu com os devaneios. Talvez estivesse sendo tola demais para apaixonar-se pelo mesmo homem outra vez. Ao menos agora estava mais consciente da verdade. Luke não era exatamente o príncipe encantado que ela imaginara quando o conhecera e sim um homem arrogante, teimoso e com um sério problema de comando. Viver ao lado dele representava um desafio a ser enfrentado. Porém, nos últimos três dias, Louisa descobrira que por trás daquela máscara de austeridade havia um homem com grande senso de responsabilidade e uma pitada de bom humor. E, além disso, um amante in-comparável.

Mas, apesar dos sentimentos, ela não tinha intenção de se declarar antes que Luke o fizesse antes. E, pelo que Louisa podia deduzir, isso não demoraria muito para acontecer. De muitas maneiras ela percebera nas entrelinhas o quanto ele se importava com ela. Por que outra razão ele a trataria com tanta preocupação? Ou faria amor com ela com tanta intensidade como se fosse a última vez? E, depois do amor, por que permaneceria abraçado a ela como se fosse a única coisa que importasse?

Louisa imaginava que Luke ainda resistia a confessar o seu amor por causa dos traumas da infância que o tornaram um homem com dificuldade de expor seus sentimentos. Contudo, ela estava disposta a ser paciente. A única coisa que a incomodava realmente era o fato de que ele não comentava muito a respeito do bebê. Apesar de considerar que a maioria dos homens não se empolgam muito com o

assunto, a menos que sejam pressionados.

Louisa apanhou uma torrada e ao mesmo tempo ergueu os olhos para Luke, que parecia compenetrado no próprio prato. Agora que ela estava ciente de que o amava de verdade, talvez fosse o momento certo de começar a pressioná-lo.

— Sabe de uma coisa, Luke? — ela iniciou, enquanto

afundava a ponta da faca no pote de manteiga. — Você precisa controlar seus impulsos dominadores caso tenhamos uma filha. Garotinhas não gostam muito de pais ditadores. Sei disso por experiência própria — Louisa lançou a isca e aguardou para ver o que acontecia.

— Você sobreviveu — Luke respondeu com frieza. Ela franziu o cenho.

— Sei disso. Mas só depois que meu pai...

— Será que podemos falar sobre outro assunto? — Luke a interrompeu e os olhares se cruzaram.

Ela pôs a torrada no canto do prato. A atitude dele não correspondia ao que ela imaginava que aconteceria. Por isso decidiu ser mais objetiva:

— Por que você não quer falar sobre o bebê?

— Acho que não há nada para se falar sobre uma criança que ainda levará alguns meses para nascer. Seria mais lógico se me dissesse quando pretende que nosso casamento aconteça.

Quando você confessar que me ama.

Era o que Louisa tinha vontade de responder. Entretanto, afastou essa idéia e disfarçou:

— Eu já lhe disse. Ainda acho cedo demais para ter uma posição concreta. Além do mais, existem outras coisas que gostaria de discutir sobre o bebê.

Ele ergueu as sobrancelhas com espanto:

— Que coisas?

"Por que ele tinha de ser tão obtuso?", ela pensou.

— Que tal sobre o nome que iremos lhe dar? O nome de uma criança é importante e...

— Não tenho nenhuma preferência. O que você decidir estará bom para mim.

— E sobre as aulas do pré-parto? Não pretende estar presente quando a criança nascer?

— Não sei — ele respondeu evasivo.

— Está começando a me assustar, Luke. Você tem algum problema com o bebê?

LUKE ENGOLIU a saliva para tentar afastar a impaciência e o lampejo de culpa que o assombrava. Por que Louisa insistia em tocar naquele assunto justamente agora? Tudo estava indo tão bem desde a manhã no lago. Ela provara ser a melhor

companheira que ele jamais imaginara em outras mulheres.

A maneira irreverente e a inteligência de Louisa faziam dela uma poderosa oponente em qualquer assunto sobre o qual discutissem. E sua presença de espírito o fazia rir como não acontecia desde que era criança. E o sexo entre eles era inacreditável. O mais perfeito que ele já experimentara.

Devereaux era um amante exigente e Louisa também não deixava por menos. Talvez por isso ele não se cansava de estar com ela. Muito ao contrário. Contudo, Luke não queria se apegar demais a ela ou ao bebê. Ele sabia o que significava ser dependente do amor de outras pessoas e jurou a si mesmo nunca mais se colocar em uma condição dessas novamente.

— Relaxe, Louisa. É claro que não tenho nenhum problema com o bebê. — Afinal, ele lhe havia proposto um casamento, o que mais ela queria? — Só não acho que eu seria muito bom nessas coisas corriqueiras do dia a dia. Mas tenho certeza de que você se sairá muito bem sem a minha participação.

— Sem a sua participação?

O espanto nas feições de Louisa fizeram-no sentir-se tão covarde que Luke esforçou-se para não voltar atrás e pedir desculpas. Porém, o relacionamento entre eles havia chegado ao limite, além do qual Luke não pretendia ultrapassar. Só não conseguia entender por que sentia um vazio tão intenso. Precisava afastar aquele sentimento e trazer de volta a máscara de invulnerabilidade que sempre o protegera. Precisa resolver isso agora, antes que ficasse mais complicado.

— Tenho certeza de que você será uma ótima mãe e não precisará de mim, aqui em Havensmere — Luke afirmou, embora as palavras fossem muito mais difíceis de dizer do que ele esperava.

LOUISA O observou em silêncio. Será que Devereaux pretendia mesmo fazer o que estava dizendo? Teria mesmo certeza de que não desejava participar da vida de seu filho?

Ele ficara tão pálido e distante que Louisa mal o reconhecia.

Onde estava o homem que a tratara com tanta ternura e a fizera sorrir o tempo todo? O homem que fizera amor com ela de modo tão avassalador? E que gastara uma fortuna para fazer de Havensmere um lar?

Onde é que estava o homem que ela amava e assumira que se importava com o bebê?

— E claro que precisarei de você aqui! Como pode pensar diferente? Você me pediu em casamento, Luke! Por que faria isso se não pretendia tomar parte na vida de nosso filho? E se eu aceitar sua proposta de casamento seria para termos uma vida juntos. Como poderia aceitar que ignorasse o nosso bebê?

— Eu posso entender o seu ponto de vista, mas morarmos juntos por muito tempo acabará por não dar certo — ele acariciou o dorso de uma mão de Louisa e prosseguiu: — É claro que virei visitá-la. E planejo comprar uma casa mais apropriada para você e o bebê. Contudo, se permanecermos juntos as coisas ficarão muito confusas. Principalmente depois que o bebê nascer.

— As coisas ficarão confusas? — Louisa afastou a mão que ele acariciava e cruzou os braços frente ao peito. — Não estou entendendo... Por acaso está me propondo para ser sua amante?

— Como poderia ser minha amante se estou propondo casamento a você?

— E por que quer se casar se não pretende viver comigo e com o nosso filho? — Louisa sentiu os olhos começarem a se inundar de lágrimas.

— Por favor, Louisa. Não comece a chorar. Sabe muito bem a razão de eu lhe ter proposto o casamento. Não quero que meu filho seja ilegítimo.

Ela impediu um soluço e cobriu a boca com dois dedos, mão direita. Sentia-se uma completa idiota. Estava claro e Devereaux não a amava. E pior do que isso — ele também não amava o filho que ela esperava.

Louisa ajustou o lençol no corpo e forçou-se a levantar. A dor que sentia dentro do peito era maior do que poderia suportar.

— Preciso ir para minha casa — ela revelou e começou a caminhar na direção do banheiro.

Ela havia dado apenas alguns passos, quando Luke a segurou pelos ombros e obrigou-a a girar o corpo na direção dele.

— Qual é o problema, Louisa?

— Não me toque!

— Está bem — ele recolheu as mãos e deixou os braços alongados junto ao próprio corpo. — Só quero que me diga por que está tão zangada. Você sabe que essa é a melhor solução para nós.

Ela secou as últimas lágrimas do rosto e ergueu o queixo. Não permitiria que ele notasse a sua amargura. Afinal, o amor-próprio era a única coisa que lhe restara. Contudo, ainda havia uma questão que a intrigava:

— Só quero que me responda uma coisa, Luke. Por que dormiu comigo?

Ele deu de ombros.

— Você sabe exatamente a razão.

— Não. Eu não sei. Diga você. É porque me desejava ou era uma maneira de me coagir a aceitar a farsa desse casamento?

— Não sei do que está falando. Pretendo realizar um casamento perfeitamente legal. — E mo vendo-a para junto dele, sussurrou:

— E pretendo exercer os meus direitos conjugais para que não haja nenhuma

dúvida.

Louisa libertou-se dos braços dele e protestou:

— Ainda assim seria uma farsa. De que outra maneira poderia ser considerado um casamento sem amor e sem um futuro juntos?

— O que o amor tem a ver com isso? Acho que estamos falando sobre uma gravidez não planejada e duas pessoas que se sentem sexualmente atraídas. Não estou esperando ser retribuído com amor e acho que você também não.

Louisa esfregou as palmas das mãos para afastar o frio que sentia. De repente todos os seus sonhos e esperanças se reduziram a pó.

— Infelizmente, acho que você está errado. Eu esperava por amor. — Mais lágrimas umedeceram-lhe os olhos mas, dessa vez, ela não se importou em escondê-las. — Para você tudo não passou de um jogo, não foi? Quaisquer que fossem os meios, só lhe importava vencer.

— NÃO É verdade... — Luke iniciou e sua voz falhou. Ele clareou a garganta e tentou outra vez:

— Eu nunca fingi que procurava algo mais e nunca disse isso. Eu fui sincero. Você é quem está tentando me jogar uma culpa por algo que não fiz.

— Tem razão — Louisa concordou com um tom de voz resignado. — Você nunca me disse que esperava algo mais.

— Pior é que cometi o erro estúpido de me apaixonar por você. E sabe o que é mais irônico? — ela murmurou, forçando sorriso. — Você prosseguiu no jogo sem saber que já havia vencido.

O consentimento fácil e tão contrário à personalidade forte de Louisa surpreendeu Luke. Eleja ouvira confissões de amor, mas nunca acreditara em nenhuma delas. E nem mesmo desejava acreditar. Porém, vindo de uma mulher como ela, Devereaux tinha que considerar a possibilidade de ser verdadeiro.

— Não se preocupe em me levar. Eu chamarei um táxi — ela concluiu e prosseguiu na direção do banheiro. E sem nem mesmo girar a cabeça, acrescentou em voz alta:

— Será melhor não nos vermos novamente.

Luke foi assaltado pelo pânico quando ouviu o clique da fechadura da porta do banheiro sendo trancada.

O som ecoou na sua mente e ele sentiu um nó de angústia formar-se na garganta. Não podia permitir que ela o abandonasse. O desespero o fez recordar-se de um dos piores momentos de sua infância. E foi quando estava sentado em uma das poltronas do estúdio de Berwick e em silêncio rezava para que o homem o aceitasse como filho e de alguma maneira o amasse. Porém o que viu nos olhos acinzentados do pai foi apenas

frieza incalculável.

Luke afastou a lembrança dolorosa, determinado a não deixar que a tristeza o invadissem mais uma vez. A ira tomou o lugar da dor e Demereaux enfureceu-se. Como Louisa ousava fazer isso com ele? Por que o forçava a sentir coisas que não queria sentir?

— Você não vai a lugar algum! — ele gritou junto à porta do banheiro. — Vou lhe dar um tempo para se vestir e então quero que vá ao meu estúdio para que possamos resolver isso da maneira apropriada.

LOUISA RECOSTOU-SE contra a porta do banheiro e sentia as pancadas fortes do punho de Luke do outro lado da madeira, enquanto gritava ordens. Deixou o corpo deslizar até o chão e abraçou as pernas. Foi quando percebeu que estava na mesma condição de três meses antes, quando percebeu pela primeira vez que se apaixonara por ele. Mas desta vez ela se recusou a chorar enquanto ouvia o som dos passos dele se afastando.

Cobriu o ventre com as mãos trêmulas e sussurrou:

— Não se preocupe, bebê. Seu pai pode não amá-lo, mas eu prometo que o amarei o suficiente por nós dois.

CAPÍTULO DEZOITO

LUKE COLOCOU a raquete dentro do armário e trancou a porta com força.

— Hei, calma! Não bata a porta com tanta força! — aconselhou Jack, no momento em que entrou no vestiário do Mayfair Sports Club. — Você não pode ganhar todas!

— Eu sei. Mas já faz duas semanas que não acerto uma partida! — Luke exclamou.

— Talvez seja porque você anda muito distraído — salientou Jack, enquanto sentava no banco para tirar os tênis.

Luke suspirou fundo e massageou a base da nuca por alguns segundos. Precisava relaxar. Estava se comportando como uma criança que detesta perder um jogo. Jack deveria, pensar que ele estava ficando maluco. Sentiu-se corar só de lembrar de como se conduzira na quadra.

— Eu me comportei como um idiota no jogo de hoje. Espero que me perdoe, Jack — pediu ele, enquanto retirava a camiseta suada e a socava na mochila. Uma tremenda dor de cabeça lhe martelava as têmporas.

A verdade era que sua atuação não tinha sido ruim apenas na quadra de esportes. Não conseguia concentrar a atenção nem mesmo nos negócios. E isso lhe custara um prejuízo de duzentos mil dólares no curto espaço de cinco minutos.

— Não se aborreça com isso — respondeu o amigo, no mesmo momento em que enrolava uma toalha nos quadris — O que acha de tomarmos um lanche na saída?

— Ótimo — concordou Luke.

Enquanto Jack se dirigia para a ala dos chuveiros, Luke descalçou os tênis e colocou-os na mochila junto com a camisa.

Ele sabia exatamente por que estava tão contrariado. Louisa DiMarco havia varrido sua vida como um furacão e depois desaparecera, deixando-o só para recolher as ruínas que sobraram. Aquela mulher era pior que um desastre natural. Quem sabe agora ela estivesse satisfeita consigo mesma pelo que havia feito.

Luke ainda não podia acreditar que ela fugira dele. Principalmente depois de confessar que o amava. Se ela o amasse de verdade, teria ido ao estúdio como ele lhe pedira e não escapado de Havensmere sem ao menos se despedir.

A fúria que ele sentiu ao descobrir que ela havia partido ainda o afetava. Ele considerou ao observar as mãos trêmulas no momento em que guardou o restante das roupas na mochila e enrolou uma toalha nos quadris.

No minuto em que a sra. Roberts lhe contara sobre a partida de Louisa, ele ainda correu para a garagem com a intenção de apanhar o carro e persegui-la. Depois desistiu.

Do que adiantaria? Seria ela quem deveria chegar ao bom-senso. Eleja tinha feito seu papel e aceitado a responsabilidade pelo que acontecera. Havia proposto um casamento e assumido o filho. O que mais ela queria? A retribuição pela atitude decente que tivera fora a recusa dela em casar com ele e desaparecer como fugitiva.

E à medida que os dias se passavam e ela nem mesmo lhe telefonava, a raiva aumentava. Louisa não passava de uma tola irresponsável. Será que ela não percebia o quanto precisava dele? Como iria conseguir viver naquele minúsculo apartamento depois que a criança nascesse? E quanto ao seu emprego?

Luke entrou em um dos cubículos do banheiro e ligou o chuveiro. Podia ouvir a voz de Jack, em um cubículo próximo, cantando uma canção romântica. Ele sempre cantava no chuveiro e Luke se divertia com isso.

Como é que Jack podia parecer tão despreocupado, se tinha tantas responsabilidades e bocas para alimentar?

Luke sorriu e deixou a água morna cair abundante nas costas enquanto ouvia o amigo cantar. Quando prestou atenção na letra da música e percebeu que se referia a um homem sozinho e abandonado, não achou mais graça e começou a ensaboar-se. Jack poderia cantar aquela música sem nenhum ressentimento, pensou Luke. Afinal,

quando retornasse para casa, sua linda esposa Mel estaria lá. O caçula enlaçaria seu pescoço, assim que o levasse ao colo. E quando abrisse a porta de entrada, com certeza, a linda garotinha de olhos azuis correria para os seus braços e o chamaria de *papai*.

E quanto a ele? O que o esperava?

Sua independência. Seu orgulho. Seu autocontrole.

De alguma forma, a satisfação que Luke sentia por todas essas conquistas haviam perdido o sabor. E ele sabia que o *lar* para o qual teria que retornar, não passava de uma cobertura solitária. Ou, então, uma mansão no campo que se tornara insuportavelmente vazia sem a presença de Louisa.

Enquanto friccionava os músculos doloridos com uma esponja de banho, procurava distrair a frustração que o acompanhava nas duas últimas semanas.

Quando Luke entrou no vestiário, Jack estava vestido e terminava de pentear os cabelos.

— Ei, amigo! Você não me parece nada bem! — Jack exclamou com as sobrancelhas erguidas.

Luke pendurou a toalha úmida no cabideiro e retirou do armário uma cueca samba-canção.

— E mesmo? — Luke respondeu com ironia. Porém, sabia que não poderia enganar o amigo.

Na verdade, Luke não se sentia tão desolado e confuso desde o dia em que soube da morte da mãe e ainda era apenas um pequeno garoto de sete anos.

— Quer falar sobre isso? — perguntou Jack.

— Estou bem, Jack. Pode acreditar.

Luke não tinha tanta amizade com Jack a ponto de lhe revelar seus segredos. Aliás, não tinha esse tipo de amizade com ninguém. E falar sobre seus sentimentos com alguém só o faria sentir-se mais vulnerável.

Uma pontada de dor e ressentimento apertou-lhe o coração.

Louisa o forçou a falar sobre seu passado. E o que aconteceu? Ela simplesmente desapareceu de sua vida. E essa era mais uma prova da inutilidade de revelar sentimentos. Por isso que ele se recusava a confiar no amigo.

— Esse mau humor não tem nada a ver com a ultrassonografia que Louisa fará hoje, não é?

Luke parou de abotoar a camisa por um instante e girou cabeça na direção do amigo. Não tinha idéia sobre o que Jack falava, mas ficou surpreso pelo olhar de compaixão que o outro demonstrava.

Jack deu um tapinha de consolo num ombro de Luke e aconselhou:

— Não se preocupe, amigo. Tenho certeza que não há nada de errado. Eu e Mel também levamos um susto desses, quando ela estava grávida de Cal.

Luke levou alguns segundos para assimilar sobre o que Jack falava.

— Que tipo de susto?

— Você não está sabendo?

— Sabendo o quê? — Luke perguntou, atônito.

— Louisa tinha uma consulta pré-natal agendada ontem com o ginecologista. E aconteceu que ele não conseguiu, ouvir o batimento cardíaco do bebê e...

O sangue sumiu rosto de Luke.

— Está me dizendo que aconteceu alguma coisa com o bebê?

— Acalme-se. Deixe-me explicar. O médico suspeita que o equipamento que ele usou talvez esteja com defeito. Já não vinha funcionando bem há algumas semanas. Por isso ele pediu que Louisa marcasse uma ultrassonografia, apenas para se assegurar de que está tudo bem. Contudo, o doutor não demonstrou preocupação e por isso você também não deve entrar em pânico.

— Em que hospital ela fará o exame? A que horas? — Luke quis saber, com as mãos trêmulas, mal conseguindo amarrar os cordões do sapato.

— No University Centre Hastings. Sei que está marcado para essa tarde, mas não tenho idéia do horário.

— Não poderia ligar para Mel?

— Claro — Jack tirou o celular do bolso e ligou para casa. Levou mais de cinco minutos tentando convencer a esposa a lhe revelar o horário do exame.

Luke terminou de se arrumar em poucos segundos e ao mesmo tempo pensava. Por que Louisa não lhe avisara de que poderia ter acontecido algo de ruim ao bebê? Ele tinha o direito de saber. Apesar das diferenças que enfrentavam, Louisa deveria estar precisando dele num momento daqueles. Será que o seu orgulho era tanto que não lhe permitia pegar um telefone e comunicá-lo?

Assim que tivesse certeza de que tudo estava em ordem, pretendia ter uma boa conversa com Louisa. E, quem sabe, nunca mais permitiria que ela e o bebê sumissem de sua vista.

CAPÍTULO DEZENOVE

LOUISA DESCEU a escadaria do hospital e deu um longo suspiro quando atingiu a calçada. Estava exausta. Passara a noite acordada e temia pelo que a ultrassonografia pudesse revelar.

Agora, tudo o que desejava era passar uma semana inteira na cama. Precisava contar as novidades para Mel e cancelar o compromisso para o café. Estava cansada



demais para fazer outra coisa que não fosse dormir.

Estava vasculhando a bolsa para encontrar o celular, quando ouviu o guinchar dos pneus de um carro parando bem na sua frente. Ergueu a cabeça e reconheceu o conversível. O último homem sobre a face da terra que desejava ver, acabara de sair do veículo e caminhava na sua direção.

— Já terminou o exame? — Luke perguntou ansioso. Louisa empinou o nariz.

— O que você está fazendo aqui?

Luke segurou-lhe um braço.

— Você está bem? E o bebê?

— O que lhe importa? — ela respondeu com frieza e tentou libertar-se. Não queria que Luke a tocasse, mas estava tão fraca que ele não teve dificuldade em mantê-la segura.

— Apenas responda a minha pergunta. O que o médico falou?

— Ele afirmou que está tudo bem.

Luke relaxou e libertou o braço de Louisa. Depois, suspirou com alívio.

— Tem certeza disso?

— Sim. Tenho certeza. Agora pode ir embora.

Louisa nem mesmo esperou pela reação dele. Girou o corpo e começou a caminhar na direção do ponto de ônibus mais próximo. O que Devereaux pensava sobre ela e o bebê já nem lhe importava mais.

Dera apenas alguns passos quando o ouviu gritar, logo atrás dela:

— Volte aqui! Precisamos conversar!

— Não temos nada para conversar — ela respondeu, sem interromper a caminhada. Se ela caísse na conversa dele mais uma vez, jamais se perdoaria.

Luke ultrapassou-a com facilidade e bloqueou-lhe o caminho com o próprio corpo.

— Por que não me ligou para falar sobre a ultrassonografia e o fato de o médico não ter ouvido o batimento cardíaco do bebê?

— E por que eu deveria? Você deixou bem claro que não queria se envolver em nossas vidas.

— Eu nunca afirmaria isso. O bebê é meu também.

Louisa podia sentir o pânico na voz dele e a preocupação no olhar. Talvez fosse alguma reação de culpa por causa do senso de responsabilidade. Porém, o fato de Luke assumir seu dever, não significava que ele a amasse. Portanto, se não fosse por amor, não lhe interessava a proteção que ele lhe oferecia. Ela se sentia plenamente capaz de lidar com a situação sem a interferência de Devereaux.

— Este bebê não é mais seu filho. É apenas meu. E pode estar certo de que conseguiremos sobreviver sem a sua ajuda. Por isso, pode parar de se preocupar com a

nossa vida.

LUKE ESTAVA tão surpreso com a reação de Louisa que nem mesmo conseguiu falar. Por um instante uma sensação de perda o invadiu. E quando ela tentou contorná-lo para prosseguir na caminhada, ele a impediu segurando-a pelos ombros.

— É evidente que precisa de mim, Louisa. Como vai fazer para criá-lo? Se eu não assumir a paternidade, ele não passará de um bastardo. E pode acreditar que eu sei a amargura que alguém sente nessa condição. — Então, suavizando o tom, Luke acariciou-lhe um braço e felizmente sentiu uma ligeira reação em resposta. — Pense nisso, Louisa. Você e o bebê precisam de mim.

— Eu precisei de você ontem — ela finalmente confessou, com a voz embargada pela emoção. — Estava apavorada com o que pudesse ter acontecido ao bebê e precisava que você segurasse a minha mão e me dissesse que eu estava dramatizando demais e estava apenas sendo tola. Mas você não estava lá. E não estava porque simplesmente escolhera não estar. E agora é tarde demais.

— Não. Não é tarde demais, Louisa. Você disse que me amava. E se isso é verdade, me dará uma nova chance.

— Uma nova chance para quê? Para dormirmos juntos de vez em quando? Essa não é a vida que quero para mim e nem para o meu filho.

— Nós poderemos viver juntos, se é isso o que deseja.

— Eu não estou falando de um lugar para morar, Luke. O que eu quero é um homem que me ame de verdade e seja um verdadeiro pai para o meu filho. E acho que você não se encaixa em nenhuma dessas condições.

— Você nunca me entendeu, Louisa. Não se trata de não amar você ou o bebê. O problema é que eu não posso.

LOUISA ASSOMBROU-SE com o desespero que percebia no tom de voz de Luke. Será que ele acreditava mesmo que não poderia amar ninguém? Um fio de esperança surgiu na mente de Louisa. Talvez estivesse errada quanto ao julgamento que fizera a respeito dele.

— Por que razão não pode nos amar?

Ele enfiou as mãos nos bolsos e encolheu os ombros.

— Não importa.

— É claro que importa, Luke. Isso tem a ver com o seu pai?

— Não quero falar sobre algo tão pessoal em plena rua. De qualquer maneira, não considero tão importante falar sobre o meu pai.

Louisa podia perceber-lhe a angústia e precisava forçar a situação se quisesse mesmo saber a verdade.

— Estamos a poucas quadras do parque. Se fôssemos até lá, poderíamos ter um pouco de privacidade.

Luke relutou a princípio, mas acabou concordando.

Assim que estavam acomodados em um banco à sombra de uma frondosa árvore, Louisa foi a primeira a falar:

— O que aconteceu entre você e seu pai, Luke?

— Eu não representava para ele mais do que um fardo inconveniente. Ele sempre me ameaçava com algum tipo de castigo se eu contasse para alguém que era seu filho.

— Como alguém poderia ser tão cruel com uma criança que não tinha mais ninguém no mundo? — Louisa murmurou, penalizada.

— Quando ele ficou mais velho e sabia que não teria mais filhos, começou a me procurar. Porém, eu já era adulto e não precisava mais do apoio dele.

— E por causa do seu sofrimento você não quis amar mais ninguém?

Luke assentiu.

— Eu o desprezava, mas isso nada tem a ver com o nosso relacionamento.

— Está enganado. O fato de ter se sentido rejeitado pelo próprio pai o fez acreditar que não merecia o amor de ninguém. Infelizmente, seu pai ocasionou um trauma em você, quando ainda era uma criança. E se não der uma oportunidade a si mesmo, será ele quem terá vencido.

— Eu acreditava que jamais conseguiria ser um bom marido e um pai verdadeiro. Por isso, eu lhe propus que você e o bebê ficassem sozinhos. Eu os vigiaria de longe. Era o melhor que poderia fazer. Não queria estragar a felicidade de vocês com as minhas amarguras.

— Agora chega, Luke! Você não será um pai terrível e nem um marido desprezível. Quer saber o que eu sinto quando olho nos seus olhos?

— Não sei se quero...

— Eu vejo um homem que não acredita que já é um excelente pai pela maneira como se preocupa com o filho que ainda nem nasceu. Um homem que cozinhou para mim e se importou comigo apesar de mal me conhecer. Um homem que conseguiu transformar o lugar que ele dizia detestar em um lar. Um homem que consegue me fazer rir e me levar à loucura ao mesmo tempo. E, acima de tudo, um homem que parece precisar de mim, tanto quanto eu preciso dele.

— Você me assusta, Louisa. Sabia disso?

— É porque você não está acostumado a acreditar em si mesmo. Na sua capacidade de amar.

— Tem certeza de que aceitaria o risco de me aceitar?

— Eu já o aceitei há muito tempo. Você é que não prestou atenção...

EPÍLOGO

— ACHO QUE eu a odeio! — exclamou Mel em tom zombeteiro e depositou os óculos escuros sobre a mesinha da piscina, ao lado da espreguiçadeira. Em seguida lançou um olhar insinuante para o biquíni que Louisa usava:

— Como se atreve a já estar assim tão elegante?

—Segredo dos ricos e famosos, querida. E não costumamos compartilhar isso com qualquer um — Louisa respondeu, empinando o nariz e prosseguindo com a brincadeira.

— Grande coisa! — respondeu Mel. — Nunca imaginei que o título de Lady Berwick lhe subisse tanto à cabeça!

Louisa riu ao ver a expressão cômica no rosto da amiga. Ambas sabiam que Louisa ainda não havia conseguido perder o peso extra que adquirira na gravidez do pequeno visconde de Berwick e que agora parecia feliz em sugar-lhe o leite umas vinte vezes por dia.

Talvez Louisa nunca mais recuperasse a figura esbelta a que estava acostumada, porém isso não a importava. Estava mais feliz do que nunca. E, afinal, Luke havia demonstrado naquela mesma manhã o quanto adorava a "nova mamãe".

Na beirada da piscina Luke e Jack conversavam animadamente. Clare, a filha mais velha do casal, repousava a cabeça num ombro do pai, enquanto Cal e Ella se entretinham no banco de areia que Luke e Jack improvisaram naquela manhã.

Louisa olhou comovida para os "homens" de sua vida e algumas lágrimas de alegria brotaram em seus olhos. Luke amparava o filho quase adormecido sobre os músculos rígidos do peito e inconscientemente afagava as costas do bebê, enquanto prosseguia a conversa com o amigo. "*Como Luke poderia ter pensado que não seria um bom pai?*", pensou Louisa e ao mesmo tempo afastou as lágrimas que agora escorriam.

— Não sei o que existe nos homens e nos bebês que nos fazem chorar — comentou Mel, também com os olhos marejados ao contemplar sua família.

— Olhe só para nós! Parecemos duas tolas. É melhor pararmos com isso antes que eles nos vejam.

— Não se preocupe. Estão muito ocupados discutindo sobre futebol ou política.

Louisa sorriu e cerrou as pálpebras.

— Como pudemos ter tanta sorte, Mel?

— Não se trata de sorte, Lou. Acho que ambas trabalhamos duro para conseguir conquistar aqueles dois solteirões convictos.



— Tem razão — Louisa concordou com um murmúrio sonolento e uma expressão feliz. Depois, deu um suspiro profundo e se deliciou com o aroma das flores dos jardins de Havensmere, que ela e Luke plantaram juntos naquela primavera.

Ainda meio adormecida, Louisa lembrou-se de que havia se esquecido de tomar a pílula anticoncepcional na noite anterior. E o mais fantástico foi que ela nem mesmo ligou. Não se importava de encher a mansão de pequenos Devereaux, desde que alguns deles fossem meninas. Afinal, ela não gostaria que o time feminino da casa perdesse para o masculino...

****Fim****